REPENSE SEUS VILÕES



VENENO

SAGA ENCANTADAS - LIVRO 1

SARAH PINBOROUGH

Gerente Editorial
Mariana Rolier

Editora
Marília Chaves

Editora de Produção Editorial
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção
Fábio Esteves

Tradução
Edmundo Barreiros

Preparação
Books & Ideas

Projeto Gráfico e Diagramação
Esper Leon | Nhambikwara Editoração

Revisão
Adriana Cristina Bairrada

Imagens de Miolo
iStockphoto

Capa
Eduardo Camargos

Imagens de Capa
Margarita Kareva | Sylwia Makris

P rodução do e-book
Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente
Título original: *Poison*
Copyright © by Sarah Pinborough 2013
Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.
Rua Pedro Soares de Almeida, 114
São Paulo, SP – CEP 05029-030
Tel.: (11) 3670-2500
Site: www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pinborough, Sarah
Veneno / Sarah Pinborough; tradução de Edmundo Barreiros. – São Paulo: Única Editora, 2013.
Título original: Poison

ISBN 978-85-67028-10-1

1. Ficção inglesa I. Título.
13-07963 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura inglesa 813

Para Paul Kane e Marie O’Regan

Ver a felicidade de vocês dois me faz acreditar no amor verdadeiro
(o que às vezes pode, para ser justo, ser um feito e tanto!).



Sumário

Capítulo 1 - Ar e terra, luz e sombra
Capítulo 2 - Um gigante dos Montes Ermos
Capítulo 3 - Um desejo é apenas uma maldição disfarçada
Capítulo 4 - Traga-me o coração dela
Capítulo 5 - A melhor coisa é uma maldição, sabia?
Capítulo 6 - Nada de bom pode vir de uma velha bruxa
Capítulo 7 - Uma princesa desapareceu
Capítulo 8 - Um príncipe perdido e uma princesa amaldiçoada
Capítulo 9 - Vamos nos casar
Capítulo 10 - O que o pai dele ia dizer?
Capítulo 11 - O vinho nunca resolveu os problemas de ninguém
Capítulo 12 - Se vai fazer você feliz...
Epílogo



CAPÍTULO 1

Ar e terra, luz e sombra

-Ela está velha demais para esse apelido — disse a rainha. Ela estava de pé junto à janela do quarto de dormir real olhando para o pátio abaixo. O sol da manhã descia sobre o solo, mas o ar ainda estava frio. Ela tremeu. — Precisa começar a se comportar como uma dama. Uma princesa.

— Ela é jovem. Ainda há tempo o bastante para isso. E, de qualquer modo — riu o rei, um som rouco que parecia nascido nas entranhas da terra ou na lama do campo de batalha —, você lhe deu esse apelido. — Ele saiu da cama e caminhou com passos pesados. *Ele* era pesado. E ainda estava ficando mais pesado. Ela tinha se casado com um glutão.

— Ela não é mais tão jovem. Só quatro anos mais nova que eu — disse a rainha, contrariada. De trás dela veio o som de líquido caindo sobre cerâmica e pela milésima vez ela desejou que ele tivesse feito a graça de pelo menos urinar em outro aposento. — Foi só uma observação despretensiosa para dizer que estava pálida. Não era um elogio. A ideia era que fosse uma brincadeira. — As palavras dela em voz baixa não foram ouvidas enquanto o marido continuava com suas barulhentas funções corporais. — E foi há muito tempo — murmurou

cheia de amargura.

Ela observou quando, lá embaixo, a jovem desmontou. Ela vestia calças de montaria marrons e cavalgava com as pernas longas separadas, uma de cada lado do cavalo, como um homem. Sua camisa era frouxa, mas, tocada pela brisa leve, grudou-se às suas formas magras elegantes, esvoaçando sobre a curva dos seios fartos e caindo sobre a barriga lisa. Os cabelos muito negros caíam sobre os ombros e, enquanto entregava as rédeas do garanhão ao jovem cavalariço, jogou a crina do animal toda para um lado, e ela refletiu a luz do sol. Ela sorriu e tocou o braço do garoto, e eles trocaram uma piada que a fez gargalhar. Lábios vermelhos como cerejas. Pele branca com leve toque de um rosa escurecido; olhos de um violeta reluzente. Um turbilhão vivo de clichês. Tão livre. Tão *longe* de preocupações.

A boca da rainha se apertou.

— Ela não devia cavalgar tão cedo na floresta. Não é seguro. E também não devia ir a lugar nenhum vestida como um rapaz comum.

— Todos no reino sabem quem é Branca — disse o rei. — Ninguém ousaria lhe fazer mal. Ninguém ia querer fazer isso. Ela é como a mãe; todos a amam.

Não havia tom de reprovação em sua voz. A farpa não foi intencional, mas feriu mesmo assim. A santificada esposa morta. A glorificada filha linda. A boca da rainha se retorceu levemente.

— Ela devia estar pensando em casamento. Procurando um par decente para o reino.

Lá embaixo, Branca de Neve dava tapinhas carinhosos no lombo do cavalo enquanto o cavalariço o levava embora; depois, virou-se para entrar no castelo. Com a consciência repentina que um camundongo pode ter quando uma coruja voa acima dele, ela olhou para cima e seu olhar encontrou o da madrasta. Seu sorriso vacilou por um instante, mas logo ela acenou em um gesto de saudação. A rainha não respondeu. Branca de Neve baixou a mão.

Qual seria sua aparência vista lá debaixo, perguntou-se a rainha. Será que seus cabelos louros reluziam à luz do sol? Ou ela era apenas um fantasma ressentido, uma sombra contra o vidro? Ela apertou a mandíbula delicada. A garota desapareceu de vista, mas mesmo assim os dentes da rainha continuaram cerrados. Elas duas não podiam ficar juntas naquele castelo por muito mais tempo. Ela não podia mais aguentar. Ficou parada onde estava, olhando pela janela; após alguns instantes, o rei veio e parou às suas costas.

— Ainda é cedo — disse ele, com o corpo gordo bem apertado contra as costas dela. Ele a envolveu com os braços pela cintura e a puxou para mais perto antes de deslizar a mão entre as fitas da camisola de dormir, à procura dos seios. Os dedos dele eram rudes e ásperos contra sua pele; o toque de um soldado. Ela

o deixou acariciá-la.

— Devíamos voltar para a cama — murmurou excitado no ouvido dela. — Você sabe que amanhã vou de novo para a guerra. — Ele a puxou da janela com uma das mãos por dentro de sua roupa enquanto a outra puxava os laços que a mantinham no lugar. — Mostre-me quanto você vai sentir saudades minhas.

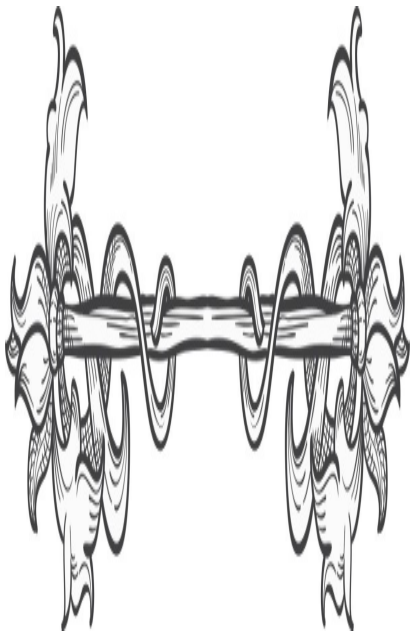
Ela, por fim, virou-se da janela e olhou para ele, que já estava de olhos vidrados, e isso a fez sorrir. Ela precisava fazer tão pouco para deixá-lo daquele jeito. Sua esposa morta devia ser muito amada, mas nunca tivera esse poder. Ela nunca se dera conta de que o marido era um glutão por tudo, ou que todos os homens queriam mais do que apenas boa comida na mesa e a excitação dos campos de batalha. Eles também queriam excitação no quarto.

Ela empurrou o rei de costas na cama e então terminou o trabalho que ele havia começado em sua camisola, que deslizou para o chão e ela ficou parada nua diante dele. Sorrindo, se aproximou e tocou os lábios nos dele, provocante, antes de se ajoelhar. Seus olhares se cruzaram – o dela, lascivo e desafiador; o dele, indefeso e cheio de carência. O nó no estômago dela se desenrolou. Ele era seu títere. Sua esposa morta podia ter sido mais amada que ela, mas o amor era irrelevante. Ela não se importava com quanto ele a amava, era mais importante que ele a *quisesse*. E por mais que as atenções dele fossem rudes e bruscas, ela aprendera a lhe dar mais prazer do que qualquer outra mulher que ele tivera, incluindo sua antecessora morta. Ele chamava a mulher de sua Feiticeira das Águas, porque se um dia houve uma Dama do Lago, esta devia se parecer com ela, sua nova rainha que o havia encantado tanto. E apesar de ter idade o bastante para ser seu pai, ela entendia o poder que isso dava a ela. Homens eram simples. Eram manipuláveis. O rei era seu fantoche, e ela ia mantê-lo assim. Ela endureceu o coração e passou os dedos delgados pelas coxas dele de um jeito que as unhas vermelhas arranharam levemente sua pele.

Ele se contraiu um pouco. Ela se inclinou para a frente e provocou a ponta de seu membro com a língua.

— Você é tão linda — murmurou o rei.

Sim, pensou a rainha. *Sou mesmo*. O rosto de Branca de Neve surgiu de repente em sua mente, e ela o afastou com raiva enquanto o engolia.



O rei e seus homens partiram no dia seguinte em um desfile glorioso com toda pompa e cerimônia. A rainha assistia das ameias enquanto ele partia para fazer sua guerra contra reinos vizinhos. Apesar de ser verão, caía uma chuva muito fina que criava uma névoa. Cortesões disseram que o céu estava chorando por ver seu rei partir e arriscar a vida pela segurança deles e pela força do reino. Lilith, a rainha, sua Feiticeira das Águas, não acreditava nisso. Chuva era apenas chuva, e o rei lutava pela própria ambição, não por seu reino. Essa era a única qualidade dele de que ela gostava. A única que conseguia compreender.

Quando os portões se abriram, ele se virou e acenou para ela, que se despediu com uma leve reverência de cabeça. Os olhos da cidade abaixo se esforçavam para vê-la. Esperavam que ela chorasse, mostrasse alguma emoção por trás da beleza de gelo, mas ela não lhes daria esse gosto. Era uma rainha. Não atuava para o populacho. Eles não tinham para ela a menor importância, não eram o *seu* povo.

Gritaram vivas, e a multidão desviou seu olhar dela como se ela não tivesse passado de uma distração momentânea. O cavalo do rei parou quando uma figura correu em sua direção: uma garota de azul, segurando a barra do vestido para não arruiná-lo, mas mesmo assim correndo com a alegria de uma criança que ainda precisa ser reprimida em um espartilho em vez de mimada. Branca de Neve, é claro. Acima de todos, o céu cinzento se abriu, e uma faixa de luz do sol iluminou o castelo e seus arredores. Se antes as pessoas comuns estavam olhando para Lilith com um fascínio cauteloso, agora olhavam para pai e filha – especialmente a filha – com amor e carinho.

A rainha permaneceu de queixo empinado. Sua coluna estava ereta por causa do espartilho que a amarrava, mas ficou ainda mais rígida com aquela demonstração piegas de emoção que ocorria abaixo. Branca de Neve ficou na ponta dos pés enquanto o pai se debruçava para a frente e o abraçou pelo pescoço, antes de entregar a ele algo que trazia escondido às costas. Uma maçã. Uma maçã vermelha reluzente, perfeita, com a casca encerada refletindo a repentina luz do sol. A multidão deu vivas outra vez quando o rei pegou a fruta e seu rosto se abriu em um enorme sorriso. Branca de Neve se afastou; em seguida fez uma reverência e baixou a cabeça – sempre a boa filha e a princesa obediente e cumpridora de seus deveres. As pessoas enlouqueceram. Branca de Neve, a rainha de seus corações. A garota que podia conquistá-los com algo tão simples quanto uma maçã. Tudo era tão fácil para a bela, adorável e perfeita Branca de Neve.

Lilith não esperou que os portões se fechassem após a partida do marido e logo se virou e se dirigiu apressada e com arrogância de volta para o castelo. O rei tinha partido. Na última vez que ele fora para a guerra, ela era uma jovem recém-casada, mas agora era uma mulher. Uma rainha. Estava no comando e dessa vez ia garantir que sua presença fosse sentida.

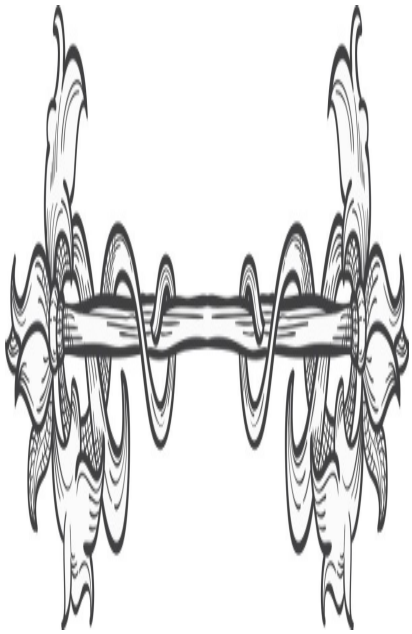
A garoa se transformou em tempestade, e todo o castelo foi envolto em um silêncio sombrio. Na hora do jantar, a rainha não foi para o salão de banquetes formal; em vez disso, pediu que lhe enviassem uma refeição leve para o quarto. Esperou até o último minuto, sabendo que os cozinheiros teriam preparado várias carnes assadas e iguarias para que escolhesse entre elas, antes de mandar um criado buscar apenas pão, queijo e vinho. Os cozinheiros iam reclamar sobre o desperdício de uma maneira que jamais fariam se o rei fizesse o mesmo, mas ninguém faria isso na cara dela, e isso era tudo o que importava. O rei ficaria ausente por muito tempo e quanto mais rápido eles aprendessem a fazer o que lhes era mandado, melhor. Ela tinha sido forçada àquele reino e àquele casamento contra sua vontade, mas estava aprendendo a tirar o melhor da situação. Sua vida podia ter sido bem pior.

Enquanto esperava que a banheira enchesse, olhou para a chuva do lado de fora e para o brilho distante das forjas e minas onde trabalhavam os anões. Cada equipe trabalhava turnos longos, e os fogos nunca apagavam. Aquela era uma terra dura, e os anões eram o mais duro de seus povos. Às vezes ela se perguntava se eles eram duros apenas por terem passado tantos anos se matando de trabalhar na encosta rochosa, mas quando ela mencionou isso ao rei, ele ficou com muita raiva. Ele disse que os anões gostavam de seu trabalho. Ela não os havia visto cantando? As palavras dela o incomodaram. Ele não gostava de ser visto como cruel e inclemente, nem mesmo por ela.

Ela guardou seus pensamentos para si depois disso, mas podia se lembrar de homens cantando em sua própria terra natal. Aqueles homens tinham sido capturados em terras distantes e trazidos através dos mares. Sua pele escura era muito diferente do branco leitoso da dela, e eles também cantavam enquanto eram obrigados a socar a terra e abrir novas estradas. Às vezes uma canção era a única coisa que restava a um povo.

Entretanto, de algum modo aquela reação do rei a divertira. A que se devia essa necessidade de ser visto como benevolente? Se é para ser cruel, então admita isso. Abrace isso. Qualquer outra coisa era apenas autoilusão e fraqueza.

O barulho dos cascos de um cavalo cantava acima do ruído da chuva, e ela abriu a janela para espiar na noite. A chuva bateu fria em seu rosto e ela fechou os olhos para se proteger. A figura magra e alta envolta em uma capa sobre o cavalo carregava uma cesta com algo pesado e uma mecha de cabelos negros esvoaçava solta ao vento.



— Mudei de ideia — disse a rainha com arrogância. — Quero meu jantar agora.

Os cozinheiros e as criadas da cozinha mantinham a cabeça baixa. Ela podia ver a pele deles corar pela raridade daquela visita. Ela era a rainha. Não se aventurava nas cozinhas.

— Todo ele. Sei quais são os pratos e espero vê-los todos aqui. — Sua voz foi recebida com silêncio. Lá fora, um trovão ribombou. Ela caminhou com

cuidado ao longo da mesa da cozinha onde as travessas do salão de jantar haviam sido dispostas. — Entretanto, não estou vendo alguns. Onde está o pombo? E o veado? Sempre temos um pernil. — Suas palavras eram tão duras quanto os diamantes que a cobriam, lascas de gelo que enchiam o ar. — Será que algum de vocês o roubou?

— Não, sua majestade — disse por fim a chefe dos cozinheiros, uma mulher gorda e envelhecida com verrugas no queixo, e apesar disso com uma expressão terna que revelava histórias de um casamento feliz e duradouro e crianças em seus calcanhares. — Sabe que não faríamos isso.

Lilith notou um leve tom de reprovação em sua voz. Como se estivesse falando com uma criança mimada em vez de com sua rainha.

— Então quem foi?

— A princesa. Ela disse que era uma vergonha jogar aquilo tudo no lixo. Disse que havia muita gente necessitando de um banquete daqueles.

— Quem exatamente? — O estômago dela se retorceu em um nó de cobras geladas como costumava acontecer quando a garota era mencionada, mas ela permaneceu tranquila. Tinha prática nisso. — Meu marido é um rei generoso. Dizer o contrário é traição.

As cabeças dos criados baixaram ainda mais, de repente conscientes de que tinham inadvertidamente pisado em chão perigoso, mas a cozinheira apenas retorceu uma sobrancelha.

— Os anões, sua majestade. Ela levou a comida para os anões. Eles estão trabalhando em plena tempestade. Ela gosta muito deles.

— Mas o que ela tinha de fazer na cozinha no fim das contas? — A rainha continuava a se mover em torno da mesa, com a mão magra e enfiando o dedo nos pratos e tocando a comida, estragando-os para qualquer um ali que tivesse pensado em comê-los no jantar. — Aqui não é lugar para a família real.

— Ela sempre vem aqui — disse a cozinheira. — Desde que era pequena e a boa rainha morreu.

A *boa* rainha. A palavra não lhe passou despercebida.

— Ela precisava de um pouco de amor — prosseguiu a cozinheira. — Isso não fez mal nenhum a ela.

— Isso é discutível. — Seu sorriso parecia um corte a navalha em seu rosto. — Ela não se comporta exatamente como deveria se portar uma dama em sua posição. Acho que sua interferência a estragou. — Ela se aprumou altiva. — Ela não vai mais voltar aqui. Se ela vier, jogo qualquer um de vocês que permita isso nas masmorras. Vocês sabem o tipo de criaturas que mantemos lá embaixo. Vocês não durariam muito.

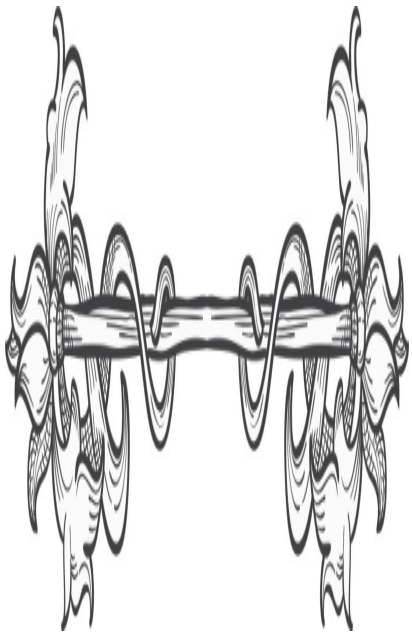
— O rei não iria...

— O rei não está aqui — Lilith a interrompeu. — E duvido que ele ficasse impressionado ao saber que seus lautos jantares refinados são oferecidos aos anões. Ele vai passar muito tempo longe, por isso vocês vão fazer o que eu mandar. — Ela se virou para ir embora, e seu pesado vestido foi arrastando no chão. — Ah, e mais uma coisa. — Seus olhos frios caíram sobre a cozinheira. — Você está dispensada. Pegue suas coisas e deixe o castelo pela manhã. Não quero mais vê-la aqui.

Olhares e gestos de surpresa e espanto que se espalharam pelo aposento foram satisfação suficiente, assim como a expressão no rosto da mulher, boquiaberta e de olhos arregalados sem poder acreditar, como se de repente tivesse levado um tapa forte. E de certa forma tinha mesmo.

— E considere-se com sorte — acrescentou a rainha. — Você ouviu os rumores sobre mim. Como enfeiticei o rei? Como ele me chama de sua bruxa? Meu sangue tem magia, e todos vocês sabem disso. Tenho sido boa, sua velha. Poderia tê-la transformado em uma velhinha torta e encarquilhada.

Ela não esperou pela reação deles, mas foi embora daquele calor sufocante no coração do castelo. Ela podia não ter o amor deles. Mas teria seu medo.



O único lugar em que a rainha realmente relaxava era no quarto secreto que tomara para si assim que chegara. Ficava na ala oeste do castelo, o lado que raramente recebia luz e, por isso, tinha sido praticamente abandonado. Os criados se moviam como fantasmas pelos aposentos, encerando o piso e

garantindo que tudo reluzisse independentemente de o lugar não ser visitado por ninguém além dela.

Seu santuário ficava no fundo da grande biblioteca, um salão bonito, amplo e abobadado cheio de fileiras de livros empoeirados que guardavam todas as narrativas e a história daquela terra, algumas verdadeiras, algumas que simplesmente acreditavam ser verdadeiras, outras que de algum modo se tornaram verdades com o passar dos anos. Logo que se casaram, o rei resolveu acabar com a biblioteca e transformar o local em um salão de festas de inverno. Para que servia aquilo? Mas ela o convenceu do contrário. Sempre foi difícil para ele resistir a seu poder de persuasão, e quando chegasse o dia em que ele conseguisse, então ela recorreria a outros meios para manter seu interesse. Por mais que houvesse boatos, ela não havia precisado enfeitiçá-lo *ainda*.

Seu quarto secreto não tinha janelas, mas ela não se importava com isso, preferindo a luz mais suave das velas, das lâmpadas e dos candeeiros que dançavam sobre seus tesouros. Tomou um gole grande de vinho tinto e se recostou na cadeira, deixando os belos cabelos louros escorrer sobre o mogno negro como uma cascata. Havia tiras de tecido espalhadas pelo chão, e a rainha olhou para elas com satisfação. Aquela era uma bagunça que ela mesma teria de limpar. Ali não era permitida a entrada de criados.

Seu olhar repousou sobre os armários reluzentes de vidro que abrigavam seus pertences. Alguns ela trouxera consigo na viagem que fez com relutância para se casar; outras coisas tinha comprado disfarçadamente, sempre farejando o ar à procura do aroma de magia. Recentemente, porém, a maior parte viera do garoto que enviara para procurá-las. Logo ele novamente estaria de volta. O que será que teria encontrado dessa vez? Como sua bisavó tinha lhe ensinado, magia nunca era demais para uma mulher sábia.

Ela ficou de pé e apertou o robe negro enquanto se movia pelo aposento se reconfortando com os objetos e os vidros de poções e venenos. Não bastava possuí-los, era preciso saber como e quando usá-los. Mais que isso, era preciso estar *preparada* para usá-los. Seu rosto se refletia no vidro como um fantasma na água, fascinante e intocável. Ela era bonita. Sempre era a mulher mais bela em qualquer lugar que estivesse. Etérea, diziam dela tanto em suas próprias terras quanto nesta nova que tinha sido forçada a adotar como lar.

Sua mãe tinha a mesma beleza, e isso talvez tenha sido a única coisa que salvou as duas da fogueira quando o pai dela descobriu que eram frutos podres no cesto da família real. Quando ele descobriu sobre a bisavó dela na floresta, a velhinha encarquilhada na casa de doce onde Lilith tinha passado a infância aprendendo o ofício e brincando com ossos de crianças perdidas... Quando ele se deu conta de que em seu sangue corria a maldição das bruxas, ele as trancafiou

por dias. Mas a mãe dela não era boba. Usou a beleza contra ele. Lilith foi banida com um casamento, e seu pai, o rei, declarou aquela cabana e a região da floresta lugares proibidos. Os homens fazem muitas coisas pela beleza. Foi isso que Lilith aprendeu na ocasião. A beleza tinha uma magia toda própria.

— Sei que você está aí dentro! — As palavras vieram acompanhadas por batidas fortes na porta. A rainha deu um pulo, desperta de seus devaneios. Ela tornou a olhar para a bagunça no chão.

Branca de Neve.

— Sei que você está aí dentro! Abra a porta!

Como ela tinha descoberto aquele lugar? Ninguém sabia daquele quarto! Talvez o rei tivesse sabido um dia, mas há muito havia se esquecido. Seu interesse pela mulher não ia tão longe. Ela cravou os olhos na madeira grossa e permaneceu em silêncio. Houve mais uma série de batidas furiosas do outro lado.

— Você demitiu Maddy! Mandou-a embora para casa! Não vou a lugar nenhum até você abrir essa porta. Vou esperar até sair. Você não pode se esconder de mim para sempre!

A rainha ouviu os primeiros sinais de lágrimas na voz da garota e só então abriu as trancas que as separavam. Ela parou na entrada, bloqueando a visão de suas coisas. Não que isso importasse. Toda a atenção de Branca de Neve estava na madrasta. Seus olhos vertiam lágrimas, mas o rosto não estava afogueado nem os olhos estavam inchados. Seus fartos cabelos escuros pareciam uma crina sobre os ombros. Se a beleza de Lilith era etérea, então Branca de Neve era terrena. Rústica e sensual. Parada ali com o corpo todo tremendo de raiva e nervosismo, e com olhos irados e furiosos, fez Lilith achar que Branca de Neve tinha incorporado a coragem de um dos cavalos magníficos que ela tanto amava montar.

Mas cavalos eram domados. Eles *tinham de* ser domados. Assim eram as coisas. No fim, não seria diferente com Branca de Neve.

Lilith permaneceu impassível, uma parede de gelo frio diante do animal indócil. Ar e terra, luz e trevas.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela por fim, satisfeita com a leve irritação no tom de voz. — Este é um lugar particular.

— É aqui que você se esconde — disse Branca de Neve. — Sei disso há séculos. Por que mandou Maddy embora? Ela está aqui desde que eu era pequena. Você não pode mandá-la embora, simplesmente não pode! Eu levei a comida para a floresta, não ela. É culpa minha. Se alguém deve ser castigado, sou eu. E sinto muito mesmo. Não foi minha intenção incomodá-la. — Ela fez uma pausa. — Eu nunca tenho a intenção de incomodá-la, apesar de parecer que

não paro de fazer isso.

Agora que estavam cara a cara, sua fúria perdeu a chama que a movia. Branca de Neve nunca tinha aprendido a cultivar sua raiva como Lilith. A rainha havia observado isso nos três anos anteriores, desde que o casamento as transformou em uma família. A garota se encolerizava facilmente, e com a mesma facilidade esquecia. Sempre esperava o melhor das pessoas. Sempre queria que todos fossem felizes. Havia apenas quatro anos de diferença entre as duas, mas parecia toda uma vida. Lilith era uma mulher. Ela tivera de crescer rápido. Branca de Neve? Ela ainda era uma menina bobinha.

— Ela foi insolente — disse a rainha. — Não que eu lhe deva satisfações.

— Você não pode despedi-la. Meu pai não vai gostar disso.

Lilith ergueu uma das sobrancelhas e sorriu ligeiramente.

— Seu pai não está aqui. Acho que você vai perceber que estou no comando. E como castigo — disse abrindo um pouco a porta e revelando os retalhos de tecido no chão — você não vai mais sair a cavalo com calças de montaria.

A boca perfeita de Branca de Neve se abriu em sinal de espanto.

— Você cortou minhas roupas? — Sua voz estava mais calma. A raiva aos poucos se transformava em outra coisa. — Por que fez uma coisa dessas?

— É hora de você parar de se comportar como uma criança. No longo prazo, isso vai ser muito melhor para você. Não pode ficar com esse comportamento selvagem para sempre, o mundo não vai permitir que faça isso. As coisas não funcionam assim. Pode acreditar no que digo.

— Acreditar em você? — As lágrimas agora corriam soltas, riachos mornos e límpidos sobre as curvas suaves de seu rosto. — Por que eu deveria acreditar? Você me odeia! E nem sei por que você me odeia! — As mãos de Branca de Neve se fecharam em punhos de frustração, e pareceu que até a poeira sobre os livros que as cercavam tinha fugido dali para se esconder de sua raiva. — Você tem ciúme por que meu pai me ama tanto, é isso? Você o quer inteiro só para si mesma?

A rainha ficou tão surpresa que teve um acesso inesperado de riso. Viu que aquilo tinha acertado Branca de Neve como um soco. Lilith não ria com facilidade, sua bisavó a tinha ensinado a ocultar as emoções sempre que possível, e ela desconfiava que não tinha dado uma risada espontânea daquelas em todos os seus três anos de casamento.

— Ah, isso é, realmente, impagável — ela esfregou uma lágrima do próprio olho, zombando com escárnio das de Branca de Neve. — Ela quase ficou sem fôlego outra vez quando outra onda de risos ameaçou tomá-la. Branca de Neve estava tão equivocada que chegava a ser engraçado. Ela pensou nos ossos de

crianças com os quais a bisavó batia nas juntas dos seus dedos, respirou fundo duas vezes para segurar o riso e deixar o manto gelado que a protegia do mundo cair sobre ela mais uma vez.

— Eu não amo seu pai — murmurou ela, o som entre um sibilar e um rosnado. — Eu não o suporto. Ele me dá asco. É um homem estúpido, gordo e arrogante. — Ela deu um passo para a frente, um movimento mortal preciso. Branca de Neve não se mexeu.

— Você não pode estar falando sério. Não pode. Você se *casou* com ele.

— Ah, que princesinha tola e mimada. É isso que acha? Que isso tem alguma relação com o *amor verdadeiro*? Amor e casamento não têm nada uma coisa a ver com a outra.

— Mas ele ama você — disse Branca de Neve. — Ele sempre diz que ama.

— Ele me deseja. É diferente — sorriu Lilith. — E eu quero o poder dele. Os homens acham o poder algo absolutamente natural. Você precisa aprender que a única forma de exercê-lo nos reinos é por meio de um grande casamento. — Ela se inclinou levemente para a frente. — Agora ele foi para a guerra, e eu a tenho nas mãos. Vou ensiná-la a ser uma dama. Vou procurar um marido para você. Aí você vai embora daqui e terei um pouco de *paz* — ela disse com raiva as últimas palavras antes de entrar de volta no quarto, bater a porta na cara daquela beleza de cabelos negros e passar a tranca.

Por baixo da compleição leitosa, seu rosto estava queimando, e ela repousou a testa contra a madeira fria por um instante. Só o ruído da própria respiração entrecortada enchia seus ouvidos. Não havia mais socos na porta. Por fim, ela se aprumou e serviu outra taça de vinho. Branca de Neve tinha ido embora. Sem dúvida já estava chorando na cama, pranteando a mãe morta e desejando que o pai nunca tivesse se casado outra vez.

A luz das velas era suavemente reconfortante, e ela se perdeu em si mesma diante de sua dança sobre a superfície carmesim. Seus pensamentos estavam tão escuros quanto o líquido que ela girava na taça, e ela estava mergulhando neles, esquecida do aqui e agora. No canto, oculto nas sombras, havia um armarinho preto pendurado na parede. O diabrete que o vendera a ela, muito tempo atrás, disse que era feito com os ossos de santos queimados nas terras bárbaras do outro lado do oceano, que o espelho abrigado naquele pequeno armário vinha do sangue de sereias, e a magia que ele continha vinha do próprio Monte Ermo.

Por um bom tempo ela tentou ignorá-lo. Quando a portinhola se abriu um pouco, ela deu um gole profundo de sua taça. Ia ter dor de cabeça de manhã.

— *Sem dúvida ela é a mais bela nesta terra.*

Lilith ergueu os olhos. Viu um rosto familiar no espelho pendurado no interior da porta e engastado com joias preciosas ao redor. As esmeraldas verdes

cintilavam.

— Cale a boca — disse ela.

Ela devia ter espatifado aquele espelho. Ele tinha pertencido a um imperador no Oriente, contou o diabinho que o vendeu, roubado enquanto ele morria na cama após um reinado de cem anos. Segundo a história, ele tinha aberto aquele armário todos os dias de cada um desses anos e ouvido suas palavras. Ela não acreditava nisso. O mundo era cheio de histórias, e a maioria delas era apenas invenção. Ela não achava que ninguém pudesse suportar aquele espelho encantado dia após dia.

— *E tão graciosa!* — No espelho, o rosto estava congelado, mas as palavras saíam de qualquer modo, de algum lugar sem fim por trás do espelho que jamais poderia ser compreendido. Era uma voz suave e cheia de calor, mas ainda assim cada sílaba feriu a rainha. Ela cerrou os dentes.

— Eu disse para calar a boca.

— *Todos a amam, não é? E é tão fácil ver o porquê. É boa, bela e, além disso, livre e selvagem. Ela terá vários príncipes por quem se apaixonar. Sim, sem dúvida é a mais bela na terra. Não é? Ela não é bonita?*

Uma chama fria e amarga queimava no coração da rainha e entrou em erupção com um grito alto e agudo que ela deu quando jogou a taça no espelho. A porta do armário se fechou rapidamente, e o líquido se espalhou como sangue sobre as caras das gárgulas que o decoravam. Ela observou enquanto escorria por seus olhos abertos e pingava no chão.

— Bem — sibilou —, se ela deseja um príncipe, então vou encontrar um para ela. Um que a leve para muito, muito longe.

Ela tremia e sentia a magia formigar na pele. Ela se virou e deixou o vinho derramado escorrer vermelho sobre o tecido rasgado. O robe provocou um movimento do ar que apagou a vela, e ela saiu para a escuridão.

De um jeito ou de outro, Branca de Neve tinha de sumir dali.



CAPÍTULO 2

Um gigante dos Montes Ermos

Um mês após a partida do rei, as coisas tinham mudado muito no castelo e nas terras ao redor. Era impressionante quanto podia ser feito em tão pouco tempo com muita dedicação. O rei, apesar de bonachão o bastante por natureza e por suas ações, nunca deu muita atenção aos súditos que viviam fora das muralhas do castelo. Eles o amavam, sempre haviam amado, e pagavam os impostos que permitiam a ele sair em suas campanhas militares. Em troca, ele assegurava que teriam alimento suficiente para não passar fome, mas não para deixá-los gananciosos e pensarem em rebelião. O rei considerava a existência deles algo absolutamente natural, de um jeito que só conseguem de fato fazer as pessoas nascidas para ocupar um trono. Eles prosseguiam com seus afazeres, e ele, com os próprios, e todos davam vivas quando passava a cavalo. Isso em geral era suficiente.

Não havia estátuas nem retratos dele em locais públicos. O rei nunca tinha sentido necessidade disso. Entretanto, após escapar por pouco da fogueira em sua terra natal, a rainha entendia melhor do que a maioria das pessoas o poder da percepção pública. Ela não tinha o amor nem a fidelidade natural do povo, mas

soube como obter seu medo e respeito.

Ela queria que as pessoas soubessem que estavam sob sua observação o tempo todo. Os bustos e as pinturas em cada salão e feira cuidavam disso, junto com, pelo menos por breve período de tempo, uma rede de espiões para lhe assegurar que soubesse o bastante para convencer as pessoas de que podia ver todos os seus segredos. Ela exerceu uma justiça muito explícita e desagradável com alguns mercadores que tinham agido desonestamente em relação a seus impostos, e os rumores dos olhos aguçados e do punho de ferro da rainha logo se espalharam como fogo pelo reino. Seus espiões acrescentavam a eles algumas histórias de magia negra e em pouco tempo todos começaram a gritar vivas quando ela passava, mas ninguém ousava olhá-la nos olhos.

As pessoas eram tão fáceis.

A vida no castelo também tinha mudado, principalmente para Branca de Neve. Os cavalariços tinham recebido ordens de selar apenas as éguas mais mansas caso ela quisesse montar, e ela tinha sido instruída, sob a dor do castigo imposto a suas criadas pessoais, a se vestir todo o tempo de acordo com sua posição. A rainha tinha encomendado em seu próprio reino uma seleção de vestidos para a enteada. Eles tinham espartilhos mais rígidos e amarrações mais fortes do que os feitos no reino, e se ela os usasse por um ou dois meses, ia perceber a bênção que eram seus vestidos normais. Então talvez não brigasse mais tanto para usá-los. E quem sabe percebesse que não ia adiantar se revoltar contra nada daquilo.

Acima de tudo, Branca de Neve foi proibida de se refugiar nos aposentos dos criados; apesar de ainda andar pela floresta, pois nem a rainha podia prendê-la no castelo, e visitar seus anões adorados nas minas, suas visitas tornaram-se menos frequentes e eram sempre informadas. Um pouco de magia aqui e um feitiço ali eram o suficiente para conquistar a lealdade dos moradores da floresta. Sua bisavó a havia ensinado bem.

Ninguém ousaria desafiar as ordens da rainha, por mais que odiassem ver sua amada princesa tão infeliz. E ela estava *desesperadamente* infeliz, mas esse, no fim das contas, dizia a rainha a si mesma, era o propósito. Por que Branca de Neve concordaria com um casamento se fosse feliz em casa? A rainha queria que ela sumisse dali. *Precisava* que ela sumisse. E se havia uma coisa que tinha aprendido em toda a sua vida era que não se conquistava nada sem um pouco de sofrimento.

Ela saiu pelo pátio movimentado em um vestido preto que reluzia com preciosos rubis negros que os anões tinham dado a vida para encontrar, o que fazia grande contraste com as fitas e bandeirolas de cores vivas penduradas nos muros e postes. Os pombos piavam nas gaiolas. Mercadores puxavam carrinhos

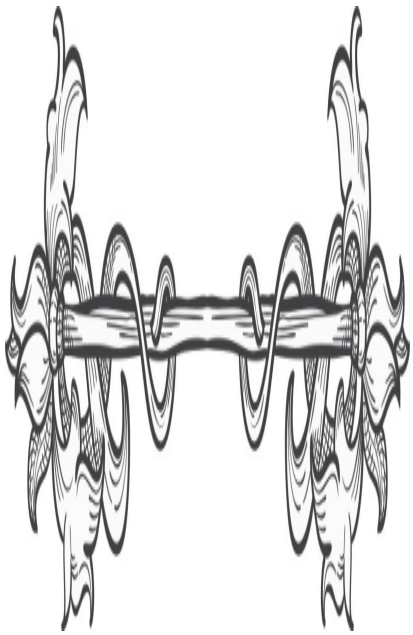
cheios com todo tipo de comida e os vinhos mais finos na direção das portas pesadas que levavam à despensa e às cozinhas. Os preparativos estavam bem adiantados. Apesar de se orgulhar por controlar as emoções, Lilith sentiu uma leve pontada de excitação correr pelas veias. Na noite seguinte, seus planos se concretizariam.

Era o aniversário de 24 anos da rainha, e ela estava oferecendo um baile absolutamente magnífico. Todas as damas e os cavalheiros mais elegantes da cidade estariam presentes e ela também tinha convidado belos príncipes e nobres de todos os reinos aliados. Cerrou os dentes. Entre eles, Branca de Neve ficaria feliz.

Ela gritou ordens desnecessárias e depois tornou a entrar. Mantinha a cabeça erguida, ignorando os olhares duros das mulheres que esfregavam o chão. O corredor tinha mais de 30 metros de comprimento, e as duas senhoras tinham chegado aproximadamente na metade. Deviam estar com os joelhos machucados, em carne-viva. Com certeza seus corpos iam doer e latejar pelo resto do dia depois que terminassem. Ela tinha aprendido quando criança, na cabana da bisavó, que esfregar o chão podia ser um trabalho extremamente exaustivo. Ela chegou perto da outra extremidade, fez uma pausa e se virou.

— Não está bom o suficiente — disse ela. — Comecem tudo de novo. — Dessa vez elas ergueram a cabeça, com os olhos arregalados nos rostos cansados e flácidos. A rainha apertou os lábios, o que acentuou os ângulos pronunciados de sua beleza delicada. Cada um deles parecia uma lâmina afiada. — Desde a porta.

Ela observou enquanto as duas mulheres ficaram de pé, pegaram baldes e escovas e foram se arrastando, exaustas, de volta até onde, horas antes, tinham começado. Elas não discutiram, e Lilith se permitiu um pequeno sorriso. A antiga rainha e sua filha tinham o amor do povo. Ela teria seu medo. Era uma emoção mais dura. Enquanto se virava, sentiu uma leve pontada no peito e se perguntou despreocupadamente se não seria uma pequena parte de seu coração ficando negro e endurecido. Que bom!, pensou. Quanto antes, melhor.



— Vamos lá — disse Branca de Neve enquanto esfregava as lágrimas de riso. — Vamos tentar outra vez. — Ela tomou um gole da caneca de cerveja, deu um suspiro, mais uma risada, e então passou o canecão para o primeiro dos anões que começava a levantar da grama.

— Nunca vai funcionar — disse Sonhador. — E não tenho certeza se a cerveja está ajudando. — Ele estava sentado à mesa de madeira ao lado da princesa, depois de sofrer e provocar hematomas e ferimentos durante algumas tentativas anteriores de removê-lo do local em nome da segurança de todos.

— Cerveja ajuda tudo. — Ela deu uma piscadela. — Vai relaxá-los. — Ela bateu palmas e riu. — Tente de novo, Carrancudo, você embaixo. Acho que você é o mais resistente!

Houve exclamações de protestos, pois todos os anões queriam ser o mais forte aos olhos de Branca de Neve, mesmo sabendo no fundo que ela amava todos por igual. Carrancudo, apertando os olhos sob o sol quente, plantou com firmeza os pés, e, em seguida, Rabugento subiu em seus ombros. Quando se equilibrou e firmou, o seguinte subiu aquela escada improvisada para se empoleirar nos ombros dele.

— Continuem! Está maravilhoso! — disse Branca de Neve sorrindo. — Nós vamos conseguir! Vocês vão conseguir fazer isso!

— Vai dar errado no alto. É o casaco. Isso faz com que percam o equilíbrio. — Sonhador tomou um gole de cerveja do canecão.

— Humm... — Branca de Neve franziu o cenho enquanto observava Teimoso entrar no sobretudo feito para cobri-los todos. O casaco tinha ombreiras

reforçadas por hastes de apoio forradas de tecido que o deixavam ridiculamente largo. — Você pode ter razão. Talvez Carrancudo tenha de ficar no topo.

Alguns instantes e mais um tombo na grama depois, ela provou ter razão. Por sorte, apesar de os anões não serem bons em equilíbrio, eram bons em aterrissar. As minas não eram seguras, e os túneis frequentemente desabavam, fazendo com que caíssem grandes alturas até as rochas abaixo. Se não soubessem aterrissar, não viviam muito. A grama perto daquilo a que estavam acostumados era uma almofada; por isso, depois de mais algumas risadas, mais cerveja e de se limparem, começaram outra vez, agora com Carrancudo vestindo o casaco e subindo por último.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia? — perguntou Sonhador. Ele ficou um tempo desconfiado, mas toda aquela diversão acabou por envolvê-lo também, e quando Branca de Neve estava entusiasmada com alguma coisa, era difícil não ser levado na onda. Mas agora que estava lá fora sentado, foi atormentado por algumas dúvidas.

— O que quer dizer com isso? Vai ser divertido.

— Tenho certeza de que *pode ser* engraçado — disse ele, com leve hesitação. — Mas não sei ao certo se sua madrasta tem senso de humor.

— É aí que você se engana — sorriu Branca de Neve e apertou o joelho dele. — Pelo menos, ela antigamente tinha. Logo que chegou aqui. Eu me lembro que costumávamos rir muito juntas. Ontem ela riu. — Ela virou para outro lado. — Ela só perdeu seus motivos para se divertir, só isso. Talvez seja isso que o casamento faz com você. — Branca de Neve pegou a caneca com Sonhador. — Agora estou entendendo. Ela não gosta muito de ser casada. E isso deve deixar uma pessoa bem infeliz.

— Ela não é infeliz — murmurou Sonhador. — Ela é simplesmente má.

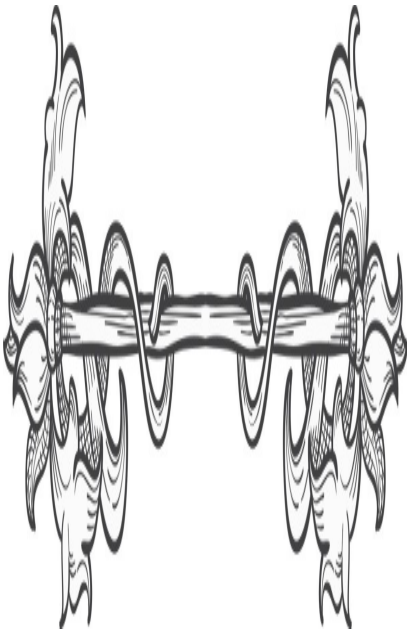
— Bem, talvez a infelicidade torne as pessoas más. — Os olhos dela reluziram quando se virou para a torre de homenzinhos que parecia poder ficar de pé por mais de 30 segundos. — Mas meu pai foi para a guerra de novo, dessa vez por muito tempo, eu acho, por isso precisamos fazê-la sorrir. É seu aniversário, ela vai adorar.

— Você acha as pessoas boas demais, Branca de Neve.

— Alguém precisa fazer isso, Sonhador.

A torre precária deu alguns passos hesitantes na direção dela.

— Isso! — Branca de Neve se levantou da mesa e quase saltitou de felicidade. — Conseguimos! Vocês conseguiram! — Ela olhou por cima do ombro para Sonhador com um sorriso travesso e provocador. — Isso vai ser sensacional.



Foi um acontecimento magnífico. Os candelabros reluziam e enchiam o espaço amplo de luz. Músicos em cada canto criavam uma sinfonia mágica em tempo perfeito uns com os outros, apesar da grande distância entre eles. Criados mascarados circulavam pelo salão com travessas com os canapés e os vinhos mais exóticos, servidos à temperatura perfeita. Todos os convidados compareceram, e os vestidos usados pelas damas transformavam até as mais sem graça delas.

Sentada em seu trono, a rainha examinou o salão. Era um mar de cores pastel, como era tradição em eventos daquele tipo. Ela escolhera vestir vermelho, mesma cor que usava nos lábios. Até as pessoas que a odiavam, e seu número estava crescendo rápido, tinham de admirar sua beleza. Os cabelos louros caíam compridos e lisos por suas costas, da cor de terras distantes e invernais. E seu coração, ela os ouvira sussurrar, era tão duro quanto essas terras.

Ela sorria, mas não se unia a eles, apesar de comandar a música e observar o início da interminável dança entre os sexos. Um olhar que se demorava um pouco mais. Um sorriso semioculto por um leque. Olhos que espiavam bem-humorados em meio a reverências. Era sempre a mesma coisa. Ela se perguntou quantos já haviam vivido felizes para sempre. Sua mãe tinha desejado isso, mas não durou muito tempo.

Após a primeira rodada de danças, chegou o momento de as atrações se apresentarem, enquanto os convidados comiam e bebiam um pouco mais.

Havia acrobatas, um flautista com seus ratos dançantes, devoradores de fogo e dançarinas. Logo depois, a música ia recomeçar. A rainha rangeu os

dentes. O baile estava em plena animação, e Branca de Neve ainda não havia aparecido. Ela estalou os dedos. Um criado de libré correu até ela e fez uma reverência.

— Mande alguém aos aposentos da princesa. Diga que ela deve vir imediatamente. Não posso deixar que mantenha meus convidados esperando por mais tempo. — Aquilo tinha passado dos limites. Atrasar-se era uma coisa; arrogância era outra. — Esse atraso sem dúvida é culpa de suas camareiras — sorriu Lilith. — E informe a princesa que vou puni-las por envergonhá-la se ela não chegar em cinco minutos. — A rainha gesticulou para que a música recomeçasse, afundou em seu trono o máximo que a cadeira de espaldar reto permitia e se concentrou em seu aborrecimento mais do que na facilidade com que proferia ameaças naqueles dias, ou em saber que iria cumpri-las se necessário.

Entretanto, mal o criado de libré se virou para sair, os trompetes soaram junto à porta da extremidade mais distante do salão, que se abriu completamente. A orquestra parou aos poucos, à medida que os músicos iam se esquecendo de suas notas e seus arcos se detinham imóveis sobre as cordas em pleno movimento. Por um segundo, até a rainha ficou impressionada com a visão de Branca de Neve. Exclamações de admiração pontuaram a paralisia geral. Branca de Neve atravessou a porta e fez uma pausa no alto dos três degraus de mármore que desciam até o nível do salão de baile. Ela usava um vestido totalmente branco, sem faixas ou cintos e perfeitamente ajustado, bem diferente do estilo de saias cheias preferido pelas damas da corte, decorado com pequenas gemas púrpuras. As mesmas pedras cintilavam em seus cabelos negros, jogados e presos de forma natural sobre a cabeça, e ajudavam a realçar o tom violeta dos seus olhos.

Com todas as atenções sobre ela, sorriu e fez uma reverência, um movimento mais sensual do que todos os anos de treinamento jamais deram a Lilith. A rainha desviou os olhos da bela jovem, ficou de pé e examinou o salão de baile. Todos os príncipes olhavam fixamente para ela, suas belas parceiras de dança completamente esquecidas como se não passassem de meras sombras. Branca de Neve podia escolher qualquer um que quisesse, isso estava claro. Uma farpa de inveja penetrou em seu coração cada vez mais duro, e seu rosto doeu com o esforço para manter o sorriso. Absolutamente fixo. Mas isso não importava. Branca de Neve iria embora, para longe do reino e para sempre, então talvez ela conseguisse relaxar.

— Sinto muito pelo atraso — disse Branca de Neve, se dirigindo ao salão. Se Lilith era gelo, então Branca de Neve era mel cálido, e o jeitinho travesso ao sorrir apenas realçava sua beleza. — É que eu estava à espera do meu

acompanhante. — Ela estendeu o braço e fez nova reverência quando um homem, que ainda não podia ser visto, atravessou a porta aberta e se juntou a ela no topo dos degraus.

A rainha, sempre tão controlada, não conseguiu esconder a surpresa. Ele tinha mais de 2,5 metros de altura e vestia um traje de cor púrpura viva entremeado com fios de prata, de uma cor quase exatamente igual à das gemas que enfeitavam a princesa. Uma máscara pintada cobria a maior parte do rosto.

— Permitam que eu apresente Agard, príncipe dos Montes Ermos, a terra dos gigantes. — Ela tornou a sorrir, tomou a mão do homem enorme e o conduziu para a festa. Vestidos farfalharam quando homens e mulheres abriam caminho, não apenas por educação. A rainha não era a única que estava chocada. Ninguém jamais tinha chegado nem perto dos Montes Ermos durante a vida dela e provavelmente tampouco na geração anterior. Como Branca de Neve podia ter...?

— Temos nos comunicado por pombos-correios desde que encontrei um pombo machucado na floresta com uma mensagem presa à perna e cuidei dele até que se recuperasse. O príncipe queria se comunicar com pessoas que viviam longe e me encontrou.

A rainha percebeu que o casal estranho avançava pelo salão com passos estranhamente pequenos para a altura do homem. Será que ele estava fazendo isso para conseguir acompanhar Branca de Neve? Como ele podia ter conseguido entrar no castelo sem que um de seus espiões tivesse lhe informado? E como ela podia ter se apaixonado por aquele gigante, como parecia bem claro que estava?

Com os olhos fixos no avanço deles, Lilith tentou relaxar. Não importava que homem Branca de Neve escolhesse. Na verdade, essa criatura podia ser uma bênção disfarçada. O rei sem dúvida não ia aprovar aquela união (para começo de conversa, que filhos monstruosos eles iam gerar?) e era improvável que Branca de Neve tivesse permissão para regressar dos Montes Ermos. A garota estava envergonhando a si mesma, mas também estava fazendo todo o trabalho de Lilith por ela. Ela não precisava ter desperdiçado tempo e dinheiro convidando todos os príncipes para um grande baile. Talvez devesse apenas ter contratado um circo ou um espetáculo de aberrações para dar à enteada mais opções de escolha.

Conforme se aproximavam, ela se adiantou para encontrá-los e fez uma grande reverência aos pés do gigante. A reverência de Branca de Neve pode ter sido sensual, mas a da rainha era elegante, impecável, mantendo sempre as costas esticadas. Ela fazia o gesto parecer extremamente natural, mas foram necessárias horas de treinos e lágrimas quando tinha quatro anos de idade. A

parte de trás de seus joelhos vivia machucada e sangrando em razão das vergastadas de régua que sua instrutora costumava aplicar quando ela não fazia os movimentos de modo perfeito. Seu pai, o rei, não aceitaria menos que a princesa perfeita como filha. Para ele, Lilith tinha se tornado uma, apesar de ela ser o que era. Apesar de ter magia correndo por suas veias junto com sangue real. Aquele era um mundo de homens, mas ela tinha aprendido a jogar o jogo. O que mais podia fazer uma dama com beleza e inteligência?

— Sua alteza — disse a rainha —, bem-vindo ao nosso lar. Estamos honrados por sermos os primeiros dos reinos a receber um visitante dos Montes Ermos; espero que não seja sua última visita. Ouvimos falar muito de sua força e de seu espírito generoso. — Sua voz estava clara e humilde, apesar de a maior parte do que tinha ouvido sobre os gigantes dizer que eram desajeitados, burros e gananciosos, e passavam a maior parte do tempo brigando uns com os outros. A lenda dizia que sempre que caíam rochas nas terras baixas, era porque um gigante nos Montes Ermos tinha batido o pé no chão por ter sido contrariado. Mas ela era uma rainha e ia se comportar como tal.

— Obrigado, sua majestade. — A voz do gigante era grossa, mas não ressoava tanto quanto ela esperava. Mas afinal, o que ela sabia sobre eles? Nada. Seu convidado começou a se inclinar para frente em uma reverência. O movimento começou bem, mas então, de repente, ele bambeou, perdeu o equilíbrio e se inclinou perigosamente para um lado. A rainha recuou enquanto dois cortesãos se adiantaram correndo e seguraram o gigante pelas mãos para estabilizá-lo. Só então a rainha percebeu como a mão era pequena. Como um gigante podia...?

Antes que pudesse concluir o pensamento, a parte do meio do gigante pareceu começar a entrar em erupção. Voaram botões do traje púrpura para todos os lados. Em algum lugar em meio aos convidados uma garota idiota deu um gritinho e outra desmaiou. De dentro do gigante saíram várias exclamações antes que seu corpo finalmente desmoronasse em uma pilha pequena de peças em movimento.

Por um instante, o salão mergulhou em silêncio. De repente, Branca de Neve explodiu em um riso cálido.

— Eu sabia que eles não iam conseguir se equilibrar por muito tempo, mas estava torcendo por pelo menos a primeira dança. — Ela se virou para os convidados reunidos. — Um gigante dos Montes Ermos? Ah, o que é isso? Vocês caíram mesmo nessa? De qualquer forma, meus companheiros são muito mais impressionantes que qualquer gigante.

O amontoado de anões aos poucos foi ficando de pé. Lilith recuou ainda mais, com uma raiva fria como gelo se espalhando com as batidas de seu

coração. Ela tinha feito uma reverência para eles, aqueles estranhos homens das minas. Tinha se dirigido a eles como se tivessem sangue real. E o pior de tudo: eles a haviam enganado.

Os homenzinhos se alinharam ao lado de Branca de Neve e fizeram uma reverência. Os convidados presentes riram e aplaudiram, como fez a própria Branca de Neve. Eles coraram e cochicharam uns com os outros, mas sua alegria acanhada por fazer parte daquela brincadeira humilhante era óbvia. Branca de Neve se abaixou e beijou-os na cabeça, e dois dos rostos pequenos ficaram quase da cor das joias de sua princesa.

Branca de Neve parou ao lado da rainha e olhou para os convidados.

— É muito bom ver aqui tantos visitantes de outros reinos. — Ela acenou com a cabeça e sorriu para vários príncipes. — Alguns de vocês não vejo desde a infância, quando eu sempre subia em árvores mais rápido que vocês. — Houve outra vez uma risada geral. As trevas turvavam as bordas da visão de Lilith enquanto ela fervia de ódio por dentro. Isso era absolutamente desnecessário. Mulheres não faziam discursos em bailes. Nem ela o fizera, e o motivo da festa era o *seu* aniversário. Reis e príncipes faziam discursos. Esse era o protocolo em todos os reinos aliados. O que Branca de Neve estava fazendo? Por que todos os convidados estavam tão enamorados por ela que nem se importavam? Por que tudo era tão *fácil* para ela?

— Gosto muito de todos vocês — prosseguiu Branca de Neve, aparentemente sem perceber as ondas de ódio que emanavam da figura longilínea de vermelho ao seu lado —, mas se vieram aqui interessados em minha mão em casamento, permitam-me deixá-los tranquilos para que todos possamos aproveitar ao máximo esta festa maravilhosa. Não tenho nenhum desejo de me comprometer com nenhum de vocês. Não vão encontrar casamento aqui comigo. — Ela ergueu uma sobrancelha escura. — Apesar de talvez conseguirem com algumas das damas maravilhosas com quem já estão dançando. — Por todo o salão casais coraram e se aproximaram. Lilith se sentiu enjoada. Os pequenos bocados de comida que tinha comido se reviraram em seu estômago. A princesa a estava fazendo de tola. Será que devia apenas sorrir durante todo o incidente embaraçoso? Será que Branca de Neve estava fazendo isso de propósito? Um gesto de vingança diante de príncipes de todos os reinos?

— Vocês são todos homens bonitos e charmosos — prosseguiu a princesa —, mas só vou me entregar ao amor verdadeiro. — Ela olhou para a rainha e sorriu, e por trás de seu próprio sorriso tudo o que Lilith queria fazer era sufocar aquela expressão no rosto da garota. — Até lá — concluiu Branca de Neve —, vou me contentar com a companhia de meus amigos. — Ela tornou a olhar para baixo, para os anões que se curvaram em uníssono, primeiro para Branca de

Neve, depois para a rainha e em seguida para os convidados, que irromperam em mais uma salva de palmas espontânea.

Os músicos retornaram seus arcos para os instrumentos, e o ar se encheu de música. A festa recomeçou, mas agora destacava-se uma mulher como a mais bela do baile; a maravilhosa e única Branca de Neve. Ela conduzia as danças com os príncipes e os anões, bem diferente da rainha de gelo que de seu trono observava os festejos. Em menos de quinze minutos, Lilith, com toda sua grande beleza, tinha sido esquecida, e ela se retirou discretamente e aliviada, forçando-se a manter o passo firme em vez de começar a correr assim que atravessasse as portas.

O corredor ecoava com risos que a perseguiam até que ela teve certeza de ser o motivo disso. Todos estavam rindo dela. Claro que estavam. Ela atravessou o castelo apressada em um turbilhão crepitante de fúria até finalmente existir apenas o silêncio de sua biblioteca esquecida e dos livros secos que não eram amados por ninguém, como ela. Reduziu o passo, mas ainda assim, quando passou, derrubou livros das estantes. Sua fúria os arremessava com força no chão.

Por fim, chegou ao conforto do quarto escondido. Seu quarto. Suas coisas. Seu poder estava ali. Sua honestidade estava ali. Ela era aquilo. As velas e os candeeiros acenderam quando olhou para eles. Sua magia sempre ficava mais poderosa quando havia raiva e emoções fortes. A magia de sua mãe era fraca, ela não a exercitara. Lilith não tinha a intenção de deixar que isso lhe acontecesse. Ela não teria mais vergonha disso.

Serviu o vinho tinto do decantador de prata que nunca esvaziava e sorveu rapidamente a primeira taça. A mão ainda tremia quando serviu a segunda. Seus olhos cintilavam como diamantes à luz das velas. Como podiam tê-la humilhado daquela forma? Como permitiu que fizessem aquilo? Sentiu um nó no estômago. Uma bola de serpentes presas pelas chamas de suas emoções. Queria chorar. Queria gritar. Gritar com a garota e sacudi-la até que ela compreendesse que o mundo esperava *certas coisas* dela.

Por trás da taça, sua bola de cristal brilhou vermelha e verde e depois em um arco-íris de cores. Com a taça novamente cheia, sentou na cadeira e ficou olhando para ela, deixando que as cores a hipnotizassem e acalmassem. Bebeu rapidamente até ficar com a visão turva e seus pensamentos raivosos aos poucos deixarem de ser tão cortantes; então pousou o copo. Ela se permitiu perder-se nas cores de suas memórias do passado. De uma época mais feliz. De ser livre.

— Por que foi embora?

As palavras quebraram o silêncio, fizeram-na ter um sobressalto e se virar para ver a porta aberta. Branca de Neve estava parada na entrada, com toda a sua

beleza e elegância. Sua raiva era tanta que tinha esquecido de trancar a porta. Ela se xingou por dentro.

— É seu baile de aniversário. Você devia estar lá.

A rainha ficou de pé, feliz por ver que as pernas estavam firmes. Era preciso mais que um vinho forte para deixá-la tonta.

— Você me humilhou — sibilou. — E em meu próprio aniversário. Imagino que achou aquilo engraçado.

— A intenção era fazer uma piada — disse Branca de Neve com olhos inocentes e sentidos. — Achei que ia gostar. Pensei que ia perceber na hora.

Lilith se perguntou quanta prática havia por trás daquela expressão. O rei e os cortesãos podiam ser enganados por ela, mas a rainha não seria.

— Então agora você está me chamando de burra? Uma garotinha como você que gosta de brincar com anões acha que pode rir de mim? — Se a luz das velas acentuava cada uma das curvas suaves e todos os traços de Branca de Neve, a rainha sabia que endurecia suas maçãs do rosto salientes e projetava sombras sob os olhos. Era ainda a grande beleza do Norte, ou uma harpia? Ela percebeu que não ligava muito. — Ou quer se casar com um deles? Talvez queira se casar com todos os seus sete amigos. Isso podia ser arranjado. Mas eles iam cansá-la rapidamente.

— Por que você tem de ser tão horrível? — Branca de Neve chegou a cambalear de leve e deu um passo para trás. — O que aconteceu com você? Por que tem de ser sempre tão má?

Lilith abriu a boca para rir, mas o olhar de Branca de Neve desviou dela para algo atrás das duas, nas sombras escuras do aposento. O rangido familiar do armário. Os olhos da rainha se arregalaram.

— *Ela é tão linda! Branca de Neve é a mais bela de todas as terras.*

— O que é isso? — disse Branca de Neve, com o sofrimento substituído pela curiosidade. — Tem alguém aí com você? A voz dele é... estranha.

— Não é nada. — A rainha lançou um olhar rápido para trás e viu o espelho brilhar suavemente no escuro. — Nada que seja da sua...

— *Ninguém pode se comparar a ela, ninguém jamais vai se comparar a Branca de Neve.*

— Isso é um *armário* falante? — Branca de Neve tentou abrir caminho e entrar, mas Lilith impediu a passagem. — É uma dessas suas maluquices mágicas de que falam os criados?

— Eu disse que não era... — A rainha a empurrou para trás.

— *Que beleza! Que coração! É tão fácil amá-la. Branca de Neve. É insuportavelmente bela, não é?*

O armário bateu e fechou a porta, calando-se diante da ferocidade do olhar

da rainha.

— Ele estava falando de mim — disse Branca de Neve. Seus olhos voltaram a encarar os da rainha. — *A mais bela na terra*. Você tem um armário que *fala* sobre mim? – Ela riu de repente, uma manifestação repentina, breve e chocada de emoção. — O que há de *errado* com você?

— Cale a boca — disse a rainha. — Cale a boca e vá embora.

— Você tem *ciúme* de mim — disse Branca de Neve. — Não de meu pai me amar, mas de todas as outras pessoas. Não é tão difícil, sabia, fazer com que as pessoas gostem de você... Basta ser *simpática*.

— Eu disse para ir embora! — Ela disparou as palavras, com as mãos fechadas em punho. — Você não sabe de nada. É estúpida e cega, e eu a odeio.

Branca de Neve cerrou os dentes.

— Bem, seu armário não me odeia. Talvez eu devesse levá-lo para a festa em vez de deixá-lo aqui.

A rainha podia ver claramente a zombaria nos olhos da princesa. Ela respirou fundo e se aprumou.

— Você vai se arrepender disso. De tudo isso. Eu prometo a você.

— Olhe, por que nós não podemos...

— Volte para a festa. Aproveite. Amanhã seus anões serão banidos do palácio ou serão punidos com a morte.

— Você não pode...

O bater da porta cortou o resto da frase chocada de Branca de Neve, e dessa vez a rainha se lembrou de passar a tranca. Sua respiração enchia o aposento, mas agora estava lenta e calma. Um frio brotou em seu interior. Ela tornou a olhar para a bola de cristal. Havia uma nuvem negra em turbilhão em seu interior. Então que seja, pensou com raiva. Então que seja.



CAPÍTULO 3

Um desejo é apenas uma maldição disfarçada

Os vestidos novos chegaram dois dias depois do baile. O ar continuava congelante. A rainha evitava Branca de Neve, e parecia que a princesa estava fazendo o mesmo, pois só naquele momento, quando ambas estavam de pé nos aposentos da princesa, elas ficaram cara a cara desde sua discussão. Lilith preferia assim.

— Tem certeza de que vão caber? — perguntou uma das aias de Branca de Neve. Ela era uma coisinha pequena como um ratinho que provavelmente chegaria perto de ser bonita se esticasse os ombros e fizesse uns cachos nos cabelos, mas do jeito que estava era uma presença insossa.

— Claro que vão caber — disse ela.

— Eu vou partir ao meio se vestir isso. — Branca de Neve tinha puxado o vestido azul para mais perto dela. — Essas barbatanas de baleia são criminosas. Não cedem nem um pouco.

— Esse é o propósito delas. Vão impedir que você ande com má postura.

— Quero minhas roupas velhas de volta. — Seu ressentimento fervilhante estava evidente no brilho dos olhos desafiadores cor de violeta. Lilith nunca tinha visto olhos daquela cor antes. Ela se perguntou se talvez a garota também possuísse alguma magia. — Você não tinha o direito de levá-las. — Com o vestido ainda aberto, Branca de Neve parou com as mãos nos quadris. Seus cabelos caíam soltos sobre os ombros. — Não tinha nenhum direito.

— Eu tinha todo o direito — retrucou de pronto Lilith, percebendo que as duas aias agora estavam juntas e sem dúvida decoravam cada palavra daquele confronto para contar aos criados lá embaixo. — Você tem 20 anos. Precisa se preparar para se casar.

— Eu não quero me casar — disse Branca de Neve, olhando para ela com sinceridade. — Não tenho nenhum interesse nisso.

Lilith a ignorou e, com os dentes rangendo, agarrou os laços nas costas do vestido. Por baixo deles, a pele de Branca de Neve era macia e branca, acostumada à liberdade. Naquela noite, se ela fizesse o que lhe mandassem e usasse o traje, os lugares onde ficavam as presilhas iam deixar machucados. Os laços reluziam lindamente, mas eram rústicos e ásperos, tecidos em teares abrigados nos sótãos de castelos distantes. Não havia conforto nos vestidos da corte do seu reino. Ela tinha se esquecido de como eram inflexíveis. Mesmo assim, faria bem a Branca de Neve usá-los por algum tempo. Para saber como era ficar bem presa por alguma coisa que a fazia sentir que não ia conseguir respirar.

Ela puxou e apertou mais. As tiras queimavam os dedos frios como se fossem cordas, e Branca de Neve ofegou sem ar.

— Está apertado demais, sua majestade — adiantou-se a segunda aia. Essa era mais ousada. Talvez mais velha, e seus olhos encontraram os da rainha. — Eu sei como fazer isso.

— Você vai ficar quieta — disparou Lilith, e a garota, por mais coragem que tivesse, recuou alguns passos como um gato repreendido.

— Está muito apertado — disse Branca de Neve com voz baixa. — Não tenho certeza se vou conseguir respirar direito.

— É assim que tem de ser. — Depois de prender bem, a rainha deu um passo para trás. O branco de seus dedos destacava-se sobre os locais rosa e marcados onde ela puxara os laços tão apertados. — Pronto. Agora você está parecendo uma princesa de verdade. Claro que não vai conseguir montar assim. E se tiver escondido *outras* roupas em algum lugar... — O olhar penetrante de Branca de Neve confirmou que este era o caso. — Então nem pense em usá-las.

— Vou montar de qualquer jeito — disse Branca de Neve. Seu rosto tinha empalidecido.

— Não seja tão ridícula — disse Lilith. — Você não consegue, assim.

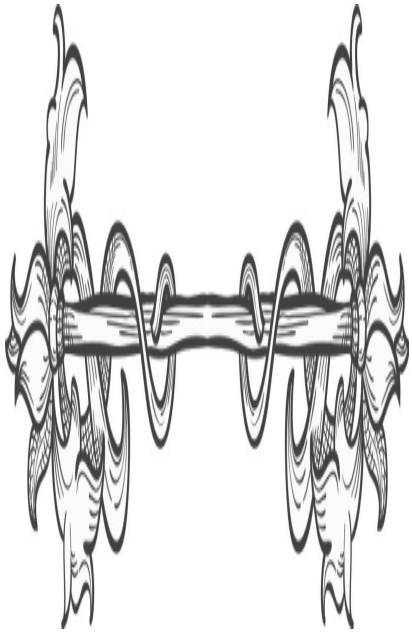
— Você não pode me impedir! — A garota a empurrou para o lado e saiu andando apressada e com passos pesados pelo corredor. — Vou fazer o que quiser.

Lilith ficou olhando para a porta. Não havia como ela montar, não com aquele vestido. Ela só estava tendo um chilique. Não passava de uma criança. Sempre tão infantil...

— Eu me surpreendo que ela não tenha quebrado uma costela — murmurou uma das criadas. — Está apertado demais.

Lilith ignorou as duas e saiu do aposento. O rapaz devia voltar a qualquer momento, e ela tinha mais em que pensar do que na desaprovação de uma dupla de criadas tolas. A ponta de seus dedos ainda estava dormente de tanto apertar o espartilho. Pensou na pele suave de Branca de Neve que seria esfregada por ossos e ficaria marcada pela força das amarras.

Bom, pensou amargamente. *Bom*.



A rainha nunca era enganada por Aladim. Ele sempre voltava cheio de sorrisos afetados e comentários obsequiosos, mas ela sabia que por baixo daquilo tudo ele a detestava. Não, ele a *odiava*. Claro que sim. Ninguém gostava de uma pessoa com quem estivesse em dívida ou que a controlasse. Essa era a natureza das pessoas; além disso, Aladim simplesmente não era um garoto agradável. Mesmo para os padrões de Lilith.

Ele estava diante dela; parecia ter uns 13 anos, como sempre seria, vestindo as mesmas roupas que usava em todas as viagens, as únicas roupas que poderia usar, e seus olhos negros dançavam naquele rosto árabe feito para ser assunto de histórias nos mercados onde as serpentes dançavam ao som da música tocada por homens envelhecidos. Ele fez uma reverência.

Ela acenou para que se erguesse, mas se manteve distante. Toda a relação deles era baseada em uma mentira, mas ela não sentia culpa por isso. Afinal de contas, para começar, Aladim tinha assassinado um grande mago para pegar sua lâmpada e depois assassinou o próprio pai quando ele tentou vendê-la. A ganância podia ser algo bastante ruim, mas a ganância e a maldade no coração daquele menino eram uma combinação terrível.

O garoto, entretanto, nunca aprendera o segredo da lâmpada nem sua maldição. Como poderia ter feito isso? O gênio não estava presente para contar a ele, e Aladim era arrogante demais para se dar conta de que com magia sempre havia um truque escondido. Dez desejos. Era tudo o que você ganhava. Apesar de tecnicamente serem nove, porque quando fizesse o décimo, o gênio ganhava a liberdade, e você assumia seu lugar. Você se transformava no escravo do dono seguinte da lâmpada. O gênio que Aladim libertara tinha sido sábio ao vendê-la para a rainha; ele já tivera sua cota de magia e era perspicaz o suficiente para ver que o garoto era um psicopata. Quando, por fim, recuperasse a liberdade, iria atrás do gênio antigo. Não queria viver sob aquela ameaça permanente. Lilith prometera a ele que enquanto tivesse o garoto sob seu comando, nunca faria nenhum desejo. Isso não era problema nenhum. Sua bisavó a ensinara bem cedo que um desejo era apenas uma maldição disfarçada.

Lilith usara os poderes da lâmpada com mais sabedoria do que apenas por desejos e caprichos. Ela enviava o rapaz por duas semanas de cada vez em busca de objetos mágicos para ela. Ele era escravo da lâmpada e tinha de fazer suas vontades. Se voltasse de mãos vazias, ela aumentava muito mais o intervalo até sua viagem seguinte. Ela aprendera rápido que Aladim não gostava de ficar preso. Mas afinal, quem gostava? Ela prometera a ele que um dia daria a lâmpada para um inimigo fazer seus dez desejos e então o rapaz estaria livre. Isso nunca ia acontecer. Ela tinha ouvido relatos de assassinatos perturbadores e sádicos que sempre ocorriam quando ele estava viajando, fora da lâmpada, e tinha certeza de que nem mesmo uma rainha estava segura contra ele.

Como sempre, o quarto estava iluminado por velas tremeluzentes; enquanto entregava a ela o pequeno pente de prata, este reluziu sob a luz. Havia a imagem de dois unicórnios gravada nele, com as cabeças baixas como em reverência um para o outro. Era um objeto precioso, sem dúvida, mas por si só não tinha nenhum interesse para ela.

— Ele traz felicidade a quem o usa. Grande felicidade — disse Aladim. Ele sorriu, exibindo dentes pequenos, brancos e afiados. Ele tinha sangue sob as unhas. Ela não queria perguntar sobre aquilo.

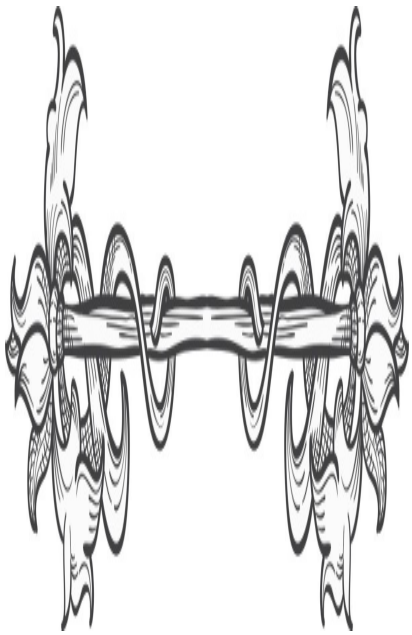
— Felicidade? — disse ela bruscamente. Bruscamente demais. A palavra a ferira. Será que ele conseguia sentir sua infelicidade? Será que era isso?

— Isso é, afinal de contas, a única coisa que algumas pessoas desejam, não é? — Os olhos escuros dele a observavam com cautela. — Ser feliz?

Ela o encarou com atenção tentando ler algo naqueles olhos mortos e frios.

— Ora, então elas são tolas — disse ela por fim, e então estalou os dedos, disse a palavra e desfrutou do momento de dor e raiva que passou brevemente pelo rosto dele enquanto a lâmpada velha e sem brilho sobre a mesa o sugou de volta para dentro pelo bico.

Ela tornou a olhar para o pente. Felicidade. Por um instante ela quase se sentiu tentada a enfiá-lo nos cabelos louros, mas em vez disso o guardou no armarinho de vidro e em seguida pôs a lâmpada cuidadosamente ao seu lado. Felicidade falsa provavelmente não tinha nada a ver com felicidade.



Branca de Neve mal conseguia respirar quando Carrancudo e Sonhador a encontraram. Seu rosto estava pálido. Ao lado dela e nervoso, seu cavalo relinchava e batia com as patas no chão.

— Não consigo... respirar... — murmurou ela por fim, os lábios quase azuis e os olhos cor de violeta cheios de lágrimas de medo. Sonhador olhou

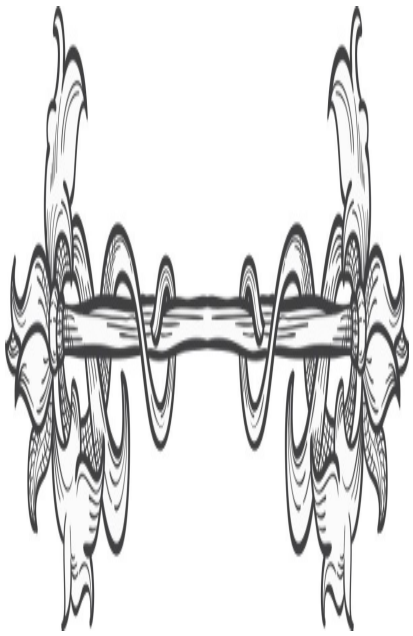
horrorizado para ela. Será que o cavalo a havia derrubado? Será que ela havia caído? — Meu... vestido...

— Rápido! — disparou Carrancudo. — Pegue sua faca! — Ele já estava rolando a garota de lado e tentava soltar os laços amarrados tão apertados em suas costas. Sonhador, com mãos trêmulas, tateou o cinto e sacou a pequena lâmina. Ele quase a deixou cair antes que Carrancudo a tomasse dele e a forçasse sob os laços resistentes e grossos do espartilho, começando a cortá-los. Eles se romperam um a um, e a respiração de Branca de Neve ficou profunda, rápida e desesperada enquanto inalava ar para os pulmões famintos. Ela tossiu e sentou. O vestido aberto nas costas revelava hematomas roxos em linhas que cruzavam suas costas pálidas inteiras. Todo seu corpo tremia, e ela começou a se esforçar para ficar de pé.

— Não — disse Sonhador. — Sente.

— Estou bem — disse Branca de Neve, suas palavras mais um sopro do que um som. — Sério, estou...

E então ela desmaiou.



A rainha tinha conhecimento do que estavam dizendo sobre ela. Que ela sabia que Branca de Neve ia cavalgar, nem que fosse para provocá-la, e havia apertado demais o espartilho de propósito para que a pressão a sufocasse e ela morresse em algum lugar da floresta.

Já fazia um dia e meio desde que ela tinha voltado envolta em um cobertor

dos anões, com as costas e as costelas cobertas de hematomas em tons violeta como seus olhos. A rainha tinha tentado se desculpar, mas Branca de Neve nem deu atenção, foi apenas para seus aposentos e trancou as portas. Lilith havia interrogado as criadas, claro, e elas contaram que a princesa simplesmente tomara um banho bem demorado e depois dormira. A rainha ordenou que elas removessem todos os vestidos novos e os queimassem. Ela mesma ia supervisionar a destruição. Esperava que isso abrisse caminho para um pedido de desculpas, mas percebeu, ao captar os olhares trocados entre a equipe da cozinha quando cada um dos novos trajes era lançado no forno, que eles achavam que talvez ela estivesse apenas se livrando de provas.

Estava parada no meio de sua sala de tesouros com o coração acelerado. O rosto estava corado. Serviu-se de vinho com mão trêmula e bebeu metade da taça de um gole só. Era cedo demais para beber, mas ela precisava se acalmar. O que ela havia feito? A imagem dos ferimentos nas costas de Branca de Neve a assombravam. Tinha ido longe demais. Como poderia fazer para resolver aquele problema? Como poderia melhorar a situação? Uma coisa era ser temida, outra bem diferente era ter todo o castelo pensando que ela tentara assassinar a princesa. Será que já haviam enviado mensagens para o rei? Ela precisava arranjar mais espiões fora do reino. Precisava de olhos em toda parte.

Bebeu mais vinho e tentou respirar fundo, acabando por se acalmar. Mas havia imagens das quais não conseguia se livrar. As feridas. O olhar raivoso do anão velho que desafiara sua ordem para trazer a princesa de volta em segurança. E acima de tudo isso, o rosto de Branca de Neve ao passar por Lilith no corredor como se ela não estivesse ali. Seus olhos ainda lacrimejavam. Os ombros estavam encurvados. Tinha um aspecto alquebrado. Todo o seu ímpeto natural havia desaparecido. Ela parecia desesperadamente infeliz.

Infeliz.

Lilith olhou para o interior do armário de vidro. Seu reflexo parecia um fantasma triste e indefinido aprisionado do outro lado. Ela ficou olhando por tanto tempo que seu hálito embaçou a superfície. Mas imóvel, em cima de sua almofada de veludo, o pequeno pente de prata brilhava à luz das velas. Tinha tentado se desculpar, mas simplesmente não conseguira botar as palavras para fora. Pensou nos espartilhos. Pensou no próprio casamento infeliz e em seu alívio quando o rei partiu novamente para a guerra. Tentou imaginar Branca de Neve, tão livre e indomável, confinada em um casamento como o dela. Sua cabeça estava tonta pelo vinho; e o coração, pesado com coisas que ela não compreendia.

Em um momento de impetuosidade, do tipo que não sentia desde que era criança correndo pela floresta em torno da casa da bisavó, ela pegou o pente no

armário e o colocou em uma caixinha. Ela não se deteve. Não hesitou. Não queria mudar de ideia. Saiu correndo pela biblioteca vazia, com uma das mãos segurando a barra da saia, enquanto o cabelo caía escorrido pelas costas como a cauda de um vestido de noiva. Talvez pudesse melhorar a situação, no fim das contas. Talvez felicidade falsa não fosse tão ruim se a pessoa não soubesse. Na verdade, a felicidade não era a única coisa que importava?

Quando chegou aos aposentos de Branca de Neve, estava corada e sem fôlego. Fazia muito tempo que não se movia com tamanho abandono. Ela parou um pouco, arrumou o vestido e se aprumou antes de abrir a porta. Ela podia fazer isso. Podia se desculpar.

As duas aias estavam arrumando o quarto e trocando a água da jarra sobre a mesa. Lilith olhou para a cama que estava bem arrumada e vazia.

— Onde está Branca de Neve? — perguntou. — Achei que estivesse se recuperando.

— Ela saiu — respondeu a mais bonita das duas. — Não se preocupe, ela não saiu a cavalo. Ainda está muito machucada para isso.

A farpa nas observações a atingiram, mas Lilith manteve a pose. Ela podia dever desculpas a Branca de Neve, mas não àquelas garotas.

— Onde está ela?

— Saiu para dar uma volta — disse a aia de aparência desmazelada, ávida para não ser totalmente superada pela colega. — Mas não sei para onde. Talvez ao mercado.

Lilith não fez nenhuma pausa. Sabia que se hesitasse ia mudar de ideia, e as condições e a oportunidade estariam perdidas. Entregou a caixinha na mão da moça mais confiante.

— Pegue aqui. É um presente para ela.

A criada segurou a caixa com cautela.

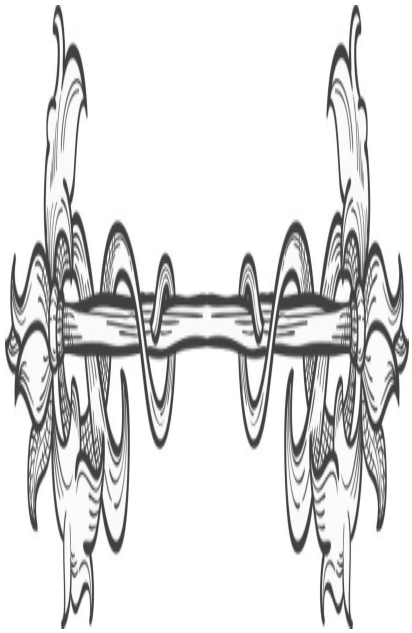
— É só para Branca de Neve. Ninguém mais deve tocá-la. Entenderam? — Ela gostou de ouvir sua voz voltar ao normal. Pelo menos ao frio gelado que tinha se tornado normal. — Haverá consequências graves se me desobedecerem.

— Sim, sua majestade. — A garota olhou para o chão. Ela sabia seu lugar. — É claro, sua majestade.

— Diga a ela que quero... — Lilith parou e sua voz suavizou-se. — Diga a ela que eu gostaria que ela o usasse no jantar esta noite.

— Sim, sua majestade.

— Bom. — Ela se virou, deixou as duas e se sentiu melhor do que se sentia em muito tempo. Talvez fosse apenas o vinho.



A garota morreu duas horas depois.

Para começar, ela nem era bonita, mas na morte seu rosto se congelou na agonia em que morrera. Não era mais encurvada e com jeito de rato: o corpo estava contorcido e o cabelo estava emaranhado e vermelho onde o escalpo sangrara em contato com o veneno. Foi Branca de Neve quem a encontrou e, depois de chamar os médicos e remover o corpo do castelo emudecido, era Branca de Neve que agora tremia de raiva, com os olhos cor de violeta raiados de vermelho de tanto chorar diante dela.

— O pente estava envenenado — disse por fim, logo que conseguiu controlar a respiração. — Ele matou Tillie, mas era para mim. *Você* o deu para mim. Ela só experimentou porque queria ficar bonita. Como uma princesa!

— Não é bem assim — disse Lilith. — Sua atitude arrogante havia desaparecido e ela sentia um nó de medo no estômago. Apertar demais o espartilho era uma coisa. Mas aquilo, aos olhos de todos, parecia tentativa de assassinato. O que estariam dizendo os rumores, agora? A que distância eles viajariam? — Eu não sabia.

— Você não sabia? — Branca de Neve quase riu. Seu nariz estava escorrendo e ela o limpou com as costas da mão. — Você sabe de tudo!

— Achei que fosse apenas encantado. — As lágrimas começaram a brotar. Ela fez um esforço enorme para engoli-las, mas uma escapou e desenhou uma trilha ao descer pelos ângulos do seu rosto. — Só isso. Por que eu iria envenenar você? E se eu quisesse envenenar você, por que faria isso de um jeito tão *óbvio*? — Sua expressão estava começando a ficar agressiva como sempre tinha sido,

desde pequena. — Eu estava *tentando* me desculpar.

— Encantado? — Branca de Neve a encarou fixamente. — O que quer dizer com isso?

— Não importa. — Em torno delas, a biblioteca sem uso tinha mergulhado em silêncio como se estivesse ouvindo a história para mais tarde encaderná-la em livro e acrescentá-la a suas prateleiras — Ele devia lhe trazer felicidade. Quase o usei em mim mesma.

— Não confio em sua magia — disse Branca de Neve. Sua voz agora estava mais calma, e os olhos, apesar de ainda doerem, estavam confusos. Era um dom e uma bênção esse seu traço de caráter que a fazia desejar acreditar no melhor de todo mundo.

— Eu não sabia que estava envenenado — repetiu Lilith. A beleza de cabelos negros a encarou por um bom tempo, e a rainha soube que se houvesse um momento para contar todos os segredos que escondia, aquela era a hora. Mas eles ficaram entalados na garganta. Ela não conseguia se permitir liberá-los.

— Acredito em você — disse por fim a princesa. — Mas fique longe de mim. — Ela se virou e foi embora sem olhar para trás. A rainha não a culpava, mas também sabia que as coisas tinham mudado. Como aquilo podia ser mantido em segredo? Uma moça tinha sido morta por seu presente, e Branca de Neve não confiava mais nela. O rei ia saber de tudo. Lágrimas tornaram a ameaçá-la, e ela amaldiçoou o dia em que pôs os olhos naquela linda princesa.

Ao cair da noite, seu medo tinha encruado. Ia tomar o controle da cidade. Era sua única opção. As pessoas precisavam temer sua rainha tanto quanto amavam e respeitavam o rei ausente. Ela já havia enviado seus soldados mais leais, alguns dos quais sem dúvida estavam mais do que apenas um pouco apaixonados por ela, para rastrear qualquer mensagem que pudesse ter sido enviada do castelo. O rei ainda não podia saber de nada. E se dependesse dela, nunca ia saber. Ela não tinha passado por tudo aquilo para agora cair.

Foi para seu quartinho nos fundos da biblioteca e trancou a porta. Guardou várias de suas joias de ouro em um pequeno vaso de ferro fundido; quinquilharias e presentes de embaixadores em visita. Pegou um pequeno frasco em um dos armários e derramou um pouco do seu pó sobre a pilha. Em segundos o ouro começou a derreter e a borbulhar. Ela deu um sorriso. Tomou um gole do vinho, desfrutando o momento, e então tirou com cuidado a lâmpada velha de seu lugar. Ela tinha contas a acertar.

— Boa tentativa, Aladim — murmurou ela, debruçando-se tão perto que seu rosto quase tocava a superfície e ela podia sentir o cheiro de mil mãos suadas. — Boa tentativa.

Pegou um pincel e pintou cuidadosamente com o ouro líquido a superfície

da lâmpada, cobrindo cada centímetro. Ninguém jamais esfregaria o bronze mágico de novo. Quando terminou, pegou o que restara do ouro derretido e o derramou pelo bico, só para garantir. Ela esfriou instantaneamente, selando o garoto no interior para sempre.

A rainha teve certeza de ouvir o eco muito distante do seu grito de desespero.

Isso fez com que se sentisse melhor.



CAPÍTULO 4

Traga-me o coração dela

Naquele dia, fazia calor na floresta, e apesar de o suor fazer cócegas no pelo de seu peito enquanto se movia entre as árvores, isso agradava ao caçador. O calor deixava mais lentos os animais tanto quanto os homens, e apesar de isso ter acontecido com sua habilidade, ele não tinha dúvida de que haveria alguma carne assando em seu fogo à noite. A tarefa ia ser mais fácil do que esperava. Podia combater a preguiça provocada pelo sol e se forçar a ficar alerta. Era improvável que fosse igual com os animais naquela floresta densa. Até agora, além de uma velha encarquilhada correndo entre as árvores pouco antes de avistar o veado, praticamente não vira sinais de habitação humana nem ouvira o som de trombetas de alguma caçada real. Aquele era um local selvagem. Do jeito que ele gostava.

Aquela floresta era nova para ele, mas seguia o animal branco com bastante facilidade, movendo-se em silêncio cerca de 10 metros atrás dele, com os olhos atentos aos marcos mais simples da paisagem e os guardando na memória. Seguir o animal não seria o problema. Em sua terra natal, homens nascidos para caçar podiam rastrear até o cervo de pés mais leves antes dos 10 anos. Aos 6

anos, ele havia passado uma noite perdido na floresta, e apesar de isso ter acontecido vinte anos antes, era uma experiência que ficaria com ele até o dia de sua morte. Afastou a lembrança daquelas horas longas de escuridão e do lobo sobrenatural, a fera que ainda assombrava seus sonhos, e seguiu adiante com determinação, cruzando faixas irregulares e quentes de raios de sol que atravessavam os galhos frondosos. O ar estava adocicado com o aroma fresco de ervas desconhecidas; cítrico, lembrando couro e adocicado. Ele não sabia em qual dos reinos estava naquele momento, se eram amigos ou inimigos, mas ele estava longe de casa, isso era certo.

Sua bolsa pendia de um jeito estranho às costas junto de seu arco e das flechas, e talvez ele a devesse tê-la deixado no local do acampamento, mas tinha aprendido havia muito tempo a não se afastar das recompensas de suas caçadas. O homem era a mais ardilosa de todas as criaturas e eram pouquíssimos em que se podia confiar. Caçadores cresciam rápido, e ele conquistara o que carregava. Ia ficar com os sapatos tomados como prêmio.

Em certo trecho, o relevo aplainou-se e o animal o conduziu por uma trilha rústica, aberta por anos de cascos pisoteando em busca de seu caminho pela floresta até se transformar em verdadeira trilha, mas ele não ficou por ali muito tempo e voltou para a relativa segurança em meio às plantas.

O caçador não se apressou. Em vez disso, deixou que a criatura desfrutasse da beleza daquele dia na ignorância de que não haveria outro. De repente, as árvores começaram a ficar mais finas e afastadas umas das outras e se abriram em uma clareira natural atravessada por um córrego estreito.

À frente, o veado branco, um animal raro, nobre e elegante, parou para beber. O caçador se abaixou e se esticou em silêncio sobre o chão, de bruços sobre a terra. Seus olhos se apertaram enquanto estudava a criatura, pequenas linhas vincaram sua testa e se uniram às que já estavam ali anteriormente, resultado de uma vida passada ao ar livre que o deixara bronzeado e enrugado antes dos 30. Seu coração batia depressa contra o chão; por um instante, como sempre era o caso naqueles segundos antes da matança, ele sentiu todas as coisas na natureza se unirem em uma única. Ele, a floresta, a terra e o próprio veado. Ele observou-o abaixar o pescoço grosso e mergulhar os chifres na água antes de levantar a cabeça e sacudir as gotas por cima de todo o couro maravilhoso.

Sem tirar os olhos da criatura, ele mudou de posição, e um braço puxou a flecha para trás até o ponto em que ela começou a lutar para se libertar. Veados brancos eram raros, mágicos e notoriamente difíceis de rastrear. Eram protegidos contra a caça e pertenciam, se é que pertenciam a alguém, às casas reais dos reinos. Era traição tomar algo que pertencesse a seu rei. Mesmo pensando desse modo, a mão do caçador permanecia firme. Era um estranho naquela terra. Tinha

seu próprio príncipe para reverenciar. Mas acima de tudo, não acreditava que nenhuma vida fosse mais preciosa que outra. Cada criatura que respirava era absolutamente única, por isso toda morte era igual. Ele respeitava todas.

Desejou em silêncio uma passagem segura ao animal. Desejou a ele felicidade no momento de sua morte. Fechou os olhos e deixou a flecha voar na direção do alvo.

O veado caiu sem emitir um som. Esperneou por um instante e então ficou imóvel. O caçador se levantou, satisfeito com seu trabalho. Tinha sido uma morte limpa, e o animal não teve consciência de que sua hora se aproximava. Todos eles deviam ter uma morte assim.

Estava tão concentrado em retirar a pele do veado, agora que a caçada terminara e seus sentidos não estavam mais em alerta, que quando ouviu os soldados chegando ruidosamente pela floresta era tarde demais. Estava cercado.

— Baixe a faca!

O caçador avaliou suas opções e ficou claro que lhe restava apenas uma. Pôs a faca, lambuzada com o sangue quente do bicho no chão, ao lado da carcaça. Os garanhões negros, cuja cor combinava com os capacetes e tabardos dos homens que os montavam, bateram com os cascos na terra, excitados pela proximidade da morte. Não era uma reação natural, pensou o caçador. Cavalos, por mais nobres e belos que fossem, eram presas naturais, assim como o veado. O sangue deveria deixá-los nervosos.

— Matar um veado branco é traição, seu ladrão desgraçado— disse o capitão. — A rainha em pessoa vai querer cuidar de você.

— A rainha? — perguntou o caçador. Os tabardos que vestiam eram estampados com um leão e uma serpente vermelhos entrelaçados. Seria a rainha a serpente? E em que terra alguma vez uma rainha tinha exercido o poder?

— Não é dessa região, certo? — rosnou um segundo soldado, com sotaque mais rústico. — Isso não vai salvá-lo. A rainha leva sua magia muito a sério. Veados brancos são guardiães de magia. Você se matou quando o acertou, rapaz. — O círculo de homens se fechou.

— Um animal não passa de um animal — disse o caçador, parado em pé, com ombros largos e os olhos negros em chamas. — Não acredito em superstições.

O golpe em sua têmpora foi forte, e ele caiu de joelhos, zonzo e vacilante, com pontos negros tomando os cantos dos olhos. Os homens à sua volta riram, e ele se forçou a ficar novamente de pé.

— Vamos acabar com ele? — disse uma voz.

— Não. Amarrem-no. — Os olhos do capitão eram frios através das fendas em seu elmo pesado. — Vamos arrastá-lo de volta e deixar que a rainha lide com

ele. Afinal de contas, somos a Guarda da Rainha.

Dois homens desmontaram, e o caçador rangeu os dentes quando uma corda áspera queimou sua pele enquanto a amarravam com força em torno de seus braços.

— E traga as coisas dele.

— E o veado?

— Vocês dois. Levem-no até o Poço de Ender e o joguem lá dentro. Nem os anões vão conseguir tirá-lo de lá.

Enquanto os soldados o arrastavam para fora da clareira e puxavam a corda de um lado para outro para desequilibrá-lo, o caçador tentou não pensar no animal que tinha acabado de matar por nada. Tirar qualquer vida era um negócio sério, essa era a primeira lição dos caçadores. Uma morte antes da hora devia ser valorizada, fosse para fornecer alimento, segurança ou abrigo. A morte agora sem sentido do veado deixou uma mácula na alma do caçador. Ele teria sua vingança por isso, de um jeito ou de outro. Manteve os pés solidamente no chão apesar das tentativas dos homens de derrubá-lo, mas quando eles chegaram à trilha e os cavalos ganharam velocidade, nenhum homem teria conseguido se manter de pé. Ele, porém, não gritou, apesar de o chão rasgar suas roupas e sua pele. Ele não lhes daria esse gostinho.

O mundo girava em um caleidoscópio de árvores, luz e blocos arenosos até chegarem aos limites da floresta onde finalmente a trilha se alargou e nivelou em uma estrada bem utilizada. Não era mais suave com seu corpo já arrebentado, e o caçador lutava para girar o rosto e mantê-lo distante do solo. Conforme o céu azul substituiu a abóbada de árvores, a forma do reino se descortinou ao seu redor, estranhamente vasto e opressivo quando visto do chão. Ele mordeu o interior da boca. Tentou se concentrar em qualquer coisa que não fosse a dor abrasadora que começava nos ombros que ameaçavam ser arrancados do lugar. A terra era amiga do caçador e conhecer sua disposição podia ajudá-lo. Um caçador nunca desistia, e pelo menos a agonia de seu corpo era prova de que, pelo menos por enquanto, ele ainda estava bem vivo.

À distância e à direita ficavam os Montes Ermos. Eles assomavam na paisagem de todos os reinos, mas aqui suas franjas eram marcadas por montanhas altas e de cumes afiados pontuadas por manchas escuras de onde se erguiam nuvens de fumaça. Ele nunca tinha visto um anão, apesar de as histórias sobre sua baixa estatura, vida longa e espírito endurecido terem alcançado seu reino. Ser muito pequeno para sempre era um conceito estranho para o caçador. Como o mundo devia parecer diferente.

O casco de um cavalo chutou uma pedra pequena para o alto e ela acertou seu rosto e o cortou de leve. O caçador soltou um gemido abafado e se esforçou

para não gritar. Não ia dar a eles a satisfação de mostrar sua fraqueza. A dor, como todas as coisas, seu pai havia lhe explicado, é algo que passa. As poucas pessoas que se aproximaram da estrada saídas dos vilarejos isolados pelos quais passaram deram uma olhada rápida para ele e se afastaram rapidamente. Ele captou vislumbres de pena em alguns rostos enquanto era arrastado, mas todos os olhares permaneciam baixos e nenhum se aproximou.

A Guarda da Rainha finalmente parou diante das muralhas do castelo. Enquanto o caçador rolava para ficar de costas e arfava sua exaustão, viu que soldados diferentes guardavam os portões. Estes estavam vestidos em um azul forte decorado com um leão dourado no peito. Ele reconheceu aquele uniforme, e não era da aliança de seu próprio reino. Eles usavam elmos prateados que, diferentemente da Guarda da Rainha, não cobriam seus rostos. “Por que a Guarda da Rainha escondia sua identidade?”, ele se perguntou. Será que não eram populares, e o anonimato lhes garantia mais medo da população? As duas coisas eram prováveis, a julgar pela agressividade dos dois grupos de cavalos dos soldados, que refletia a tensão entre os homens que os montavam.

Não havia dúvida de que os soldados olhavam para a Guarda da Rainha com uma antipatia saudável. O caçador estava deitado de costas e respirava com dificuldade na terra, feliz só por ter um momento de descanso após ser arrastado de tão longe.

Sombras se projetaram sobre ele, que olhou para cima e viu um dos soldados de azul. De pé acima dele, havia um homem vivido com cicatrizes de batalhas que cruzavam o rosto marcado pelo tempo. Ele se abaixou e, com um puxão forte, levantou o caçador. O mundo girou loucamente por um instante enquanto a agonia em seus braços ficou quase doce em sua completude absoluta, mas à medida que se reduziu a um latejar excruciante, ele ficou satisfeito porque, apesar de estar meio desequilibrado, as pernas trêmulas não haviam falhado. Os anões não eram os únicos durões. Os homens da caça também nasciam fortes, e ele não ia decepcioná-los enquanto estivesse tão longe das florestas de casa.

— Ele matou um veado branco e mereceu ser arrastado — rosnou o capitão. — Ele é prisioneiro da rainha. Um dos nossos. Vocês não têm o direito de tocá-lo.

— Ele pode muito bem ser um traidor; se for, então tenho certeza de que vai pagar o preço. — O segundo soldado permaneceu onde estava, ao lado do caçador, desafiando qualquer dos soldados de negro a derrubar de novo o prisioneiro. — Mas nosso rei, o comandante de *todos* os guardas, da rainha ou não, tem enorme respeito pela coragem, esteja onde estiver. Esse homem não gritou na estrada. Nem uma vez. Nós o teríamos ouvido. — Ele virou a cabeça e cuspiu no chão de terra seca e empoeirado. — Normalmente ouvimos. O rei teria

permitido que ele enfrentasse seu destino de pé.

— O rei não está aqui, ou você não percebeu?

— Mas ele vai voltar. E ainda sou seu superior, irmãozinho.

— É verdade, Jeremiah, é verdade.

O caçador olhava de um para o outro. Mesmo com o rosto do capitão praticamente todo coberto pelas linhas de seu elmo, ele podia ver que os dois homens tinham os mesmos olhos. O mesmo queixo.

Apesar de a postura do capitão ainda parecer desafiadora, o caçador sabia que permaneceria de pé pelo restante de sua jornada. Quando os portões se abriram e eles deixaram a guarda do rei para trás, ele balançou de leve a cabeça para Jeremiah. O soldado não respondeu, e o caçador não esperava que ele o fizesse, mas ainda assim era necessário um agradecimento. Ele agora tinha uma dívida com aquele homem, como devia uma vida para o veado branco.

A cidade estava cheia de vida e de energia, como eram todos os reinos assim na proximidade de seus castelos. Mercadores corriam de um lado para outro com carroças cheias de tecidos e frutas. De ruas laterais vinha o clangor de metal enquanto ferreiros trabalhavam o minério das minas, e as crianças corriam entre os adultos, ignorando as repreensões gritadas e rindo enquanto perseguiam uns aos outros. Parecia que a cidade do inimigo de seu reino não era tão diferente em espírito comparada à cidade de seu próprio reino. Não era surpresa que seu pai sempre sacudisse a cabeça e risse baixinho quando ouvia novas histórias de guerra. Seus reis podiam ter suas batalhas, mas os caçadores podiam conversar muito bem com outro caçador e um padeiro podia conversar muito satisfeito com outro padeiro independentemente da bandeira sob a qual serviam.

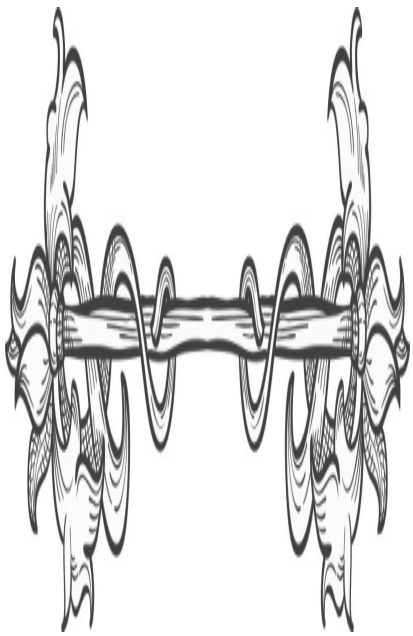
Exausto, ele caminhava adiante enquanto o pequeno grupo tomava o centro da rua, não importando se já houvesse ou não alguém em seu caminho, então os risos morriam conforme passavam. Um homem cuspiu em seu rosto quando ele passou, e o líquido quente e espesso, fedido a tabaco, fez arder o corte em seu rosto, apesar de o homem não poder saber por que crime, se é que por algum, o caçador estava sendo arrastado. O homem deu um passo para trás e olhou para os guardas em busca de aprovação, depois olhou para cima. Um leve retorcer no canto de sua boca traiu seu medo.

Os corvos empoleirados absolutamente imóveis nos telhados pareciam deslocados diante do brilho da cidade rica, cheia como estava de prédios ornamentados e reluzentes com janelas de vidro transparente. Aquele reino estava ganhando seus combates e tinha as minas, portanto bastante do metal forte de que tantos reinos precisavam. Sem dúvida, grande parte do metal arrancado do coração da terra ia parar nas mãos de seus aliados. Os comerciantes não deixavam as guerras atrapalharem os negócios, e os reis não deixavam que

as guerras atrapalhassem seus ganhos. Ali havia riqueza. As praças do mercado estavam calçadas com arenito claro, e quanto mais perto chegavam do castelo branco no coração da cidade, mais ricas se tornavam as pedras, reluzindo com traços de cristal sob a luz do sol.

Ele deixou o cabelo cair sobre o rosto para fazer sombra nos olhos enquanto estudava os corvos acima. Havia um número grande demais deles, empoleirados a cada 20 metros mais ou menos sobre uma pequena torre ou uma chaminé. Eles não faziam barulho, e seus olhos, brilhando como as menores pérolas negras do Mar Mediterrâneo, olhavam de um lado para outro. Estavam observando a atividade nas ruas abaixo. O olhar de um deles cruzou com o do caçador enquanto este passava abaixo dele, e o pássaro o encarou de modo fixo e gelado. Apesar dos acontecimentos dos últimos meses, o caçador ainda não entendia direito a política de cidades e príncipes, mas conhecia muito a vida selvagem. Aquele comportamento não era natural. Ele não tinha medo de corvos, que nunca haviam feito nada para justificar a reputação de serem mau agouro. Era só um pássaro de um tipo diferente de um pombo. As penas daquele pássaro, entretanto, eram extremamente lisas.

O caçador baixou os olhos, depois de ver tudo de que precisava. Os corvos eram encantados. Ele tinha certeza disso.



Parecia que tinham marchado centenas de degraus acima até chegarem à torre mais alta do castelo, onde a rainha aguardava. O caçador tinha perdido a

conta quando chegaram ao topo. Mas enquanto as botas dos soldados ecoavam sobre o chão de mármore negro, tudo o que ele conseguia ver através das janelas em arco era o céu. Uma brisa fresca, muito mais cortante que o vento cálido abaixo, o alcançou e o fez tremer. Será que haviam subido tanto que estavam quase entre as nuvens? E por que a rainha de uma terra tão rica teria uma sala do trono tão longe e acima de seu povo?

Finalmente chegaram a um salão amplo e circular no alto da torre. As paredes ali eram negras como as pedras sob seus pés, mas a cor sólida era interrompida por padrões e linhas de vermelho carmesim, uma ornamentação precisa e recortada como galhos de inverno que tivessem subido pelo chão, longe de onde suas raízes pudessem estar abaixo, no castelo. Para o caçador, pareciam veias sobrenaturais sobre pele negra.

No centro da sala havia um trono solitário feito de minério negro fundido decorado com estofado de veludo vermelho. O caçador inspirou profundamente. Tudo ali era novo. Por mais que fossem opulentos e impressionantes como tudo, aqueles não eram os aposentos da rainha havia muito tempo. Não havia odores no ar frio e seco como se nem mesmo o verão lá fora ousasse se aventurar ali dentro.

Ao fundo, uma arcada ornamentada levava a uma sala menor, e quando os guardas o jogaram no chão e ele deslizou cerca de um metro para a frente, vislumbrou objetos estranhos dispostos sobre almofadas macias e trancados em estojos de vidro reluzentes. Uma sombra caiu sobre seu campo de vista e às suas costas os guardas ficaram em posição de sentido. A rainha tinha chegado.

Pisava com delicadeza e dava passos curtos quando os pés com saltos altos se aproximaram e pararam diante dele. Os olhos escuros do caçador se ergueram do chão frio e por um instante suas dores e o latejar foram esquecidos. Ela era linda. Seus cabelos eram como o gelo nas paredes íngremes dos Montes Ermos. Seus lábios em forma de coração eram como os botões de rosa dos ramos mais altos da roseira, e os olhos eram tão azuis e frios que doía só de olhar para eles. Ele havia visto lobos de inverno que tinham essa expressão assim que a primavera começava a facilitar a vida do resto da natureza, mas marcava o início das próprias dificuldades. Puro desafio, apesar de saberem que sua hora de seguir o frio para um reino distante ou morrer provavelmente tinha chegado. Lobos de inverno, tão menores e mais etéreos que seus irmãos cinzentos, e mais brutos, eram belos, delicados e perigosos. Essa rainha não era diferente.

— Vejo que ainda recebe ordens de seu irmão mais velho — disse ela, com os olhos no capitão.

— Tive de fazer isso, sua majestade. Ele é o oficial de patente superior. O que mais eu podia fazer?

— Teria feito bem se o lembrasse de que o rei vai demorar para voltar para casa. Fui informada de que sua campanha está indo bem e que ele está empurrando os inimigos contra o mar. Ele diz que pode demorar até dois anos para voltar. — O soldado se mexia desconfortavelmente sob a intensidade de seu olhar gelado. — Isso é muito tempo. Coisas terríveis podem acontecer às pessoas... ou a suas famílias durante esse tempo todo. Os anões sempre precisam de pessoas para separar o minério, e infelizmente, como todos sabemos, só os pulmões dos anões conseguem lidar com a poeira por muito tempo. Caso se sinta desconfortável em servir em minha guarda, tenho certeza de que posso encontrar algum uso para você em outro lugar, capitão Cricket. E lembre-se: em sua ausência, eu sou a voz do próprio rei.

— Não vai tornar a acontecer, sua majestade. — O capitão rapidamente puxou e abriu a bolsa rústica de fibras de cânhamo do caçador. — Isso estava com o prisioneiro. Achei que pudesse querê-los.

Os sapatinhos de diamantes. É claro. O caçador observava enquanto a irritação da rainha com seu criado desaparecia diante da visão dos sapatos cintilantes. Quando a luz os atingia e se refratava, as cores do arco-íris atordoavam em todas as superfícies. Os belos olhos da rainha se abriram, e a boca dele abriu levemente. Ele sabia o motivo. Os sapatinhos eram quentes ao toque. Vibravam de charme e carisma. Ele tinha sentido isso quando os pegou naquele reino muito diferente, e depois disso tinha ouvido sua história. Foi preciso mais do que pedras preciosas para fazê-los.

— Sapatinhos para um baile — murmurou a rainha. — E com tanta magia neles. — Ela tornou a olhar para baixo, para o caçador, dessa vez com muito mais curiosidade. — E ele matou um veado branco?

— No coração da floresta. Mandei meus homens atirá-lo no Poço de Ender.

— Não é um enterro apropriado para tal animal. Mas pelo menos não será comido por nenhum camponês.

O caçador pôde sentir o alívio no travo penetrante do suor do capitão, mas ele foi superado pelo calor que irradiava da pele da rainha. Como alguém tão frio na superfície podia ter tamanho calor em seu interior? Seu coração se acelerou. Ele era um caçador, afinal de contas, e a proximidade com o perigo sempre o excitava. Quantos anos tinha aquela rainha? Mais jovem que ele, com certeza. Seus olhos encontraram os dela.

— Vocês podem nos deixar — disse ela, ainda sem erguer os olhos para seus homens. Eles não protestaram, e o caçador se perguntou que tipo de armas aquela beleza delicada tinha em seu arsenal que dava a seus homens tranquilidade para deixá-la com um assassino com a certeza de que estaria segura. Só podia ser magia. Ele tinha aprendido muito sobre magia nas últimas

semanas: era mais poderosa que qualquer lâmina. Não que ele tivesse uma. Mas mesmo se tivesse, achava que seria difícil enfiá-la naquela criatura exótica.

Quando os soldados saíram, ele se levantou, mesmo sem ter recebido permissão para isso. Ela não comentou, apenas o estudou enquanto ficava de pé. Era vários centímetros mais alto que a rainha, mas ela não recuou. Não tinha medo dele, isso era certo.

— Onde arranjou isso? — Ela ergueu os sapatinhos, e a luz do sol que eles refletiram dançou pelo rosto imaculado.

— Eu os ganhei. — De certa forma, era verdade. Ela o estava observando pensativa, e ele a examinava de volta. Era ainda mais jovem do que ele pensara, talvez uma segunda esposa do rei. O que ela achava disso? Seria essa a causa da dureza em seus olhos?

— É isso que a maioria dos ladrões diz. Eles possuem magia. Sabia disso?

— Não lido com magia.

— Posso ver isso. Se lidasse, não teria matado meu veado.

— Era um veado da floresta, não seu — disse o caçador. — Somos todos animais. Todos respiramos. Nenhuma criatura é mais valiosa que outra. — Ele fez uma pausa, com a lembrança do cervo ainda fresca. — E nenhuma morte deve ser desperdiçada.

— Toda vida é igual — encerrou ela, roubando dele suas palavras não ditas. — Toda morte é igual. — Diante da surpresa dele, ela sorriu com os dentes brancos, pequenos e perfeitos. — Tínhamos tribos de caçadores como você em minha terra natal. Homens que viviam pelo código. — Ela deu um passo em sua direção, e o coração dele se acelerou. Será que ela podia sentir sua excitação? Qual era o jogo que estava fazendo com ele? — E em relação à própria vida? — perguntou ela, erguendo os olhos para ele e tão perto que ele podia sentir seu hálito quente na pele. — Será que você tem o mesmo desprendimento?

— Com essa — sorriu ele — tenho de admitir que sou mais cuidadoso do que com as outras.

— Esse costuma ser o caso. — Ela ergueu os sapatinhos. — Por enquanto, vou ficar com eles.

— É isso o que diz a maioria dos ladrões. — A atmosfera entre eles ficou carregada, e o sangue do caçador corria quente por seu corpo. Tinha praticamente esquecido da dor nos músculos.

— Você devia tomar cuidado com o que diz.

— Se vou morrer mesmo, não sei que diferença minhas palavras podem fazer.

— Eu ia lhe oferecer um acordo. — Dessa vez ela deu um passo para trás e ele viu uma leve mudança em sua postura quando sua coluna ficou rígida. Era

novamente a rainha. O que estaria escondendo? Por que havia tantas linhas de defesa em torno da rainha nas nuvens?

— Que tipo de acordo?

— Do tipo que você faz o que mandam fazer e consegue conservar a vida. — A boca da rainha se retorceu, apertada e com amargura. — E envolve matar alguém. Algo a que você parece estar acostumado.

— Mas você tem toda uma guarda para isso.

— Há certos limites — ela virou-se para longe dele e seguiu na direção da janela. — Que eu não ousaria pedir a meus homens que rompessem. Para algumas tarefas, você precisa de alguém de fora. Também quero que seja feito de maneira limpa e com respeito. — Ela não olhou para ele enquanto falava, e sua voz foi abaixando até que ele teve de se esforçar para ouvi-la.

— Ela não tem ficado muito no castelo. Isso já faz um bom tempo. Desde que bani os anões do interior dos muros da cidade e substituí suas aias por algumas de minhas criadas. Agora ela chega tarde da noite e sai de manhã cedo. Ouço, porém, rumores sobre ela. Ajuda os pobres, cavalga pelas ruas e distribui as esmolas do pai. A mais bondosa, mais graciosa, a princesa mais linda de todos os reinos. É isso o que dizem. Estão ficando sem elogios.

O caçador se perguntou quanto ela estava falando com ele e quanto consigo mesma. Estava perdida nos próprios pensamentos, e quando a luz caiu sobre seu rosto, ele achou ter visto outro animal sob sua superfície, que estivera oculto por tanto tempo que talvez tivesse até esquecido de existir. Ele estremeceu, apesar dos músculos arrebentados e do corpo todo dolorido.

— Ela deve estar em algum lugar da floresta. Soube que é lá que passa os dias.

— Você parece ouvir muito para alguém que prefere o alto de uma torre à grama quente sob os pés. — Ele se aproximou até parar a menos de meio metro atrás dela.

— Tenho olhos por toda parte — disse ela. Ele se lembrou dos corvos pousados tão imóveis no telhado. Ela podia ser de uma beleza etérea, mas era má e perigosa. Ele a desejava, não podia negar isso, mas não seria uma conquista. Não haveria amor naquilo. Não da parte dela.

— Como vou reconhecê-la? — perguntou ele.

— Ah, não há ninguém parecido com Branca de Neve. Você vai saber quando encontrá-la. — Ela se virou para encará-lo. — Mas por via das dúvidas... — Ela inclinou a cabeça para trás. Tinha o pescoço fino, pálido e forte como os cisnes do grande lago; abriu um medalhão no pescoço. Ele se inclinou para mais perto, tanto para olhar quanto para sentir outra vez seu calor. Estava na estrada fazia muito tempo e houvera bastante perigo e poucos prazeres mundanos. Ele

afastou os olhos de sua pele branca e olhou para as imagens. De um lado havia o retrato de um homem de meia-idade, de compleição robusta e olhos suínos. Se essa fosse uma imagem lisonjeira, não era surpresa para o caçador que ela fosse tão infeliz. A outra moldura tinha a imagem de uma mulher bonita e de cabelos escuros cujos olhos, mesmo captados pela pena de um artista, dançavam de felicidade e alegria de viver.

— Traga-me o coração dela — disse com suavidade a rainha antes de fechar rapidamente o medalhão. — Ou você vai trazê-lo para mim, ou eu mesma vou arrancá-lo. — Do interior das dobras de seu vestido delicado, ela tirou uma faca de caça. — A melhor prata e o melhor aço dos anões. Com isso vai ser rápido. E nem pense em fugir. A floresta é profunda, mas meus guardas vão encontrá-lo.

Ela não lhe entregou a faca. Em vez disso, se aproximou dele, puxou seu cinto e a enfiou ali. Ele olhou para baixo, para as curvas de seus seios presos e apertados no espartilho do vestido. Estava sentindo uma ereção, e as mãos dela estavam tão próximas que ele se perguntou se ela tinha percebido.

Ainda estava coberto de terra, suor e sangue seco tanto do veado quanto dele mesmo, e os dedos dela passaram pelas manchas em suas roupas como se fascinados por elas. Por fim, ela ergueu os olhos para ele, que pôde ver nos lagos infinitos de seus olhos, onde o bem, o mal e tudo o que havia entre os dois ia de um lado para outro depressa como um peixe em profundezas geladas, que ela sabia exatamente o efeito que provocava nele.

— Por que está tão triste? — perguntou ele.

Ela recuou um pouco, chocada.

— Por que está dizendo isso?

Ele se moveu rápido e tomou seu rosto nas mãos. Grudou sua boca na dela, suave e doce e tão distante do sabor da floresta, antes que ela pudesse detê-lo. Sua língua apertava a dela, que protestou por um longo momento antes de conseguir se soltar. Ela o encarou, arfando levemente, e pela primeira vez ela parecia uma mulher jovem em vez de uma rainha.

— Posso sentir o gosto em você.

— Deixe de dizer merda.

— Essa não é exatamente a linguagem da realeza. — Ele riu alto, incapaz de se controlar. — Você foi arrastada pelas ruas, não foi, antes de ser achada pelo rei?

— Você não sabe nada sobre mim — disparou ela contra ele. — Nada.

— Só que você está cheia de tristeza. — Ele agarrou seus braços e ela lutou contra ele, mas ele a segurou com firmeza enquanto a puxava para perto de si. Na verdade, ela não estava lutando contra ele, que sabia disso. Estava lutando

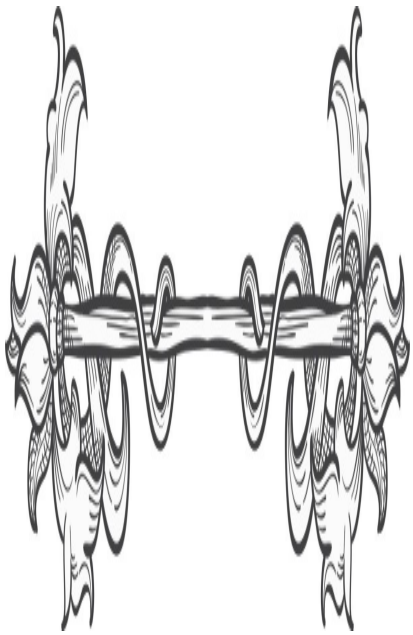
contra si mesma. Ela tinha magia. Se quisesse impedi-lo, sem dúvida podia matá-lo ali mesmo. Ele estaria impotente diante dela. Isso o excitou mais. O perigo sempre fora seu calcanhar de aquiles. Ele debruçou-se para a frente para tornar a beijá-la.

— Você me dá nojo.

— Prefere seu rei velho e gordo? — sussurrou ele e a beijou outra vez, dessa vez com ternura, e a tensão nos braços dela relaxou. Sua carapaça dura estava se rompendo. A boca quente dela tinha gosto de maçãs recém-colhidas em um pomar. Aquilo não era amor, ele sabia, não havia nenhum toque disso no encontro de seus lábios, mas era um alívio de que ambos necessitavam. O corpo dele latejava. Estava cansado. E ainda não tinha saído da floresta. Aquela mulher, aquela rainha estranha, ia matá-lo se quisesse.

Ele se afastou dela para respirar. O sangue pulsava alto em seus ouvidos. Ela não era confiável, mas era bonita, sensual e distante. Era diferente dele de muitas maneiras, verdade, mas os dois eram predadores. Ele a observou por um momento, a cabeça levemente inclinada para trás, os seios brancos que subiam e desciam rapidamente nos limites apertados do vestido. Ela estava de olhos fechados, e ele se surpreendeu ao ver uma lágrima escapar e escorrer como um riacho de inverno pelo rosto pálido. Ele a secou com os dedos ásperos.

— Só faça com que ela desapareça — murmurou a rainha enquanto as mãos dele tateavam os laços de seu espartilho e libertavam sua pele quente. — Só faça com que ela desapareça. Não tenho mais escolha. — Com os olhos bem apertados, ela o beijou de volta e o puxou para o chão. Por algum tempo, o veado e suas aventuras passadas, e a matança futura, foram completamente esquecidos.



Ele não demorou muito para localizar Branca de Neve. As pessoas eram criaturas de hábitos, e os cascos do cavalo dela tinham deixado sua marca nas trilhas que levavam à parte mais densa da floresta no sopé da montanha. Mesmo sem isso para guiá-lo, ele teria procurado naquela direção. Os anões eram seus amigos e moravam no sopé da montanha em cujas entranhas trabalhavam por horas e horas. Ela tomava aquele caminho toda manhã e saía toda noite de volta para o castelo. Trilhas de animais nunca mentiam.

O sol que atravessava a copa das árvores estava quente, e ele de vez em quando olhava para cima para examinar os galhos em busca de corvos, mas não tinha visto nenhum desde que deixara as muralhas da cidade para trás, escondido na parte de trás da carroça de um mercador. Talvez o controle da rainha sobre os pássaros tivesse um limite físico. Mesmo assim, ele não relaxava. Em pouco tempo haveria soldados em seu encalço, e ele já sabia que ela havia dobrado as patrulhas nas fronteiras do reino. O momento que tinham compartilhado — e ela fora tão fria em relação a isso quando terminaram que ele quase pensou que tinha sido apenas um sonho — não tinha estabelecido nenhuma confiança entre os dois.

Não houve afeição no que fizeram. Aquela mulher de beleza estranha tinha mantido os olhos fechados do início ao fim, murmurando palavras que ele não conseguia entender direito enquanto explorava o corpo dela e tirava dele sua satisfação. Era o modo do caçador até que o verdadeiro amor os encontrava, mas dessa vez foi ele quem se sentiu estranho depois. Eles tinham usado um ao outro, não havia como negar isso, mas ele sabia que ela o havia usado *mais*. Se ela

tivesse qualquer respeito por ele antes, não havia nenhum em evidência quando finalmente o mandou em seu caminho. Talvez ele tivesse sido tolo, mas houvera muita maldade ao seu redor ultimamente e nada afastava mais o pensamento do que os prazeres do corpo, fossem eles obtidos com uma rainha ou uma criada.

Ele se concentrou na tarefa que ela lhe incumbira. Era um homem objetivo, mas estava aprendendo as manobras dos ricos. Parecia que não importava quanto desejasse uma vida tranquila, o destino o levara para jogos reais mais uma vez, e esse teria uma grande virada antes de seu final. Ainda havia uma dívida a ser paga, e ele não ia se esquecer disso.

À frente, logo fora de vista, um cavalo relinchou e bateu com as patas no chão coberto de folhas. Sua pele coçava, e ele avançou rastejando em silêncio, ignorando os insetos minúsculos que voavam ao redor de sua cabeça e zumbiam à sua frente naquele calor quente e úmido. O ar tão próximo ao sopé das montanhas carregava um travo de minerais das minas, e enquanto ele espiava através dos galhos baixos o lago à frente, o cheiro ficou mais forte. Uma névoa densa parecia subir da superfície da água, ficar mais suave e aos poucos evaporar, como se a água estivesse mais quente que o ar. Talvez estivesse mesmo. Não havia minas em sua terra natal e ninguém que soubesse mudar a natureza dos metais da terra.

De algum lugar do meio da névoa veio um barulho de água, leve e livre, e do mesmo modo que tinha certeza de não vê-la, acreditava que o contrário também devia ser verdade. Ele andou entre as árvores até chegar à clareira e ao lado de um belo cavalo com cores reais em seus arreios. Ele acariciou o pescoço grosso e negro e o acalmou, impressionado por seu tamanho e sua força; não era o corcel que esperava para uma princesa. Olhos negros cheios de fogo o observavam com cautela. Aquele não era nenhum cavalinho de brinquedo, era um garanhão adequado para um rei guerreiro. O que havia nas mulheres daquela família real que as fazia serem tão estranhas? Uma rainha de gelo em uma torre e uma princesa em um cavalo de cavaleiro que nadava (ele apanhou o par de rédeas e a blusa branca no lombo do cavalo e encontrou a roupa íntima dela ali também) nua na floresta? Não havia nada de normal nisso, mas afinal, com suas aventuras recentes, a normalidade estava se tornando uma raridade. Ele se escondeu atrás do tronco mais grosso de salgueiro e aguardou.

Ela emergiu da água pouco depois, parou de pé na margem e jogou a cabeça para trás para tirar o excesso de água dos cabelos negros, nua como veio ao mundo e audaciosamente confortável com isso. De repente, ele entendeu o cavalo. Se a rainha preferia se esconder em sua torre, essa princesa era ligada à terra, uma criatura da natureza. Suas pernas magras eram longas e firmes, e ela se movia com a graça do mais belo cervo branco. Esse não era um animal

delicado; não era uma corça assustada da floresta. Ela era bela, sem sombra de dúvida, mas não frágil. Tinha uma figura mais cheia e com traços suaves que sua madrasta, generosidade em forma de carne. Seu passo era confiante, e a luz do sol cintilava nas gotas de água presas a sua pele como joias. Ela fez uma pausa e se esticou, sorrindo com a mistura de ar quente e líquido frio secando em seu corpo.

Era isso que estava tão errado na rainha, ele percebeu enquanto observava a garota tão confortável em sua nudez. Ela era igualmente bela, mas sem nada da liberdade ou da calma dessa princesa que odiava. Ela era dura demais. Um dia ficaria tão dura que a pressão ia esmigalhá-la.

Branca de Neve fez uma pausa e franziu o cenho, e antes de ter tempo para perceber que não estava sozinha, o caçador surgiu à sua frente. Ele segurava suas roupas na mão.

— Está procurando por isto?

Ela se encolheu um pouco, se preparando para lutar, mas não fez nenhum esforço para cobrir sua nudez gloriosa. Seus olhos iam de um lado para outro à procura de algo que pudesse usar como arma. Ele gostava cada vez mais dela.

— Não estou aqui para lhe fazer mal — disse ele. — Bem, tecnicamente estou aqui para matá-la, mas ela me deve uma vida em troca da que desperdiçou, por isso escolho poupar a sua. — A vida da garota pela do veado era um bom pagamento. Uma criatura da natureza por outra. Ele lhe estendeu as roupas, mas, em vez de apanhá-las, ela foi distraída por alguma outra coisa. Seus olhos se arregalaram ao ver a faca elegante enfiada no cinto dele.

— Essa é uma lâmina real — disse ela. Sua voz era tão farta e doce como suas curvas. — Onde você conseguiu isso, ladrão? E se está à procura de riquezas... — Ela ergueu um braço e uma sobrancelha. — Como pode ver, não estou escondendo nada.

— É a segunda vez que uma bela mulher me chama de ladrão, hoje, e em nenhuma das vezes era verdade.

— Não acredito em você. — Ela puxou a camisa e olhou para ele enquanto a vestia sobre a pele ainda úmida. Ele podia ver pela sela que ela montava como homem, com o cavalo preso com firmeza entre as coxas, e os olhos dele examinaram os músculos rígidos. Ele se perguntou como seria ser apertado por aquelas coxas. — Só há uma pessoa que poderia ter lhe dado a faca, e essa pessoa é minha... — Ela caiu em silêncio ao se dar conta da verdade. — Minha madrasta. — Parada de pé, olhou para ele por um instante como se desejasse que negasse aquilo, mas ele nada disse. Por fim, ela se aproximou dele e examinou seu rosto. — *Ela* mandou você? Para me matar? — Ela baixou os olhos outra vez para a faca. — Mas por quê? Por que ela...? Eu achei... que tudo tinha sido

apenas um mal-entendido, então por que ela...? — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Ela me odeia — murmurou. — Ela me odeia muito.

— Você não pode voltar para o castelo — disse o caçador. O calor subia pela gola de sua camisa. Lágrimas de mulher eram algo que ele não entendia. Na verdade as mulheres, além do aspecto físico, eram algo que não entendia, e nada que vira nas semanas anteriores tinha feito algo para mudar isso. — Vá para algum lugar onde possa ficar algum tempo escondida. Até que seu pai volte de suas campanhas. Você tem pessoas em que possa confiar?

— Era tudo mentira. Tudo o que ela disse. Ela *estava* tentando me matar. Mas por que ela quer me ver morta? — Ela estava perdida nos próprios pensamentos, e ele largou o resto das roupas dela para segurá-la pelos braços e sacudi-la levemente. Não havia tempo para aquilo. A pele dela era quente e macia.

— Me escute! Você tem pessoas em quem possa confiar?

Ela precisou de alguns instantes para mudar de foco, mas por fim balançou a cabeça. As lágrimas ainda escorriam e ela fungava forte.

— Tenho, tenho, sim.

— Bom — ele disse. — Vou ter de levar o coração de um veado no lugar do seu.

— Ela deseja meu coração? — ela riu para depois engasgar com as lágrimas. — Meu *coração*?

— Vou ter de levar seu cavalo — disse o caçador. — Vai dar mais credibilidade à história. Ela não confia em mim. — Isso provocou uma nova onda de lágrimas, e ele se perguntou se ela estaria realmente ouvindo o que ele dizia, mas ela acariciou o pescoço do cavalo e encostou seu rosto ali. Finalmente ergueu os olhos para ele.

— Obrigada — disse.

— Ela me devia uma vida — respondeu com simplicidade. A rainha, que dizia conhecer o código do caçador, não tinha se dado conta de como ele o seguia estritamente. Independentemente do perigo que aquilo pudesse lhe trazer, a vida desperdiçada do veado exigia que o equilíbrio fosse restaurado. Chorando, a princesa envolveu o pescoço dele com os braços e o abraçou com força, um gesto repentino que ele não conseguiu evitar. Sentiu o calor do corpo dela através das roupas, os mamilos apertados contra ele através de sua camisa fina. Ele a abraçou também, lutando contra o desejo de descer as mãos até o início de suas nádegas.

— Obrigada — repetiu e, no instante seguinte, ficou rígida nos braços dele. — Posso sentir o cheiro dela em você — ela disse, se afastando um pouco antes de levar o rosto ao pescoço dele e inalar fundo olhando diretamente para ele. —

É ela. Você *esteve* com ela. — Entre o corpo de Branca de Neve, apertado por ele e com seu hálito em sua pele, o caçador não conseguiu evitar responder. Ela podia sentir, ele tinha certeza. O que estava acontecendo naquele dia?

— Se contar a seu pai — disse ele —, a cabeça dela não vai ser a única que ele vai pedir. Vai querer a minha também. — Ele tentou se afastar, mas ela mantinha os braços ao seu redor. Eram fortes e ele podia sentir os músculos firmes sob sua pele.

— O que você fez com ela? — perguntou com lágrimas ainda escorrendo dos olhos vagos e semicerrados. — Toque-me como você a tocou. Toque-me como ela o tocou. — O caçador não disse nada, sentindo-se mais uma vez um peão em um jogo em que não tivera intenção de participar. Em pouco tempo soldados viriam à sua procura se não retornasse logo. E aquela garota era uma princesa, não uma rainha perversa. Ela não devia ser tocada por um homem antes do dia de seu casamento. Nem mesmo pelo homem que estava salvando sua vida. Ele sentiu os fios da teia em que estava preso se apertarem ao seu redor quando ela apertou o corpo contra o dele e lhe ofereceu os lábios. — Beije-me como ela o beijou — murmurou ela, com o hálito fervendo e a pele quente. — Por favor.

E o caçador, amaldiçoando a si mesmo, a beijou.



CAPÍTULO 5

A melhor coisa é uma maldição, sabia?

A primeira coisa que a rainha fez foi pegar de volta a faca com ele. A lâmina ainda estava ensanguentada e grudenta ao toque. Por um instante ela se sentiu tonta e seu corpo chegou a oscilar. Imagens rápidas de algumas cenas a atingiram como uma onda. Branca de Neve sangrando até a morte na floresta, seus olhos se arregalando quando o metal penetrou em seu peito, a mão do caçador afastando sua carne quente e morta para buscar o troféu que garantiria a segurança dele.

Ela não tirava os olhos da arma. O que tinha feito? A dura realidade daquilo era como gelo em suas veias, e ela apertou o cabo da arma para fazer a mão parar de tremer de modo tão evidente.

— Ela sofreu?

— Não — respondeu secamente o caçador. Ele parecia muito calmo. Será que era um monstro igual a ela? A rainha se aprumou e retomou a postura ereta e arrogante, interpretando o papel em que estava se transformando. O que estava

feito, estava feito, e não havia magia que pudesse desfazer aquilo. Ela agora era mesmo a rainha má. Era a hora de justificar a reputação.

— Onde colocou o corpo dela? — Ela pegou a faca imunda e a pôs em sua bainha, sem querer olhar demais para o sangue que a cobria.

— No Poço de Ender — disse ele, e em seguida entregou a bolsa a ela. Era mais pesado do que esperava. Um embrulho de carne do açougueiro como os que levava para a mãe quando era pequena. O sangue escorria pelas bordas grosseiramente costuradas. Ela não a abriu. Não queria ver.

— E agora, se entregar meus sapatinhos, eu gostaria de ir embora. Negócio é negócio, e tenho assuntos a resolver em outro lugar. — Ele não deixou os olhos, profundos e insondáveis, se afastarem dos dela. O viajante estrangeiro era duro, bonito e arrogante, e ela o detestava. Queria afundar a faca em seu pescoço e acabar com a droga daquele negócio todo.

— É claro. — Ao redor deles, as paredes ficaram ainda mais negras, e as linhas vermelhas que as cruzavam espalharam novos ramos carmesim. Aquele aposento era sua floresta mágica, e conforme seu coração endurecia, seu poder ficava mais forte. Seus lábios se apertaram em um sorriso tão afiado quanto a lâmina assassina. Era melhor assim. Tudo por seu objetivo.

— São estes que ele quer, querida? — A voz familiar soou como pés de crianças correndo sobre galhos secos na floresta. — São muito bonitos. Na verdade, estou bem impressionada com toda a sua coleção. Você se saiu bem.

Lilith não olhou para o lado quando aquela velha surgiu com passos arrastados do quarto dos fundos. Sua bisavó tinha chegado sem ser anunciada havia apenas uma hora, e ela ainda não tivera tempo de processar isso. O dia já havia sido bem surreal sem ela. Pelo que Lilith sabia ou se lembrava, a velha nunca tinha deixado sua casa feita de doces, mas lá estava ela. Ela havia cruzado reinos a pé e surgiu como se estivesse apenas de passagem. Ela também estava encarnando o papel da velhinha corcunda e indefesa em que mergulhava sempre que necessário. O rosto do caçador se encheu de rugas de insatisfação ao vê-la, e Lilith sentiu uma onda de orgulho por sua linhagem. As mulheres confiam demais na beleza como um poder para dominar os homens. Havia outros poderes igualmente valiosos. Ela estava aprendendo isso.

— É. São dele. Pode devolvê-los a ele.

— Não é preciso se afobar. — A velha encarquilhada pôs os sapatos no chão ao lado do trono largo e estofado, fora do alcance do caçador. — Você sempre foi tão apressada. Desde criança. — Ela pegou a bolsa das mãos de Lilith, e suas mãos enrugadas puxaram os laços que a fechavam.

— Você não precisa olhar aí dentro. — O coração dela acelerou um pouco e ela enrubesceu, como fazia na infância quando era flagrada arrancando um

pedaço de alcaçuz da parede, com calda escura espalhada ao redor da boca. Não era necessário que sua bisavó soubesse o que ela tinha feito. Não queria que ninguém soubesse o que havia feito.

— Ah, você sempre deve conferir a mercadoria antes de pagar, querida. — Ela deixou que o coração caísse em sua mão. Carne reluzente. A rainha se sentiu enjoada.

— Nossa — disse a velha, sopesando-o nas mãos até deixá-las cobertas de vermelho. — Entendi. — Ela o guardou de volta no saco encharcado e depois lambeu os dedos, saboreando o gosto. Estalou os lábios e seus olhos brilharam. — Mas esses sapatinhos? Por um coração de veado? Não é lá um grande negócio.

— Como assim? Não é... — Lilith olhou fixamente para ela e, em seguida, para o caçador, cujo olhar se movia sem parar do saco para a velha e depois de volta para a rainha.

— Você achou que era um coração humano?

— Eu... — Ela queimava por dentro. — Mas...

— Eu reconheço o gosto, querida — disse a velha. — E esse não é para meu paladar. — Ela repreendeu o caçador. — Acho que você mentiu um pouco, meu rapaz.

— Onde está ela? — A rainha encolerizou-se. O sangue subiu para o rosto, e ela pegou a faca e avançou, golpeando-a na direção dele. — Você a deixou ir embora? — Ela estava tomada por um turbilhão de emoções e pela primeira vez viu medo nos olhos do caçador. Ela gostou disso. — Foi a beleza dela? Foi isso que o impediu? Será que a beleza dela valeu a sua própria vida tão preciosa? — Ele recuou um pouco, e o olhar raivoso dela virou-se para as grandes portas atrás dele que imediatamente bateram e se fecharam.

— Muito bom, Lilith querida — disse a bisavó em tom de aprovação.

— Você não entenderia — disse ele.

— Por quê? — As serpentes negras em sua alma se contorceram. — Porque eu não tenho o charme dela? Sua beleza? Porque sou cheia de veneno? — Suas palavras eram o rosnado seco de um animal preso em uma armadilha. O medo começava a tomar o lugar de sua raiva. Se Branca de Neve ainda vivia, onde ela estava? Será que já estava mandando mensagens para o pai? Será que o cadafalso e a execução eram agora tudo o que o futuro lhe reservava? As pessoas não iam chorar por sua rainha fria e hostil. Será que o rei ia dizer que ela era uma bruxa de verdade e queimá-la? Será que as chamas que a assombravam iam por fim reclamá-la?

— Ela se entregou a você para que a libertasse?

Um nervo se retorceu em seu rosto quando a flecha da verdade acertou o

alvo. A raiva dela queimou com mais força, um calor branco que podia transformar uma cidade em pó.

— Você se acha um homem muito íntegro... — Olhou para ele com desprezo, sem se importar com o fato de isso a deixar feia. — Mas não é. Não passa de um rato. — Ela pronunciou a última palavra com raiva e um pulso de energia passou por seu braço.

O caçador desapareceu.

Por um instante ela não conseguiu entender o que havia acontecido. De repente, quando a bisavó riu e bateu palmas, ela ouviu um guinchar baixinho. Havia um pequeno camundongo dos campos correndo pelo chão.

— Sensacional! — disse a velha encarquilhada. — Um camundongo. Muito bom. Um castigo adequado para um caçador traidor. Vamos ver agora como ele sobrevive na floresta. — Ela estalou os dedos e o ratinho sumiu. Lilith ficou alguns instantes olhando fixamente para aquele ponto do chão e depois se virou para a bisavó. A velha estava sorrindo.

— Não se preocupe, querida. Um dia ele vai voltar. — Ela deu tapinhas no trono. — Sente-se. — Lilith fez o que ela mandou, e a mulher tornou a olhar no interior da bolsa. — Cortar fora um coração. Simpatizo com o sentimento, mas a morte é algo tão... — Ela fez uma pausa. — Definitivo. Não há magia que possa mudá-la.

Lilith olhou para a bisavó e pensou em todos os ossinhos espalhados por seu jardim. — Você sabe disso muito bem, sem dúvida.

— Só quero o melhor para você, querida. Não se irrite. Não fica bem em você.

— O que vou fazer? — Ela queria apenas chorar.

— A melhor coisa é uma maldição, sabia? — A bisavó a empurrou um pouco para o lado no trono e apertou seus quadris ossudos ao seu lado para dividir com ela o trono. — A morte é um último recurso. Maldições, bem, elas lhe dão poder.

— Então eu gostaria de amaldiçoá-la a dormir para sempre — disse Lilith, consciente de que sua voz tinha assumido o tom levemente rude de sua juventude.

— Para sempre é tempo demais — disse a bisavó. — Além da morte, a única coisa que dura para sempre é o amor verdadeiro. — Ela remexeu nas dobras das roupas maltrapilhas e tirou uma maçã rosa avermelhada. — Coma. Vai lhe fazer bem.

Lilith pegou a maçã, deu uma mordida e mastigou a polpa crocante e fresca na esperança de que limpasse os restos amargos de ódio que enchiam sua boca.

— Então quero que ela durma até que um beijo de amor verdadeiro a

desperte.

— Agora você está começando a entender. — A velha balançou a cabeça em aprovação. — Essa sempre funciona.

Lilith apoiou a cabeça no ombro ossudo ao seu lado. Era bom estar com alguém que amava.

— Deixe comigo. — Sua bisavó lhe dava tapinhas carinhosos na perna. — Vou cuidar disso na volta para casa. No fim, tudo vai dar certo. Sou quase sua fada madrinha, hein?

Lilith fechou os olhos e deixou a velha acalmá-la.

— É bom ver você, bisa — disse ela, baixinho. — É muito bom.



CAPÍTULO 6

Nada de bom pode vir de uma velha bruxa

Eles não falaram muito enquanto desciam a montanha vindos da mina. Apesar da dureza resultante de sua natureza e de uma vida de trabalho subterrâneo, ainda demorava um pouco para recuperar as forças após um turno completo. Nem quando chegaram aos limites da floresta, os três anões cantaram enquanto o metal quente em seus pulmões era esfriado pelo frescor do ar livre. Suas cabeças estavam ocupadas com o segredo que compartilhavam, e assim que seus pés começaram a marchar em ritmo forte sobre a grama macia, seus olhos iam de um lado para o outro, sempre atentos e à procura de soldados. Eles tinham uma princesa para proteger. A honra dos anões não ficava atrás da honra de ninguém, o que costumava acontecer com povos subjugados por tanto tempo, e eles juraram manter a amiga em segurança. Se falhassem em sua promessa, um destino terrível se abateria sobre eles. Anões nunca quebravam um juramento.

Era um dia quente, mas os enxames de moscas minúsculas que enchiam o ar úmido ficaram longe deles quando passaram pelo lago quente e seguiram o

caminho para casa, voando em círculos bem acima dos anões de baixa estatura. O resto da equipe logo iria atrás deles, mas aqueles três, cujos nomes verdadeiros não eram usados fazia tanto tempo que eles quase tinham se esquecido de quem eram, tinham conseguido sair mais cedo. Carrancudo ia na frente, seguido por Sonhador; Cotoco, apelido recebido quando foi tirado aos berros de sob uma rocha que tinha deslizado, seguia sem a mão atrás deles. Passaram a maior parte da jornada perdidos nos próprios pensamentos até chegar à encruzilhada. Sonhador parou. Seus pés quebraram o ritmo da marcha, e os companheiros pararam ao seu lado.

Uma pessoa caminhava lentamente e com os pés se arrastando pela trilha muito pisoteada. Mesmo com a cabeça baixa, era possível ver as grandes verrugas que cobriam o nariz e o queixo, e seus cabelos eram fios de cor cinza escorridos. O vestido era uma mistura de trapos velhos remendados juntos para formar uma espécie de traje que lembrava uma mortalha; aparentemente, muito tempo antes, tinha sido preto, mas havia muito tinha ficado desbotado e cinza.

— Uma velha encarquilhada parecendo uma bruxa — murmurou Sonhador, apertando os olhos. — Nada de bom pode vir dessas velhas estranhas...

A mulher ergueu a mão para saudá-los e se aproximou claudicante. Ela sorriu, e Sonhador estremeceu ao ver o negrume nas falhas onde antes devia haver muitos dentes perdidos.

— Que a senhora tenha uma viagem segura — disse Carrancudo fazendo uma leve reverência com a cabeça e tocando a aba do chapéu como se fosse um cavalheiro da corte em vez de um anão com poeira negra das minas tão incrustada na pele que não conseguia mais limpá-la.

— Muito obrigada, meu jovem. — As palavras eram fracas e saíam como um chiado de ar que assobiava através das gengivas. Ela carregava uma cesta e por baixo do pano xadrez Sonhador viu que havia uma maçã grande, perfeitamente vermelha e reluzente, e ficou com água na boca. Ela saiu claudicando e, depois de se afastar um pouco deles, parou. A cabeça enrugada girou rangendo sobre os ombros frágeis até que ela conseguiu vê-los todos com um olho aquoso.

— Eu vi uma coisa — disse ela. — Talvez seja útil para vocês. Um veado. Morto aqui perto, lá atrás, embaixo do salgueiro grande. Seguindo reto, como voa o corvo. Parecia fresco. — Ela fez uma pausa. — Vocês parecem com fome.

— Temos de voltar para nossa cabana — disse Sonhador. A pele dele formigava cheia de desconfiança apesar de ela ser uma velha, e ele um anão endurecido após trinta anos de trabalho nas minas e com um machado pendurado nas costas. — Sem problemas. Alguma coisa na floresta vai ficar com ele. Carne fresca raramente é desperdiçada. — Ele ergueu a mão para se despedir, mas ela

já tinha se virado e retomado os passos lentos pela trilha. Os anões não se moveram.

— Um veado — disse Cotoco lambendo os beiços ruidosamente. — E fresquinho.

Sonhador sabia como ele estava se sentindo. Seu estômago havia roncado à menção do animal. Essa noite, todos os sete anões estariam em casa, e a maior parte do que comeriam seria repolho e batatas cozidos e temperados com algumas ervas e o caldo de uma carcaça limpa de coelho cuja carne toda já havia sido comida dias antes. Agora também tinham de alimentar Branca de Neve, uma princesa real. Os pequenos animais da floresta, enfraquecidos nas encostas da montanha, não eram bons o bastante para ela, não importavam seus protestos de que a generosidade deles em escondê-la era banquete suficiente.

Enquanto Carrancudo e Cotoco conversavam em voz baixa, Sonhador observou a velha se afastar lentamente pelo caminho que eles deviam estar seguindo para casa em vez de ficarem ali parados.

— Nada de bom pode vir de uma velha bruxa — repetiu.

— Você não pode julgar um livro pela capa — respondeu Carrancudo se divertindo um pouco. — Ela pode ser só uma velha vovozinha visitando alguém aqui por perto.

— E o que você entende de livros? — disse Sonhador. — Você nunca leu nenhum.

Carrancudo era o líder extraoficial. Seu posto na mina dava a ele autoridade na cabana e era raro que alguém o repreendesse, muito menos Sonhador, o mais gentil de todos. Mas havia algo naquela velha torta que o inquietava.

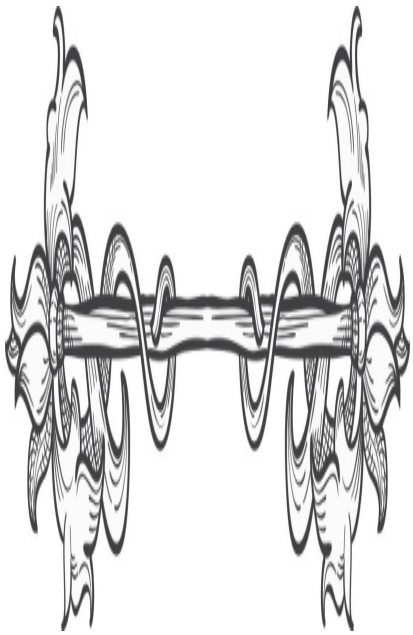
Branca de Neve trouxera livros para Sonhador, volumes finos de aventuras que ela pegara na grande biblioteca do castelo. Eles tinham mudado o mundo dele, e só por isso ele ia amá-la para sempre.

— Não é preciso ler um para ver como eles confundiram seu cérebro — disse Carrancudo. — Mas afinal, sua cabeça sempre esteve nas nuvens mesmo!

— As histórias me mantêm são enquanto meu corpo está nas minas — disse Sonhador. A velha agora estava quase fora de vista.

— A música devia fazer isso — disse Cotoco. — Música é o que fazem os anões. — Ele cuspiu no chão. — Devíamos pelo menos procurar esse veado. Estou com uma puta fome.

Sonhador não discutiu. O dois a um dizia que eles deviam tentar e seu próprio estômago estava se voltando contra ele na discussão. A carne de veado era forte e boa. Uma carne deliciosa. E um veado inteiro ia durar um bom tempo para eles.



Eles encontraram a carcaça menos de dez minutos adiante, no caminho por onde viera a velha, e ela não havia mentido. Estava embaixo de um salgueiro em solo fresco. A carne estava em boas condições. Mais que isso, com o coração arrancado, era com certeza o veado com o qual o caçador tinha tentado enganar a rainha.

— Precisamos levá-lo — disse Carrancudo. — Ele é a prova de que Branca de Neve ainda está viva. Não podemos deixar que seja achado pela Guarda da Rainha; sem dúvida eles vão encontrar isso em pouco tempo. — Eles amarraram as patas com cipós e Sonhador usou o machado para cortar um galho de árvore comprido ao qual puderam amarrá-lo. Quando o animal morto estava bem preso, Carrancudo pegou uma ponta e Sonhador pegou a outra. Cotoco ficou encarregado de levar as ferramentas deles da melhor maneira possível, e quando estavam de volta à encruzilhada e seguindo para casa, as desconfianças sobre a velha corcunda tinham passado. No fim ela tinha sido uma bênção. Todos eles iam comer bem e a sobrevivência da princesa permaneceria em segredo. Ele sorriu e chegou a acompanhar quando os outros dois começaram a cantarolar uma canção.

Por fim, uma linha fina de terra pisada que mal se conseguia ver se afastava da trilha principal, e os anões seguiram por ela. Sua cabana ficava a menos de dez metros dali, mas ainda era completamente invisível a olho nu. Mesmo se a velha com jeito de bruxa tivesse más intenções, teria passado direto por ela. Ele sacudiu a cabeça de leve e riu do próprio nervosismo. Ninguém nunca encontrava cabanas de anões, e a deles tinha sido consideravelmente bem mais

protegida nas 24 horas anteriores. A floresta tinha tendência a crescer envolvendo cabanas de anões. Arbustos e árvores ficavam mais densos, e raízes pesadas rompiam a superfície do solo prontas para fazer tropeçar qualquer caminhante que se aproximasse demais. Os galhos pendiam tão baixo que qualquer um mais alto que uma criança pequena tinha de se abaixar para conseguir passar; excetuando Branca de Neve, porque todo mundo, até a floresta, podia ver sua bondade, todos acabavam emaranhados e perfurados por ramos soltos que não haviam percebido que estavam ali antes. Sarças cresciam e penetravam sob a pele até que finalmente qualquer curiosidade era superada e o transeunte fazia a volta, já sem interesse nos sinais de vida percebidos através dos arbustos. Não que os anões quisessem se esconder; eles simplesmente gostavam do pouco de privacidade que tinham, e a natureza respeitava isso. A natureza era magia em si mesma. Ela cuidava daqueles que a amavam.

Depois de passarem por baixo do último dos galhos frondosos, a clareira se abriu e diante deles avistaram sua cabana, banhada pela luz dourada do sol. Sonhador sorriu. Carrancudo tinha razão. Ele havia se envolvido demais em seu mundo de histórias. Branca de Neve, vestindo calças de montaria e camisa, estava sentada sobre a pesada mesa de madeira onde todos comiam ao ar livre durante o verão. Havia uma tigela de batatas descascadas à sua direita e à sua esquerda repousava um canecão. Cheio de cerveja *ale* de anão, é claro. Ela podia beber a mistura inebriante com os melhores deles e, quando havia ocasião, cantar junto até o amanhecer, com o belo rosto brilhando com alegria absoluta. Essa lembrança apunhalou suas entranhas.

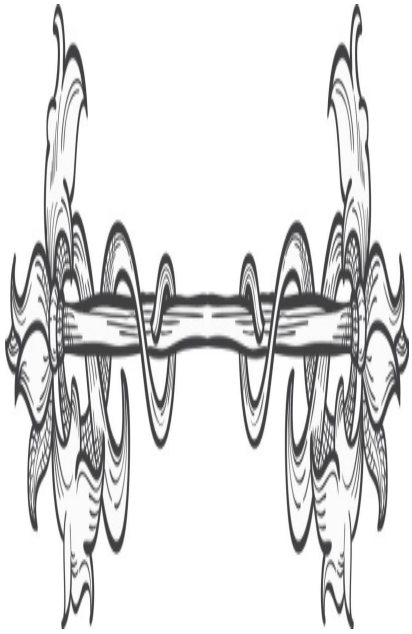
Desejou que pudesse tirar dela aquela tristeza terrível. Ela tinha se recusado a enviar uma mensagem ao pai. Tinha chorado. Muito. Eles não sabiam muito bem o que fazer em relação àquilo. Anões não choravam tanto e, pelo que sabiam, nem Branca de Neve. Eles lhe trouxeram bebida e a forçaram a comer algo; depois a deixaram sozinha com seus pensamentos. Aquilo tinha sido sugestão de Sonhador. Havia montes de mulheres nas histórias que andara lendo e ele aprendera que às vezes elas só precisavam ser deixadas em paz para pensar. Mais histórias teriam tido um final melhor se os homens tivessem visto isso com a mesma clareza que Sonhador.

Pelo menos naquele dia ela estava de pé e fazendo alguma coisa. Talvez tudo acabasse bem. Ele sorriu e acenou, e ela respondeu com um leve sorriso para eles antes de levar algo à boca. Sonhador congelou ao ver o que era. Uma maçã grande e impossivelmente vermelha, de casca brilhante. Ele tentou gritar, impedir que ela desse uma mordida, mas as palavras entalaram em sua garganta.

Nada de bom pode vir de uma velha torta com cara de bruxa.

Os olhos dela se arregalaram quando ela deu a primeira mordida crocante, e

ao mesmo tempo que os anões largaram o veado e começaram a correr, ela estava de pé levando a mão à nuca. Em seguida suas pernas cederam e, com o resto da maçã ainda apertado na mão, ela caiu sem vida no chão da floresta.



Com os corações em frangalhos, eles procuraram pela bruxa velha na floresta, mas não havia sinal dela. Tinha desaparecido, deixando-os sem um escape para sua raiva. Quando os outros quatro chegaram de volta à cabana e souberam dos acontecimentos terríveis, os anões prantearam, cantaram canções baixas sob o luar e até o amanhecer. O veado começou a apodrecer onde eles o haviam deixado, um símbolo de sua estupidez com o qual eles se puniam.

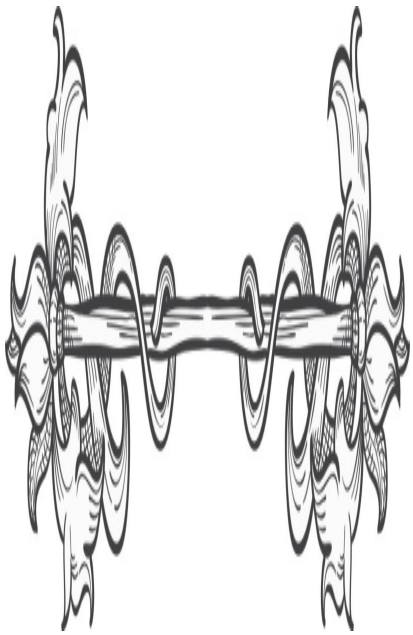
Eles juntaram suas sete camas pequenas e deitaram Branca de Neve sobre elas, com a maçã ainda segura pelos dedos frios. Acenderam velas ao seu redor. Cantaram mais. Descobriram que anões podiam chorar. Durante os dias seguintes, eles trabalhavam turnos longos e extras para ganhar mais ouro; e então Sonhador gastou tudo o que eles haviam poupado em um belo vestido branco e rosa, comprado de um comerciante ambulante a caminho de visitar as senhoras elegantes da cidade.

Na clareira, o veado fedia e apodrecia ao calor, mas Branca de Neve nem respirava nem deteriorava. Carrancudo virou a noite trabalhando para forjar um caixão de vidro, e no terceiro dia eles a lavaram e tornaram a vesti-la com gentileza, penteando em cachos seus cabelos longos e avermelhando os lábios e as faces. Quando ela ficou pronta, eles levaram o caixão até o topo da elevação

do outro lado do bosque onde era raro que passasse alguém que não fosse anão. Campânulas azuis cresciam nas encostas, e o sol iluminava o espaço durante o ano inteiro. Eles não iam colocá-la embaixo da terra. Sabiam melhor que ninguém como o aperto da terra podia ser duro e brutal. Ela ia ficar sob o sol, do jeito que amava fazer.

Alguns dos anões acharam que talvez ela devesse estar vestida com as calças de montaria de que tanto gostava, também, mas Sonhador ficou tão aborrecido que o deixaram transformá-la em uma princesa apropriada. Ela *era* uma princesa, afinal de contas. Eles iam guardá-la até a volta do seu pai, então talvez um dia descobrissem uma cura para a maldição.

Sentavam-se com ela quando terminavam seus turnos longos, de quebrar os ossos, e era sempre Sonhador quem se sentava com ela por mais tempo. A tristeza dela tinha terminado; a dele, começado.



Sonhador estava sentado sozinho, jogando pedacinhos de queijo velho para um ratinho do campo marrom, quando o príncipe se encaminhou aos tropeções pelo meio das árvores que o guiavam para o topo da elevação. Sonhador devia estar nas minas. Devia ter ido lá a semana inteira, mas Carrancudo tinha contado ao supervisor que ele tinha problemas no pulmão, e ninguém disse nada. Ele não estava recebendo, mas todos tinham mesmo perdido o apetite e precisavam de menos comida. Por que se dar ao trabalho de cozinhar algo gostoso quando parecia que toda a alegria tinha sido sugada do mundo? Eles estavam de luto e

mortificados de culpa, mas todos concordavam que Sonhador, tão mais sensível que o anão médio, era quem estava sofrendo mais.

Estava tão perdido em seus pensamentos que não ouviu o jovem até que ele subiu com dificuldade pelo outro lado da elevação e chegou quase ao lado do caixão. O ratinho correu para os arbustos. Sonhador pegou sua faca. O estranho era alto, forte e estava iluminado pelo sol de fim de tarde que dançava sobre seus cabelos louros sujos. Ele era bonito. E também estava ferido. Sonhador ficou de pé e correu para segurá-lo pelo braço quando caiu.

— Obrigado — balbuciou o estranho, enquanto Sonhador o deitava cuidadosamente no chão. Ele não era um soldado, pelo menos não daquela terra, e apesar de suas roupas estarem sujas, eram feitas de tecidos finos. Tanto o cabo de sua espada quanto a capa vermelha levavam o mesmo brasão: uma tocha acesa que brilhava através de uma coroa dourada. Ele tinha sangue real, talvez fosse um príncipe. Mas não daquele reino.

— Tome aqui, beba. — Ele lhe entregou seu cantil, e o príncipe bebeu com avidez, sem se importar que fosse cerveja forte, não água. Sua pele branca reluzia de suor, um brilho espesso que nada tinha a ver com o dia quente de verão.

— Preciso encontrar meu companheiro — disse ele por fim. — Ele partiu há dias. Eu acho. — Ele franziu o cenho. — Estou perdendo a noção do tempo.

— Você está ferido — disse Sonhador. Era claro que o homem estava com febre. Seus olhos eram de um azul brilhante, mas estavam pintalgados de vermelho, e seu corpo inteiro tremia. Sonhador puxou a capa para trás, de leve, e o jovem fez uma careta de dor. Havia uma espécie de atadura enrolada em torno de sua barriga, mas ela não tinha impedido que o sangue vazasse e secasse misturado com lama sobre a camisa originalmente branca. Fosse lá qual fosse o ferimento ali embaixo, estava infeccionado. Ia precisar de cuidados, ou os anões ficariam com um segundo cadáver da realeza em suas mãos.

— Você devia vir para minha cabana — disse ele. — Nós podemos...

— O que é isso? — Os olhos do príncipe se estreitaram quando ele se afastou do anão e debruçou sobre o caixão de vidro que guardava a forma perfeita de Branca de Neve. — Ela é linda — disse ele. Sua voz era tão seca quanto o murmúrio de folhas outonais secas. E, ao ouvir um estranho nervosismo em seu tom de voz, Sonhador se perguntou quando fora a última vez que comera ou bebera direito. Será que tinha perdido o caminho do rio? Há quanto tempo estava vagando perdido?

O rosto do príncipe estava tão próximo do vidro que seu hálito adoentado se condensou na superfície, e o belo rosto de Branca de Neve quase sumiu de vista. Ele tornou a franzir o cenho.

— É, é mesmo — disse simplesmente Sonhador. — Ela foi amaldiçoada por uma bruxa velha. Parece nem estar completamente morta nem viva. — Ele ficou com o coração outra vez em frangalhos ao dizer as palavras em voz alta.

— Amaldiçoada? — A cabeça do príncipe começou a olhar ao redor. Por que ele parecia tão desconfiado? — Amaldiçoada como?

— A maçã. — Sonhador apontou com a cabeça para a fruta perfeita ainda apertada em sua mão pequenina. — Ela comeu a maçã. — Os dois olharam fixamente para a garota congelada por algum tempo, perdidos cada um em seu pensamento.

— Como ela era antes? — perguntou o príncipe. — Você a conhecia?

— Ela era linda — disse Sonhador. Ele mal podia pronunciar as palavras. — E sempre boa. — Ele ainda não estava pronto para falar sobre ela, seu charme selvagem, sua habilidade sobre um cavalo, o jeito como nadava livre e nua no lago. Essas eram as suas memórias. Seriam como navalhas em sua língua se falasse delas tão cedo. — Era uma princesa — disse ele. Disso ao menos ele podia ter certeza. Havia muitas princesas nas histórias que tinha lido. Talvez nenhuma igual a Branca de Neve, mas o suficiente para descrever uma. — Uma garota pura com um temperamento doce e delicado. Era ótima na dança e na música. Bordava as tapeçarias mais ornamentadas com fios de seda. Sua risada era como a luz do sol que iluminava a água escura. — Ele engasgou levemente ao dizer isso. Era quase verdade. Sua risada era ainda mais encantadora; como o minério derretido no coração das rochas nas quais davam duro todos os dias. Mas seu sorriso, o sorriso era pura natureza e luz do sol, e quando ele se lembrava disso, ela estava sempre brincando dentro do lago, zombando deles por não entrarem.

— Ela parece perfeita. — O príncipe tinha deitado ao lado do caixão e olhava atentamente para seu interior.

— Ela era. — Sonhador secou as lágrimas e em seguida mergulhou em suas ficções para contar mais histórias da bela princesa amaldiçoada por sua bondade. O sol caía lentamente, mas ele não parou. O príncipe não o interrompeu, mas quando começou a se contorcer e a dizer coisas sem sentido, Sonhador voltou à realidade e se deu conta de quanto tempo havia passado. O estranho ardia em febre, sem dúvida causada pelo ferimento; caído na grama, ele girava e se remexia nas mãos de um pesadelo, com os olhos em rápido movimento por trás das pálpebras. Sonhador tentou despertá-lo e colocá-lo de pé, mas ele estava totalmente apagado e era pesado demais.

— Linda — murmurou o príncipe com urgência, mas o resto de sua frase se perdeu em meio ao hálito quente e meias palavras. — Linda.



CAPÍTULO 7

Uma princesa desapareceu

Os anões improvisaram uma cama para ele ao lado do caixão. A cabana estava abarrotada demais, e eles resolveram que ar fresco e quente seria bom para ele. Cotoco acendeu uma fogueira, fizeram curativos em seus ferimentos e o alimentaram com sopa enquanto a febre aos poucos começava a ceder. Não era apenas ele que estava se recuperando lentamente: os anões também. Eles tinham alguém de quem cuidar, alguém para curar, e, ao fazer isso, seus corações se curavam um pouco à medida que os dias se transformavam em semanas.

O príncipe passou a morar ao lado do caixão de vidro e os anões voltaram ao trabalho. Todo dia eles iam até a elevação e levavam pão e ensopado. Sentavam ali ao entardecer, conversavam e às vezes até cantavam. Cantavam para Branca de Neve, e o príncipe se juntava ao grupo. Ele ficava mais forte a cada dia, e após algum tempo, quando os anões chegavam, já havia recolhido lenha e água e caçado animais na floresta para que eles comessem. Ele nunca deixava a elevação, porém, por muito tempo, e por mais endurecidos que fossem os anões, eles percebiam que ele estava se apaixonando por sua princesa congelada.

Ele conversava com ela. Eles já o haviam ouvido algumas vezes, uma voz baixa e cheia de bom humor, recontando histórias de batalhas, de justas, de bailes e de um reluzente castelo de luz. Ele sorria e tocava o vidro, como se esperasse que ela levantasse a mão e tocasse a sua do outro lado. Às vezes, Sonhador apenas observava do meio das árvores. O belo príncipe galanteava a beleza congelada com suas histórias, ou apenas sentava em silêncio a seu lado e ficava a observá-la. Ele desejava que ela respirasse, como todos desejavam. Mas seus olhos permaneciam sem vida e vidrados para cima. Enquanto o mundo girava e os dias passavam, ela não mudava.

— Você está quase recuperado — disse Sonhador certa noite, enquanto as brasas da fogueira se apagavam e os anões começavam a retornar para suas cabanas. — Em breve vai conseguir voltar para sua terra. Deve estar satisfeito por isso.

— Ainda não estou muito bem — retrucou o jovem príncipe, e Sonhador achou que nunca tinha visto um rosto tão belo e triste quanto aquele sobre o qual dançavam as últimas luzes da fogueira. Sentiu um peso no próprio coração. Talvez eles devessem ter feito a cama dele no interior da pequena cabana. Talvez tê-lo deixado por tanto tempo com sua princesa enfeitiçada tivesse sido estupidez. Agora haveria mais dor de cabeça à frente quando o rapaz tivesse de deixá-la.

Naquela noite, ele não leu antes de dormir. Já havia tragédia e romance demais em torno deles. Em vez disso, ficou acordado sobre a mesa de madeira fora da cabana, olhando para as estrelas, e desejou finais felizes.

Uma semana mais tarde, mais ou menos, quando o hálito fresco do outono varria a floresta, eles perceberam pela primeira vez os corvos. Estavam pousados nas cercas da Trilha dos Anões no sopé da montanha.

— Os corvos nunca vêm aqui — disse Cotoco. Ele não reduziu o passo, mas seus olhos miraram para cima e sua voz estava baixa. Sonhador se lembrou de quando Cotoco tinha um espírito mais alegre, de quando ria e conversava enquanto trabalhavam. Mas ficar preso por quatro horas embaixo de um deslizamento de pedras, com a mão esmagada e quatro corpos de anões mortos ao seu redor no escuro o havia mudado. Sonhador tinha feito parte da equipe de resgate. Foi um dia que nunca ia esquecer. Cotoco gritou por pelo menos uma hora antes de desmaiar. Quando acordou, não era mais o mesmo. Há certas coisas na vida que mudam você. Aquela era uma verdade tão certa quanto nascer e morrer, e aquele dia matou o anão que tinha sido o melhor amigo de Sonhador, mesmo que ele ainda andasse, falasse e trabalhasse nas minas. Talvez um dia o velho Cotoco voltasse, mas aquelas sombras nunca desapareceriam para sempre. Assim como Sonhador jamais esqueceria o som de seus gritos.

— O que eles estão fazendo aqui? — Cotoco disse, mantendo a voz baixa. Agora estavam na montanha, e os guardas os deviam estar observando. Não havia nenhum amor entre os mineiros e as pessoas que os supervisionavam. Quase todos os homens ali estavam cumprindo penas e invejavam a boa saúde dos anões em meio à poeira.

— Aves da rainha — disse uma voz de uma equipe que caminhava atrás deles. Sonhador olhou ao redor. O líder tinha a pele curtida e uma cicatriz comprida no rosto que riscava uma face de cima abaixo. Sonhador achava que o nome dele era Arroto. Era um anão guerreiro, um anão da cidade. Suas canções eram diferentes das dele e sua equipe nunca sorria ou rompia as fileiras ao cavar. A equipe de Arroto não teria se separado e permitido que um deles perdesse a mão. Se as palavras tivessem vindo de qualquer anão além dele, Sonhador teria rido delas. Em vez disso, suas entranhas congelaram.

— Como você sabe? — perguntou Cotoco. — Sonhador permaneceu calado. Arroto respeitava Cotoco. Respeitava o modo como mudara. Sonhador se perguntou como Arroto devia ser décadas atrás, antes que as guerras e depois as minas o mudassem.

— Eu ouvi dizer. Tenho amigos entre os soldados. Esses pássaros são enfeitiçados. — Sua boca mal se movia enquanto grunhia as palavras, e todos eles mantinham os olhos para a frente. — Ela *vê* através deles. Vigia a cidade. Até agora, eles nunca tinham ultrapassado seus limites.

— O que ela está procurando? Você sabe? — Sonhador estava impressionado com o tom natural de Cotoco. Ele agarrou o machado com força para que suas mãos parassem de tremer. Só havia uma coisa, uma pessoa, por quem a rainha podia estar procurando, e essa era Branca de Neve.

— Me conte isso você, caro Cotoco — disse Arroto com humor. — Me conte você.

Seu turno passou lentamente, parecendo interminável. Sonhador conseguiu uma oportunidade para contar a Carrancudo o que lhe haviam dito, mas aquilo não era algo sobre o qual pudessem conversar naquele lugar quente e confinado em que trabalhavam. Havia ouvidos por toda parte, e Sonhador não sabia se era sua imaginação ou não, mas parecia que em alguns lugares olhares encapuzados se voltavam na direção de sua equipe. Será que seu segredo estava seguro? Branca de Neve era amiga de todos os anões, mas foi a cabana deles que ela procurou quando terminou a bebedeira e a cantoria. Será que as outras equipes passariam essa informação para os guardas caso lhes perguntassem? Qual era a força da honra dos anões, e o que aconteceria a eles se Branca de Neve fosse descoberta? Ele combateu o pânico crescente. Aceitaria qualquer destino que cruzasse seus caminhos. Eles haviam jurado proteger a princesa. Tinham falhado

uma vez. Não falhariam de novo.

Não havia corvos na floresta. Isso, pelo menos, foi um alívio. Chovia forte através das árvores enquanto eles caminhavam com dificuldade para casa, e as gotas eram frias e não tinham aroma de verão quando eles viravam o rosto para o alto em busca de pássaros silenciosos.

O príncipe tinha acendido uma fogueira para eles e havia um coelho fresco assando no espeto, mas conforme a água escorria dos anões para o chão da cabana, nem o cheiro de carne os estimulava a comer.

Ficaram sentados em silêncio por algum tempo bebendo cerveja.

— Talvez não tenha nada a ver com a gente — disse Animado. — Será que ela não quer apenas ter certeza de que estamos todos trabalhando?

Carrancudo mal resmungou uma resposta.

— Uma princesa desapareceu — disse Cotoco. — Mesmo que a rainha ache que está morta, tem de fazer um teatro de que está à procura dela. Nós não tínhamos pensado nisso.

— Tem algo que eu possa fazer? — O príncipe, que se mantivera fora da conversa, ouvia tudo do lado do fogo.

— Você devia ir — disse Carrancudo. — Sua terra precisa de seu príncipe, e esses problemas são nossos. Além disso, o inverno está chegando. Você não pode dormir aqui fora para sempre.

Sonhador sentiu uma pontada no coração ao ouvir essas palavras e com a ideia de Branca de Neve lá no alto daquela elevação, no escuro, em seu caixão de vidro martelado pela chuva. Pelo menos o príncipe ficava com ela. Pelo menos enquanto ele estava ali, ela raramente ficava sozinha.

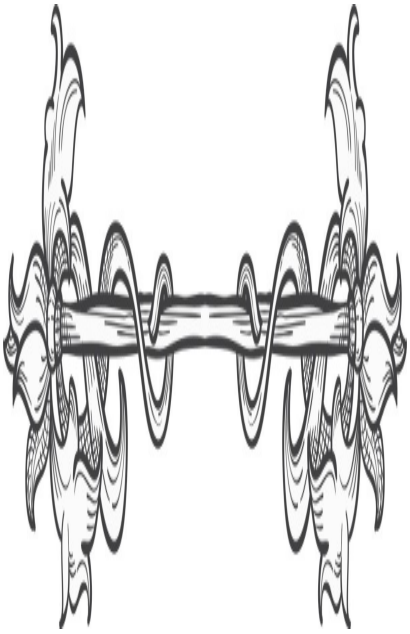
— Talvez em um ou dois dias. — Ele se voltou para o fogo. — Ainda preciso descansar. — Ele apertou os dentes e, apesar de ninguém discutir com Carrancudo, ele tinha razão, todos sabiam o que realmente mantinha o belo príncipe em sua cabana pobre no topo da elevação.

— Mais um ou dois dias — disse Carrancudo. — E então, meu amigo, você vai ter de partir. Não posso ter mais nada em minha consciência.

O príncipe assentiu e quando algo não dito passou entre os dois, Sonhador tomou consciência de algo que não havia lhe ocorrido antes. A terra daquele príncipe podia não ser um dos reinos aliados. Anões e política não se misturavam, mas será que Carrancudo tinha reconhecido seu brasão? Será que o príncipe seria preso se a rainha soubesse dele? Será que todos iam acabar nas masmorras por abrigá-lo? De repente, tudo ficou claro. De repente, seu perigo imediato aumentou demais.

Por fim, encheram seus pratos e se obrigaram a comer, mas cada bocado de carne fazia Sonhador ter engulhos. Ele queria ser mais corajoso. Sempre havia

imaginado a si mesmo como o herói nas aventuras que lia, mas estava começando a perceber que na vida real havia muito mais medo que excitação. A rainha má estava a caminho.



E então ela veio.

Era como se o clima pudesse sentir a magia negra que estava se espalhando pela floresta. A temperatura baixara de um dia para o outro e a chuva caía em gotas quase congeladas sobre os galhos. O outono tinha sido esmagado por um inverno antecipado que matou com o frio repentino as folhas que secavam.

Sonhador estava sozinho quando ouviu as rodas pesadas da carruagem, do outro lado das árvores e dos arbustos densos, seguidas pelos gritos precisos de soldados parando em forma. Ele estava preparando a fogueira para que durasse o dia inteiro e prestes a correr para alcançar os outros quando parou tudo na clareira e ficou apavorado. O príncipe tinha subido a elevação apenas alguns minutos antes com uma tigela de ensopado quente para mantê-lo aquecido durante sua vigília, e Sonhador torceu para que ele se mantivesse distante. Ele olhou para as árvores. Talvez eles não encontrassem a cabana... talvez eles...

— Está aqui em algum lugar. — Era uma voz baixa porém autoritária de mulher. — Derrubem tudo para abrir caminho. Vou conversar com eles *todos*. — Era *ela*. A rainha. A madrasta de Branca de Neve.

Após mais comandos gritados, machados e espadas começaram a cortar as veias da floresta, determinados a abrir uma passagem até a porta da cabana.

Sonhador queria chorar. Por que ele tinha sido o último a ficar ali? Por que não Carrancudo? Ou Cotoco? Eles eram mais corajosos. Não ficariam com tanto medo. Olhou ao redor para os pequenos rastros que levavam ao lago e à elevação. Queria sair correndo. Suas pernas curtas e grossas tremiam com a urgência. Ele podia conseguir, tinha certeza, e estaria de volta à mina sem problemas antes que os soldados encontrassem seu caminho até a Trilha dos Anões. Os soldados nunca poderiam conhecer os caminhos através da floresta como os anões, e o medo fazia com que sua mente se concentrasse melhor.

E sua mente se concentrou enquanto os machados batiam em um ritmo firme em sua direção, e os galhos estalavam ao serem arrancados. Ele *podia* correr. Mas o que aconteceria depois? Eles iam fazer uma busca na cabana. Tentou se lembrar se havia algo incriminador lá dentro. Alguma coisa que tinha pertencido a Branca de Neve? Sua calça de montaria estava guardada em algum lugar. Talvez eles a encontrassem. Além disso, provavelmente fariam buscas na área ao redor. A elevação estava bem escondida, mas nem de perto bem o bastante para escapar de uma rainha determinada. Ele pensou nos corvos. Quanto será que ela já sabia?

À sua frente, viu se abrir uma fenda entre as árvores massacradas e vislumbrou os soldados avançando. A Guarda da Rainha. Ele não podia fugir. Isso ele já sabia. Era o único que podia salvar a si mesmo e a seus amigos.

— Olá? — chamou ele com voz inocente e cautelosa, e se aproximou. — Quem está aí?

— Sua majestade, a rainha! — berrou um soldado.

Sonhador agachou-se sobre um joelho e fez uma reverência com a cabeça. E esperou. Finalmente os machados silenciaram e havia apenas a brisa fresca farfalhando nas árvores e o clangor metálico dos soldados.

— Levante-se, anão.

— Sua majestade. — Ele fez uma pausa em sinal de respeito antes de se levantar com a cabeça ainda baixa. — Quanta honra! O que posso fazer por sua majestade? Vivo para servir. — Estava temeroso que, por não ser bom mentiroso, sua expressão entregasse sua culpa. Mas, em vez disso, quando finalmente levantou a cabeça, seu queixo caiu e todos os pensamentos desapareceram momentaneamente. Ele não tinha certeza do que estava esperando. Um monstro? Uma bruxa velha encarquilhada?

Ela era bela. Ele *ouvira dizer* que era bonita, é claro. Branca de Neve dizia isso, e os soldados nas minas faziam muitas piadas sujas sobre a sorte do velho rei. Mas Sonhador não tinha tomado parte na brincadeira do baile de aniversário, não tinha equilíbrio o bastante para ficar em cima do ombro de outro sem fazê-los todos cair. Por isso nunca a havia visto pessoalmente. Não imaginava que

pudesse haver alguém tão bonita quanto Branca de Neve, mas ali estava uma prova do contrário.

Se o cabelo de Branca de Neve era negro e denso, o da rainha era louro branco e como um tecido de seda que caía sobre suas costas. Seus olhos eram altivos como os de um gato, mas ele percebeu que havia sombras escuras por trás deles. Ele se sentiu aterrorizado e morto de pena ao mesmo tempo. A culpa podia levar uma pessoa à loucura, ele tinha certeza disso.

— A princesa desapareceu — disse ela sem rodeios. — Sei quanto ela gosta de socializar com vocês... do povo. — Ela olhou para a cabana e seus arredores como se a possibilidade de passar o menor tempo em um lugar daqueles fosse sua ideia de inferno. — Se algum de vocês causou mal a ela, nós vamos descobrir.

— Nenhum anão a machucaria! — exclamou Sonhador. — Nós amamos a princesa. Sua majestade sabe disso. Mas não a vemos faz dias. Achamos que talvez ela estivesse ocupada com negócios do castelo, e como não temos mais permissão de entrar lá... então... — Ele deixou a frase terminar sozinha, naturalmente. Afinal, aquela era a rainha que havia banido todos eles. — Por favor. — Ele largou a bolsa, correu para a porta da cabana e a abriu, esperando não ter sido um gesto dramático demais. — Pode procurar em nossa casa. Por favor. A honra dos anões está em jogo. Procure na casa e depois vou ajudá-los a procurá-la em qualquer lugar que pedirem. Assim como meus irmãos.

Ela o encarou por um bom tempo. Ele estava com o coração na boca. Se *realmente* fizessem uma busca na cabana, iam encontrar a calça de montaria de Branca de Neve, e eles estariam acabados. Mas se ele não tivesse oferecido, aquela mulher teria insistido. Era um blefe perigoso, mas também era a única coisa que podia fazer.

— Não ouviu nenhum outro anão falar sobre ela? — perguntou a rainha.

— Não, sua majestade. Mas vou prestar mais atenção, prometo.

— Faça mesmo isso. Meus corvos vão viajar mais para o interior da floresta em breve. — Ela olhou para as árvores em volta deles como se fossem um exército postado contra ela. — Aí vamos encontrá-la, por mais que esteja bem escondida.

Sonhador não disse nada, sem saber se podia confiar em si mesmo para falar, mas a rainha estava perdida nos próprios pensamentos.

— Eu só preciso saber — disse ela com doçura, para as árvores e a brisa, talvez, mas não para um homem ou anão. — Eu vou ficar louca se nunca *souber*.

Ela se virou, caminhou de volta pela nova trilha até sua carruagem e depois de um ou dois segundos, estalou os dedos. A Guarda da Rainha lançou mais um olhar desconfiado e então a seguiu. As árvores e os arbustos já estavam se

entrelaçando de novo, e o anão ficou satisfeito por ouvir uma leve exclamação de dor quando um espinho arranhou o rosto de um soldado que passava.

— Para a próxima! — ordenou a rainha, e sua voz se espalhou com clareza pela clareira. — E depois para as minas.

Sonhador esperou até que os cavalos tivessem sido esporeados até desaparecerem e o ruído das rodas da carruagem não pudesse mais ser ouvido antes de deixar que suas pernas cedessem embaixo dele. Sentou-se trêmulo sobre um toco de árvore com a respiração acelerada e entrecortada. Durante algum tempo pensou que talvez eles pudessem voltar, que aquilo fosse um truque elaborado para lhe dar uma falsa sensação de calma só para voltar, declará-lo traidor e arrastá-lo para as masmorras. Mas nenhum cavalo nem roda voltou, e quando finalmente o pânico desapareceu e sua pele refrescou, Sonhador soube o que tinha de fazer. Não havia tempo para esperar pelos outros. Seu turno ainda levaria horas para acabar, e então qualquer coisa já poderia ter acontecido. Os corvos podiam espiar Branca de Neve do alto ou alguém de seu povo podia traí-los, o que, apesar de ser um pensamento terrível, ele sabia ser possível. Eles haviam mantido Branca de Neve em segredo, mas todos os anões sabiam que sua equipe era a favorita da princesa.

Assim que sentiu novamente firmeza nas pernas, ele subiu a elevação lutando contra a vontade de correr em vez de se mover com cautela, sempre conferindo ao redor em busca de sinais de soldados ou espiões. Entretanto, a floresta densa estava vazia, e cada um de seus passos soava alto demais enquanto ele seguiu a trilha familiar e subiu até o topo ensolarado.

O príncipe estava sentado com a cabeça baixa quando Sonhador chegou. Ele não ergueu a cabeça, apenas continuou a olhar para o belo rosto dentro do caixão de vidro.

— Sei que todos vocês querem que eu parta — disse ele. — E devo partir. Para o bem de todos vocês. Mas não posso. Não consigo deixá-la. — Uma única lágrima escorreu por seu rosto perfeito. — Acho que isso me mataria.

— Tem de levá-la com você — disse Sonhador. — Tem de levá-la para seu reino.

— O quê? — O príncipe ergueu os olhos.

— Eu os acompanho até a fronteira. Ela não está segura aqui.

— Mas seu reino e o meu...

— Eu sei — disse Sonhador. Havia uma guerra entre eles, claro. Ele já havia sido ingênuo. Não ia ser mais. Naquele dia, Sonhador estava crescendo rápido. — Mas você precisa mantê-la segura até a volta do pai dela. Até que possamos descobrir qual é essa maldição e como acabar com ela.

— Aí poderei me casar com ela e nossos dois reinos vão finalmente se unir.

— Os ombros do príncipe já estavam se aprumando.

— Vou preparar a carroça — disse Sonhador. — A Guarda da Rainha está fazendo buscas nas cabanas dos anões. Se partirmos agora e nos mantivermos longe dessas trilhas, temos chance de escapar da floresta e do poder do castelo antes do anoitecer. Mas temos de ir agora.



CAPÍTULO 8

Um príncipe perdido e uma princesa amaldiçoada

Eles trabalharam rápido e em menos de uma hora já estavam na estrada. Sonhador tinha limpado todas as provas na cabana e então eles ergueram o caixão, puseram-no na traseira da carroça de madeira e o protegeram com um cobertor velho antes de cobri-lo com lenha e sacas de batata e verduras velhas na esperança de que passasse pelo menos por uma inspeção rápida. Atrelaram a velha pônei fêmea cansada dos anões, que tinha feito mais que viagens ocasionais ao mercado nos últimos anos, e a floresta os deixou passar.

A primeira meia hora foi tensa, até que estavam distantes das trilhas principais e sobre terreno rochoso e menos utilizado. O anão os conduzia, e a pônei fêmea reagia da melhor maneira possível a seus estalos e puxões nas rédeas, enquanto o príncipe vinha na retaguarda. Eles não falaram muito, e o príncipe não se importou. O silêncio significava que o anão estava concentrado e atento a qualquer perigo. De sua parte, ele mantinha a mão no cabo da espada, escondida sob a capa que estava virada do avesso e coberta de lama para ocultar

suas cores. Ele podia parecer um ladrão, pensou, mas sem dúvida não se parecia com um príncipe viajante.

Apoiava a outra mão na carroça e desejava que o rosto congelado de Branca de Neve não estivesse oculto dele e da luz do sol. Odiava a ideia daquele cobertor fedorento cobrindo-a como uma mortalha. Ela era bela, trágica e perfeita demais para isso. Sonhador tinha razão, ela estava mais segura assim, mas ele não era obrigado a gostar. Não há nenhuma nobreza ou realeza em ser transportado com medo em uma carroça suja. Talvez quando ele chegasse de volta ao castelo mudasse a história. Para o bem dela, tanto quanto o dele. Ele se lembrava de seu ferimento e de tudo o que havia acontecido *antes* de perder o rumo e encontrar os anões. Ele teve um calafrio. Seria preciso mudar algumas histórias. Mesmo assim, os anões tinham salvado sua vida e lhe trazido *aquela* bela adormecida, e por isso ele seria eternamente grato. Quando chegasse em casa, enviaria riquezas para eles como recompensa.

Na ausência de seus companheiros, o príncipe talvez nunca tivesse conseguido escapar desse reino de volta para o seu, mas o anãozinho que seguia à frente parecia jamais se perder. Em vez disso, seguia seu caminho pelas trilhas estreitas; nas encruzilhadas e bifurcações, decidia o rumo com segurança e tranquilidade. O príncipe estava contente. Agora que garantira a segurança de sua princesa, mal podia esperar para chegar em casa. Já tivera aventuras o bastante. O castelo de luzes, justas e danças era tudo o que desejava. Sua vida de príncipe outra vez. Ele estremeceu de prazer ao pensar nisso. Aquele reino minerador era rústico e brutal em comparação ao seu, onde modos corteses e coisas bonitas eram valorizados, e música e bailes da sociedade enchiam as noites. Seu coração ansiava por estar lá com sua princesa exótica ao lado. Ele mandaria o pai procurar os melhores mágicos da terra para desfazer qualquer feitiço lançado sobre ela. Iria salvá-la, e ela iria amá-lo como ele a amava, e viveriam felizes para sempre.

Seus pés se arrastavam no ritmo do animal que podia não ser rápido, mas ao menos era resistente e, após algumas horas, Sonhador começou a cantarolar. Apesar de a canção ser rústica e simplória em comparação com os minuetos que tocavam em sua terra, ele crescera acostumado às canções dos anões e o acompanhou. Talvez fosse sentir falta dos momentos vividos com os anões. A irmandade. A amizade e a lealdade tácita. Essas duas coisas eram muito difíceis de encontrar quando se nascia com sangue real.

— Você não está cantando direito.

A voz grossa veio de trás deles, e o príncipe se virou rapidamente, sacando a espada.

— Cuidado para não arrancar o olho de alguém com isso — disse

Carrancudo, saindo do meio dos arbustos e pegando a trilha rochosa. — De um homem mais alto, é verdade.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Sonhador enquanto corria na direção do anão mais velho. — Está com raiva? Eu não pude esperar. Sinto muito. Achei que essa era a melhor saída. Não havia tempo para...

— Pare com essa falação. — Carrancudo golpeou o vazio como se as palavras de Sonhador fossem insetos irritantes. — Você fez a coisa certa. Soubemos da caçada da rainha nas minas quando o turno seguinte chegou, e como você não apareceu, vim procurar você. Vi seu bilhete na lareira. — Ele deu um tapa no ombro de Sonhador. — Foi uma ótima ideia. No lugar onde Branca de Neve costumava nos deixar recados. — Ele balançou a cabeça na direção do príncipe. — Aí pensei em vir para fazer companhia. Os anões não são criaturas solitárias e vai ser uma longa caminhada de volta depois que esses dois estiverem em segurança.

— Obrigado, Carrancudo. — Sonhador parecia prestes a irromper em lágrimas de alívio, e o príncipe ficou fascinado ao ver como conhecia pouco aqueles homens endurecidos. O medo de caminhar sozinho não era um que havia imaginado em alguém que seguia com tamanha desenvoltura pela floresta. — É bom ter você junto conosco — disse ele e sorriu. — Agora nos ensine a cantar isso direito.

Eles seguiram cantando juntos em voz baixa. O príncipe sonhava acordado com sua casa e Branca de Neve dançando ao seu lado. Assim, o dia logo se transformou em tarde e logo no estranho cinza do anoitecer. Depois de muito tempo, ficaram em silêncio e caminharam sob as chamas de uma única tocha. Estavam cansados e as pernas latejavam, mas andariam durante a noite inteira se isso fosse necessário para levá-los aos limites da floresta. Longe o bastante do castelo para estar em segurança.

No fim das contas, precisaram mesmo fazer isso. O príncipe tinha certeza de ter caído brevemente no sono enquanto caminhava, e foi subitamente arrancado de seus delírios por Sonhador ou Carrancudo, que lhe deram um pouco de água e um pedaço de pão duro para mastigar. O tempo parecia não passar, e o chão irregular sob suas botas o fazia tropeçar dolorosamente tanto quanto caminhava. O pequeno e rústico animal devia ter morrido horas antes, mas mantinha o mesmo passo firme, forçando todos a acompanhá-lo. A noite foi impiedosa. O príncipe começou a se perguntar se todos estavam amaldiçoados a fazer uma jornada que jamais teria fim. Tentou se concentrar em lembranças de casa ou da beleza perfeita de Branca de Neve, mas sua mente insistia em arrastá-lo para outras memórias mais sombrias que passavam como pesadelos. Correndo por uma floresta diferente temendo pela vida. Ele gritou algumas vezes e

Carrancudo o tomou pelo braço, despertando-o bruscamente, mas era difícil dizer onde ficava a fronteira entre a fantasia e a realidade.

Finalmente, no escuro absoluto que os envolvia, começaram a surgir linhas que pareciam rachaduras com leves matizes de cinza e depois amarelo e laranja com a chegada do alvorecer. O príncipe poderia ter gritado de alívio. Todos tinham sido feitos prisioneiros da exaustão, que torturava cada um de seus passos, mas sem dúvida as árvores estavam ficando menos grossas, e a trilha se abria em uma estrada de verdade. Estavam perto dos limites da floresta. Iam poder descansar em breve. Ele estava prestes a cair em uma risada de alívio quando a pônei fêmea de repente se assustou e empinou, relinchando aterrorizada e derrubando a carroça e sua carga pela estrada.

O príncipe sentiu como se estivesse andando por um lamaçal quando tentou evitar a queda da carroça, mas não conseguiu, tombou de lado e foi atacado por verduras que despencaram sobre ele. Os anões puxaram as rédeas da pônei fêmea tentando acalmá-la e depois de um tempo tudo ficou imóvel e em silêncio.

— Que porra foi essa que aconteceu? — disse Carrancudo.

— É só um camundongo. — Sonhador estava agachado na estrada. — Vejam! — O príncipe se levantou sobre os pés doloridos e foi mancando até ele. Um pequeno rato do campo, com uma cicatriz nas costas, estava todo contente se limpando no meio do caminho deles. Ele fez uma pausa e olhou curioso para o grupo, absolutamente sem medo. Sonhador riu. — É só um ratinho.

— Olhe para essa bagunça. Tenho certeza de que a roda não está na posição certa. — Isso vai...

— Que barulho é esse? — O príncipe franziu o cenho.

— Que barulho? — Sonhador olhou ao redor e rapidamente começou a espiar pelos vãos entre as árvores, sem dúvida temendo a chegada dos soldados.

— Ouçam. — O príncipe virou-se na direção da carroça quebrada. Tinha vindo daquela direção. Ele tornou a ouvir. Uma tosse. — Ali.

O ratinho saiu correndo entre as pernas deles até o caixão que caíra meio virado, mas ainda estava coberto pelo cobertor sujo, sobre a estrada. Todos se viraram e observaram enquanto ele farejou rapidamente ao redor e depois começou a roer uma batata que caíra. Eles ouviram outra tosse. Leve e feminina.

— O caixão — murmurou o príncipe. — Está vindo do caixão.

O príncipe foi o primeiro a alcançá-lo com os anões logo atrás. Juntos, ajeitaram o caixão sobre a estrada e puxaram o cobertor. Lá dentro, Branca de Neve olhava atônita para eles. O pedacinho de maçã que ficara preso em sua garganta agora jazia sobre seu peito.

— A pancada o soltou! — gritou Sonhador. — Ela não tinha engolido! A maçã tinha ficado presa no meio do caminho!

— Vamos tirá-la daqui — resmungou Carrancudo. — Tem fechos nas laterais. Vamos soltá-los.

O príncipe já estava mexendo neles. Será que aquilo era um sonho? Será que ainda estavam caminhando pela noite e aquela era uma ilusão que a qualquer instante ia se desfazer? Será que ela podia estar acordada? Ele desejara aquele momento desde a primeira vez que pusera os olhos nela, e agora tinha acontecido, do nada.

A tampa de vidro saiu e ele debruçou-se para a frente.

— Quem é você? — A voz dela estava rouca e vacilava um pouco.

— Shhhhhh — disse ele, e antes que conseguisse se segurar, abaixou e a beijou. Seus lábios eram tão doces e macios como imaginara que seriam. Ele se demorou alguns segundos, desfrutando da sensação do calor que seu corpo exalava do interior do vidro, e em seguida se afastou. Ela o olhou sem fôlego. — Sou o homem com quem você vai se casar.

Ela se sentou de repente, olhou para o vestido que usava e depois para a maçã na mão.

— Uhnnn... O que está acontecendo?

— É uma longa história — disse Sonhador. — Vamos acender uma fogueira e contaremos tudo a você, mas primeiro — ele fez um gesto indicando a maçã — vamos jogar isso fora.

Do nada, o ratinho marrom apareceu correndo e subiu pelos braços de Sonhador até a beirada da lateral de vidro. Ficou de pé sobre as patas de trás, com os bigodes se remexendo, e se inclinou na direção da fruta.

— Não, não — disse Branca de Neve. — Precisamos colocá-la em algum lugar seguro. Do contrário, os bichos podem comê-la. — Ela olhou para o príncipe. — Você tem um saco ou algo assim?

— Claro. — Ele pegou a maçã e o pedacinho que ela engasgara e expelira ao tossir e os colocou em seu saco de dinheiro. Ela era bela e também boa. Os anões tinham razão. Isso era mágico. Isso era amor. Tinha de ser.

Eles acamparam em uma pequena clareira à beira da estrada, e à luz da fogueira os dois anões e o príncipe contaram a ela tudo o que havia acontecido desde que a bruxa velha lhe dera a maçã. O príncipe deixou que Sonhador lhe contasse sobre sua vigília e como ele permaneceu sentado ali ao lado ela, que jazia em algum lugar entre a vida e a morte, por todos os dias e as noites. Quando terminaram, ela se virou e olhou para ele.

— Você estava lá para garantir minha segurança? — perguntou ela.

— Ainda vou garantir sua segurança — disse ele, envolvendo-a com o braço e puxando-a para perto. Do outro lado da fogueira, os dois anões estavam radiantes de alegria. — Case comigo e venha para meu reino. Você será a mais

bela joia na coroa do meu palácio de luz. Tudo o que desejar você terá. Prometo.

Ela olhou para a fogueira, e o coração dele acelerou de amor por ela.

— Por favor. Case-se comigo — disse ele. — Passei a vida inteira procurando você. Isso é amor de verdade, eu soube assim que a vi. — Ele podia sentir o calor tomando seu rosto, além de vergonha e excitação. Ela tinha de dizer sim. Tinha de ser. Com certeza ela também devia sentir algo por ele.

— Um príncipe perdido e uma princesa amaldiçoada — disse Sonhador. — É tão romântico! Como algo saído dos livros de história que você me deu.

— A rainha tentou me matar — disse ela sem alterar o tom de voz.

— E vai tentar de novo se tiver a chance — disse Carrancudo. — Aquela lá é muito má.

Os segundos se passaram como horas enquanto ela continuava olhando fixamente para as chamas crepitantes, a luz das quais lambia seu rosto como se também quisesse tocar sua beleza. Em que ela estava pensando? Sua expressão era tão indecifrável como quando estava congelada. Ele a estava apressando, sabia disso, mas o que mais podia fazer? Se a levasse de volta sem se casar, seu pai podia tentar impedir. Ele mesmo queria arranjar o casamento do filho. Ele já *vira* algumas das mulheres que seu pai escolheria, e não as considerava adequadas. Mas retornar já casado, com uma princesa real, era algo que ele teria de aceitar. E assim que se acalmou, se deu conta de que a guerra podia terminar com o surgimento de uma nova aliança. O reino de Branca de Neve tinha minas e metal. O pai dele ia querer os dois.

— Sim — disse ela. A primeira vez em que disse a palavra foi tão baixo que ela quase se perdeu no crepitar da fogueira.

— O quê?

— Sim. — Ela olhou para ele. — Sim, aceito me casar com você. Por que não?

Os anões se levantaram e abraçaram Branca de Neve com tanta força que ela ficou sem fôlego antes que a resposta fosse compreendida, e então sua mão foi apertada com tanta força por Carrancudo, que mal conseguia falar.

— Chega, chega! — Ela se livrou, rindo. — Vamos fazer isso imediatamente. Amanhã. Por que esperar? — O rosto dela brilhava de excitação, e ele se inclinou para a frente para beijá-la outra vez. Os lábios dela tocaram os seus, e então ela se afastou. — Não antes do casamento — disse ela. — Afinal, sou uma princesa.

O coração do príncipe quase explodiu. Bela, boa e recatada. Exatamente o que ele sempre quisera. A princesa perfeita. Depois de tudo o que havia acontecido *antes* de seu ferimento, ele perdera a fé na existência de uma criatura como ela, mas após todas as suas tribulações, a perda de seu companheiro e os

dias de pesadelos delirantes, lá estava ela.

— Amanhã — disse ele, sorrindo como uma criança. — Vamos nos casar amanhã.



CAPÍTULO 9

Vamos nos casar

Sonhador e Carrancudo haviam consertado a carroça e colocado tudo de volta no lugar enquanto o jovem casal dormia. Os anões não tinham dormido muito. Tomaram conta do fogo e de sua preciosa companhia humana durante toda a noite, mas os dois estavam felizes com seu trabalho.

— Às vezes as coisas acontecem por uma razão — disse Carrancudo. — Se a bruxa velha não tivesse dado a maçã a ela, quem sabe se esses dois teriam encontrado um ao outro?

— Andou lendo alguns dos meus livros de histórias? — provocou Sonhador enquanto colocavam os arreios no animal. — Você está parecendo quase romântico.

— Vá se foder — disse Carrancudo, mas seu rosto enrugado e endurecido ficou levemente enrubescido. Sonhador sorriu. Era um final feliz. Eles poderiam ir embora naquela noite sabendo que finalmente ela estaria em segurança. Eles não sentiam mais o peso da culpa. Não haveria um destino terrível à espera deles por não serem capazes de manter suas palavras.

— Mas vou sentir falta dela — acrescentou ele. Era verdade. Branca de Neve era a luz em suas vidas sem graça, e enquanto o reino afundava no pântano escuro da feitiçaria da rainha, haveria muito pouco prazer para eles durante o

inverno e até o retorno do rei. Ela sempre estivera ali, ao lado deles, e agora ia se tornar parte de outro reino.

— Ela vai voltar — disse Carrancudo. — Sinto isso nos meus ossos.

— Pelo menos estará segura e feliz.

Eles sorriram um para o outro e finalmente despertaram os belos adormecidos.

Após a friagem do amanhecer, o dia começou ensolarado. Um grito de guerra final de verão, ou talvez o inverno da rainha simplesmente ainda não tivesse chegado tão longe no reino. De qualquer modo, o sol estava quente em suas costas quando por fim saíram da floresta.

— Vejam — disse o príncipe. À frente, onde a terra mergulhava em um vale, via-se uma cidadezinha com várias casas e fumaça saindo pelas chaminés com o início do dia. O pavilhão real tremulava no alto do prédio da prefeitura. Suas cores vivas destacavam-se orgulhosas contra a pedra branca dos prédios e o céu azul acima. Ao lado da flâmula havia outra, menor, e apesar de nenhum deles conseguir ver exatamente o que era, sabiam que era a marca da rainha.

— Nada ambiciosa a sua madrasta — murmurou Carrancudo enquanto a estrada se alargava diante deles.

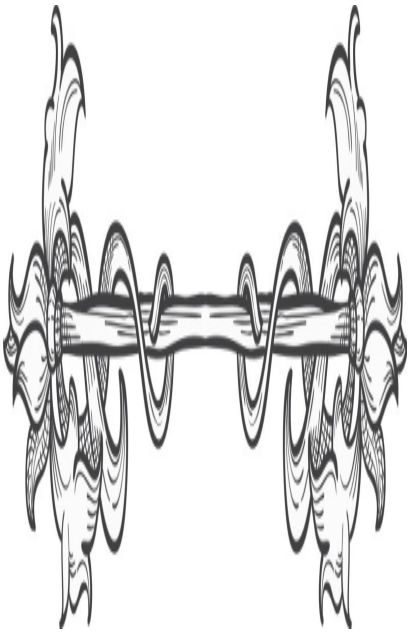
— Não — disse Branca de Neve. — Com certeza é uma criatura única. — Ela estava segurando a mão de Sonhador e a apertou de leve.

— Bem, com certeza ela agora não pode lhe fazer nenhum mal — disse ele. — Você está protegida contra ela.

— Acho que estou. — A voz dela era suave, mas com um peso de tristeza.

— Não podemos ter certeza disso até você cruzar a fronteira — acrescentou Carrancudo.

— Tem uma capela ali — exclamou o príncipe. — Lá! Posso ver a torre. — Ele deu um sorriso para Branca de Neve. — Vamos nos casar.



Sonhador estava o mais perto das lágrimas possível para um anão antes mesmo de Carrancudo começar a levar Branca de Neve até o altar. Não precisaram de muito tempo para encontrar o padre, e apesar de ele ter ficado desconfiado com a pressa dos dois jovens em casar, sem dúvida suspeitando de uma necessidade urgente em vez de um gesto romântico, foi preciso apenas algumas das moedas de ouro do príncipe para convencê-lo a se paramentar e encontrá-los na capela. Ainda era bem cedo e as ruas estavam relativamente quietas. Sonhador colhera as últimas flores silvestres do verão e as trançou para fazer um diadema para Branca de Neve, com tons de rosa e vermelho destacando o lilás de seus belos olhos. O príncipe tinha batido à porta de uma costureira até que ela também abriu e viu sua raiva inicial evaporar quando vendeu um vestido branco elegante para a garota bonita e seu acompanhante.

Branca de Neve passou a manhã inteira rindo. Um som livre e selvagem que Sonhador geralmente associava a alguma aventura ou brincadeira louca, mas quando ela foi com Carrancudo arranjar quartos na estalagem e colocar o vestido novo, ela se acalmou. Era o dia de seu casamento, afinal de contas. Tinha de ser levado a sério. Mesmo por alguém tão indomável como Branca de Neve.

Sonhador foi para a capela com o príncipe e eles esperaram em silêncio com o padre pela chegada dela. Não era nenhuma igreja enfeitada, mas a pequena construção tinha seu charme. As janelas altas e luminosas não eram decoradas. A brisa fresca cantava com o aroma de lírios que enchiam vasos grandes dos dois lados do pequeno altar. Os bancos de madeira eram simples mas bem envernizados. Era um lugar de paz, concluiu Sonhador. Ele não

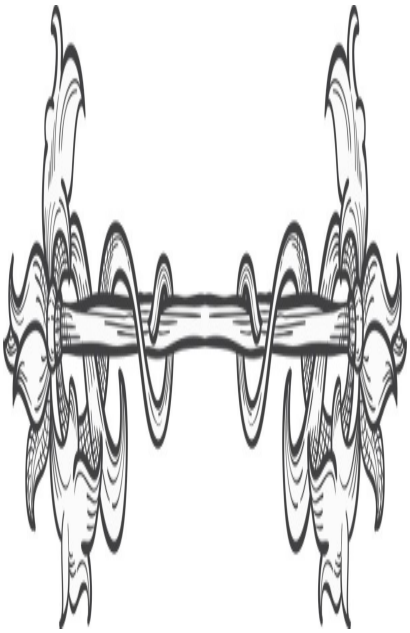
conseguia imaginar um casamento real, com toda a pompa e a glória, mais expressivo que aquele.

Ele se lembrou dos desfiles e das procissões quando o rei se casou com sua rainha de gelo. O reino se encheu de pompa por dias, e o que levou ao casamento? Um homem cativado pela beleza de uma mulher, talvez, mas aquela não foi uma união de amor. Nenhuma mulher ficava tão má se tivesse se apaixonado. Entretanto, seu conhecimento desses assuntos era limitado. Mulheres anãs eram raras e sempre morriam no parto, dando à luz pelo menos cinco bebês pequenos de uma vez só. Nenhum anão jamais conheceu a mãe. Enquanto aguardava na capela, ele fez uma rápida prece por sua própria mãe falecida. Ele não acreditava em nenhum dos deuses, mas também não sabia o que fazer com aqueles pensamentos sentimentais repentinos. Aquele era um dia feliz. Branca de Neve seria abençoada com filhos e ela iria conhecê-los e amá-los. Sua vida seria perfeita. *Tinha de* ser.

Por fim, as portas se abriram e Carrancudo e Branca de Neve começaram a caminhar na direção do altar. Não havia órgão, mas Carrancudo entoava uma canção de anão, o encerramento lento da música de caminhada daquele dia. Sua voz profunda ecoava e Sonhador sentiu um nó na garganta enquanto os observava passar. Como uma verdadeira princesa, Branca de Neve mantinha a cabeça erguida e concentrada no marido que a esperava à frente, e Sonhador achou que nunca a havia visto tão bonita, vestida de branco e com os cabelos negros com a coroa de flores caindo soltos sobre os ombros.

A luz do sol penetrou na igreja, fez a poeira dançar no interior de seus raios como vaga-lumes e enquadrou o casal enquanto faziam seus votos nupciais em voz baixa. O príncipe, tão alto e belo, não tirou os olhos da princesa durante toda a cerimônia; quando o padre finalmente disse que ele podia beijar a noiva, até ele sorriu de felicidade quando o casal fez o que ele dissera. Havia algo especial no momento, algo mágico, e lá fora os passarinhos começaram a cantar.

Eles eram marido e mulher. Príncipe e princesa. E viveriam felizes para sempre.



— Acho que devíamos guardá-lo — disse o príncipe. — Como uma lembrança de como nos conhecemos. — Ele passou a mão pelo caixão de vidro na parte de trás da carroça.

— Tecnicamente, não nos conhecemos assim — disse Branca de Neve. — Eu não estava exatamente ali. Mas se tem valor sentimental para você, por que não? Adorei que os anões o tenham feito para mim. Que não tenham me enterrado. — Ela sorriu para Carrancudo. — Na verdade, vocês me salvaram.

O dia estava ficando quente e, após um rápido café da manhã de casamento na estalagem, os anões estavam prontos para começar a se despedir e voltar para a floresta. Sonhador não estava com tanta vontade de fazer isso. Tudo tinha acontecido muito rápido, e agora Branca de Neve partiria para viver em um reino totalmente diferente. Era para o bem dela, ele sabia, mas desejou que ele e Carrancudo também pudessem ficar. O que não era possível. Os anões pertenciam às minas e, se não voltassem, o resto de sua equipe ia sofrer.

— Tomem aqui. — O príncipe pegou várias moedas de ouro em sua bolsa de dinheiro. — Para vocês comprarem outra carroça e outro pônei. Se não se importam que levemos estes. — Ele acariciou a crina do animal. — Ela trabalhou duro. Merece uma boa aposentadoria.

— Então pode levá-la — disse Carrancudo. — Vai dar a ela uma vida melhor do que nós podemos dar. — O príncipe apertou as moedas nas mãos contrariadas de Sonhador. Ele podia sentir o odor doce de maçã no metal que dividira o mesmo espaço com o presente amaldiçoado da bruxa velha para Branca de Neve. Será que aquele dinheiro agora estava envenenado?, ele se

perguntou. Por que o pensamento lhe provocou um calafrio? Ele afastou a ideia. Carrancudo tinha razão. Ele passava tempo demais com a cabeça nos livros. Cada vez mais era levado por sua imaginação.

— Mas vamos comprar cavalos para voltar para casa — disse o príncipe. — Não posso voltar a pé para o castelo. Preciso de um cavalo adequado e perdi o meu.

— Deixe que eu me troque primeiro — disse Branca de Neve. — Quero vestir minhas roupas normais. — Ela se levantou e beijou o marido no nariz. — Espere aqui. — O príncipe corou e Sonhador se sentiu melhor. O dinheiro podia ser lavado. Não sobrara nenhum vestígio de nada ali.

O príncipe tinha comprado vários vestidos finos na costureira, mas quando ela surgiu, estava vestindo a calça de montaria com a camisa branca, e o cabelo estava preso na nuca em um coque descuidado. Ela irradiava beleza natural, tomou o príncipe pela mão e o levou até o estábulo do negociante de cavalos. O príncipe pareceu surpreso ao ver o que ela estava vestindo, mas isso provocou um sorriso em Sonhador. Era ela, sua princesa, verdadeira e apaixonada e de volta, novamente com eles.

Depois de escolher um belo corcel para si mesmo, o príncipe selecionou um cavalo menor, cinza, para Branca de Neve, com tranças na crina e que não parava quieto no curral como se estivesse dançando. Ela riu e sacudiu a cabeça. Seus cabelos reluziram ao sol.

— Isso não é cavalo para mim. Sempre montei garanhões. Deixe que eu escolha. — Ela se afastou para o lado, passou por ele e caminhou pela fileira de baias até chegar à última. Em seu interior, havia um animal negro que batia as patas no chão e tinha olhos que queimavam de raiva por estar preso.

— Quero este aqui — disse ela.

— Tem certeza? — Sonhador espiou por cima da porteira. — Ele parece um pouco perigoso até para você.

— Esse não é um cavalo para uma dama — disse o príncipe.

— Concordo com seu marido — intrometeu-se o negociante de cavalos. Ele cuspiu tabaco na serragem. — Ninguém consegue domá-lo.

— Deixe-me ver, está bem? — Ignorando todos, Branca de Neve abriu o portão e entrou na baia. O cavalo bateu com as patas no chão e balançou a cabeça, bufando com raiva, mas a garota esguia parou ao lado dele e acariciou seu pescoço, sussurrando baixinho na orelha do animal. Após um instante, ela agarrou a crina densa, saltou sem esforço e montou.

O animal empinou e relinchou, mas ela ficou em cima dele e tocou-o para fora do confinamento onde estava, na direção da luz do sol. Ela ria enquanto ele tentava derrubá-la, e seu rosto brilhava com a pura energia da vida.

— Ele vai derrubar você! — gritou o príncipe. — Apeie!

— Não tenho medo! — gritou em resposta Branca de Neve. — Só me observem.

E eles observaram. Era tudo o que podiam fazer, pois o cavalo e a amazona entraram no curral e começaram sua batalha pelo comando. Sonhador estava pasmo. Ela era tão intrépida, estava tão viva naquele momento... Tinha a força do pai e a beleza e a graça da mãe. Ela e o cavalo eram como um só.

— Ela monta como um homem — disse o príncipe enquanto observavam ela finalmente domar o animal em um galope controlado. Suas coxas o controlavam e o faziam virar e andar de um lado para o outro. Os cabelos dela se soltaram do coque e caíram livres. — Que mulher monta como um homem?

— Ah, não acho que exista outra mulher como nossa Branca de Neve em nenhum reino — disse Carrancudo, com muito orgulho na voz. — Você é um homem de sorte.

— Esse cavalo é mais poderoso que o meu — disse o príncipe. Ele parecia um tanto atônito, e Sonhador apertou seu braço.

— Ela é uma força da natureza. Você vai se acostumar com ela.

— Imagino que sim.

O cavalo parou em frente a eles e relinchou quando Branca de Neve desmontou. Ela estava ofegante e corada de excitação, e abraçou o príncipe pelo pescoço com os dois braços.

— Nossa, que cavalgada deliciosa. — A voz dela era tão doce e quente que Sonhador pôde ver o príncipe se derreter com ela.

— Se você quiser o cavalo, é seu.

— Acho melhor irmos embora — disse Carrancudo. — Você está segura aqui, e a fronteira fica pouco mais de um quilômetro ao norte.

— Não vão ainda. — Branca de Neve se virou cabisbaixa.

— Mas é o dia do seu casamento. Essa vai ser sua noite de núpcias. É hora de vocês dois ficarem sozinhos.

Sonhador corou e deu um chute na terra. Sexo era algo que não tinha muito a ver com os anões.

— Mas isso é à noite — disse Branca de Neve. — Então partam mais tarde. Hoje é o dia de nosso casamento, por isso comemorem conosco. Já sei. — Ela sorriu. — Vamos tomar uma cerveja. — Ela saiu andando na frente e então se virou, com a mão no quadril. — Vamos lá, o que estão esperando?

O príncipe não tirava os olhos dela, sem saber o que pensar.

— Ela provavelmente está só nervosa — disse Sonhador, sentindo necessidade de inventar uma desculpa para o comportamento dela. Ele havia lido que as mulheres ficam nervosas antes da noite de núpcias, mas ele não queria

muito pensar no porquê.

— É, provavelmente é isso — disse o príncipe, e finalmente eles foram atrás dela.



CAPÍTULO 10

O que o pai dele ia dizer?

Não era exatamente o que ele esperava. Na verdade, nada tinha a ver com o que ele esperava. O príncipe se sentia meio atônito e confuso com o comportamento de sua esposa. Sua cabeça estava em turbilhão, se bem que isso talvez pudesse ser atribuído à bebida. Foi muita cerveja, e enquanto ele observava a mulher dançar com entusiasmo com Sonhador no meio da taverna, ele se deu conta de que ela não apenas podia montar melhor que ele. Podia beber mais que ele também.

Estava quente e úmido no bar e, apesar de ser apenas o início da tarde quando chegaram, agora estava escuro lá fora. O dia terminara cumprindo as promessas do amanhecer e dera a eles o resto do verão, mas isso também significava que homens que passaram horas suando no calor de assar agora estavam atulhando o pequeno ambiente. Havia um violinista no canto tocando furiosamente, e vários casais se juntaram ao anão e à princesa, dançando, girando uns aos outros para um lado e para outro em um frenesi desajeitado e entusiasmado demais. O príncipe podia sentir seu cabelo se encaracolar com a umidade e tomou outro gole de cerveja. O tempo passado com os anões o

acostumara ao sabor amargo, mas ele ansiava pelos vinhos finos de casa. Jantares elegantes. Danças corteses.

A festa começou quando Branca de Neve tomou sua terceira cerveja em uma disputa com dois mercadores para ver quem bebia mais, e exigiu que ambos dançassem com ela como prêmio. Eles ficaram, claro, animadíssimos, e o príncipe não teve alternativa além de acenar para eles com a cabeça em aprovação. Depois disso, toda a taverna foi contaminada pela energia dela. Logo, toda a cidade sabia que lá estava acontecendo uma comemoração, e mais gente apareceu para a festa. Isso tinha sido horas antes, e agora a noite havia caído lá fora, mas os dançarinos não davam nenhum sinal de que estavam perdendo o ânimo. Ele desejou que perdessem. Odiava o modo como sua camisa grudava na pele e, acima de tudo, odiava o modo como a camisa de sua jovem esposa se grudava nela, de modo que todos os homens ali podiam ver os contornos do seu corpo. Por que, afinal, ela estava usando uma camisa de homem?

— Temos de partir logo.

O príncipe olhou para baixo e viu Carrancudo de pé ao seu lado.

— E vocês dois deviam ir para seu leito nupcial.

— Minha noiva não parece muito ansiosa — disse o príncipe. — Está mais interessada em dançar e beber.

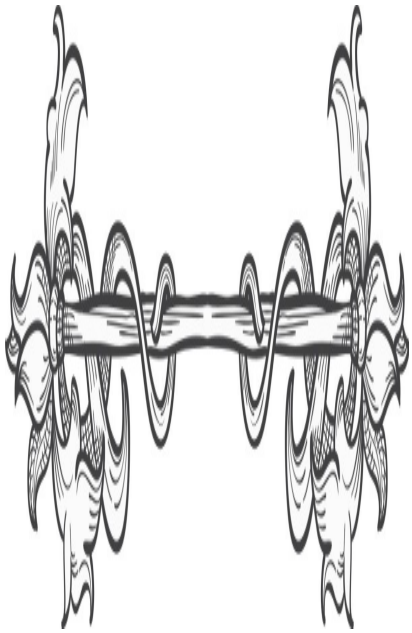
— Bem, ela sempre adorou as duas coisas, é verdade. Mas ela também passou por coisas terríveis. Parece um pouco mais selvagem que o normal, não posso negar, mas o que você poderia esperar, não é mesmo? E é o dia do seu casamento. A felicidade e esse espírito selvagem sempre andaram juntos com Branca de Neve. — Ele deu um tapinha de leve no braço do príncipe. — Não se preocupe, ela pode agir com serenidade e como uma dama quando necessário. Isso só não é algo natural nela.

— Ela... ela não é como Sonhador a descreveu. Quando estava no caixão de vidro. Quando conversávamos sobre ela.

— Ha! — desdenhou Carrancudo. — Por que acha que nós o chamamos de Sonhador? Ele vive nos livros de história. Talvez pensar nela como realmente é fosse doloroso demais. — O anão fez uma pausa. — Mas ela é a pessoa mais bela e bondosa que conheci. Veja a alegria que inspira em estranhos. É um dom raro a habilidade de fazer as pessoas sorrirem. Ela vai fazê-lo muito feliz.

O príncipe observava sua bela esposa dançar enquanto as pessoas a aplaudiam.

— É. Ela vai, sim — disse ele. — Vai, sim.



Era tarde quando se despediram dos anões e foram para o quarto. Todo o bom humor de Branca de Neve se transformou em lágrimas quando deu um abraço apertado de despedida em cada um dos dois, e ela insistiu em observar até bem depois que eles haviam desaparecido na noite. Ele tomou sua mão e a conduziu para o quarto no andar de cima onde apenas a abraçou um pouco enquanto ela chorava, e viu que suas lágrimas eram uma espécie de alívio. Ela estava completamente indefesa e impotente, com o rosto aninhado em seu peito. Ele voltou a se sentir como um príncipe. O homem que a salvara da prisão, que a retirara do caixão. Ela era sua princesa perfeita. O hálito dela estava quente em seu pescoço e os seios fartos estavam apertados contra o peito dele. Seu coração se acelerou e ele engoliu em seco conforme era tomado pelo desejo e sentia o calor encher seu corpo. Imaginara aquele momento tantas vezes antes e agora ele tinha chegado.

Ele já tivera sua cota de criadas e até várias damas da corte em sua terra, mas nunca desejara nem ansiara tanto por uma mulher quanto Branca de Neve. Tinha estudado as curvas de seu corpo enquanto ela jazia no caixão de vidro e sonhara em tocá-la e senti-la reagir embaixo dele. Sua respiração ficou entrecortada, e a dela se acalmou quando ele se enrijeceu contra ela, que finalmente ergueu os olhos para ele.

— Não se preocupe — disse ele. — Não vou machucar você.

— Eu vou er... — Ela hesitou. — Me aprontar. Tem um lugar para me lavar no corredor.

Ele pôs um dedo sobre os lábios dela, sem querer macular aquele momento

com conversas sobre higiene e suor humano. Aquilo era para desejos comuns e criados, não para um príncipe e sua princesa. Ele a beijou e, apesar da cerveja e da carne assada que ela tinha devorado com tamanho entusiasmo a noite inteira, seu sabor ainda era doce, e sua boca continuava quente, úmida e convidativa.

Ela apanhou a camisola que ele tinha comprado e, quando saiu do quarto, ele se despiu rapidamente e se lavou com a água da jarra e da bacia sobre a mesinha. Estava muito gelada e o fez tremer, mas nem mesmo um oceano congelado inteiro seria capaz de arrefecer seu desejo. Ele latejava com a ideia de possuí-la. Suas reservas em relação a seu comportamento selvagem foram esquecidas enquanto pensava em seu corpo perfeito. Não havia princesa tão bela em nenhum dos reinos. De repente, uma memória sombria passou por sua mente e o fez perder o vigor. A aventura tinha terminado e, por pior que tivesse sido, o levara àquela conclusão feliz. Ele estava casado. Ele iria unificar os reinos. Seu pai teria aço nas terras e manteria os inimigos a distância; ele e Branca de Neve viveriam felizes para sempre e produziriam herdeiros capazes e saudáveis. Não cedo demais, esperava. Já tinha visto como o corpo das mulheres mudava rapidamente depois de ter filhos e ele queria desfrutar da esposa o máximo possível antes de se estabelecerem em uma convivência doméstica e ele voltasse a se aliviar com uma amante. Ele não estava se enganando que não haveria outras mulheres. Alguns de seus desejos eram mais sórdidos que outros, e ele não imaginava tratar Branca de Neve daquela maneira, mas ela era bonita e ele queria fazer amor com ela por muitos anos ainda.

Branca de Neve. Pureza. Perfeição. Ele nem sabia seu nome verdadeiro. Nem queria. Apagou as velas pelo quarto, deixando apenas o brilho vermelho do fogo que crepitava e aos poucos morria na lareira. Ele deslizou para baixo dos lençóis e esperou, apoiado em um braço e com o coração batendo forte em antecipação.

Depois do que pareceu uma eternidade, ela finalmente voltou. O tecido liso e macio grudava em torno de suas pernas enquanto caminhava na direção da cama, sugerindo o que estava oculto por baixo. Ele se perguntou se estaria nervosa. Seus olhos negros eram como carvões na penumbra e eles nada entregavam. Seus cabelos caíam soltos e densos sobre os ombros.

— Venha para a cama — disse ele. Sua voz gaguejou de leve. Por mais estranho que tivesse achado o comportamento dela, não tinha a menor dúvida de que a queria. Puxou os lençóis para trás, mas ela não se moveu. — Não fique nervosa.

— Não estou — disse ela, e suas mãos foram para o tecido em sua nuca e desfizeram os laços delicados que havia ali. A camisola deslizou de seu corpo e flutuou até o chão como se feita de um tecido quase etéreo. Ela cambaleou

levemente, uma flor soprada pela brisa, e ele se deu conta de que ela ainda estava um pouco bêbada. Será que ela tinha precisado beber porque estava nervosa? Será que tinha sido por isso? Ela se aproximou e saiu da sombra para a luz do fogo. Ele esperava que ela entrasse na cama ainda vestida, meio que esperava que a roupa ficasse meio vestida nela durante o ato, principalmente na primeira vez. Mas, em vez disso, ela estava de pé diante dele em toda a glória de sua nudez. Ele não conseguia desviar o olhar. A pele dela era suave, e seus seios eram fartos e firmes, com mamilos generosos rosa-escuros eretos no ar frio da noite. Generosos. Apesar do corpo esguio, generosa era o adjetivo que se adequava melhor à sua nudez. Generosa. Luxuriante. Decadente. A cabeça dela pendeu levemente para a frente, os cabelos caíram sobre o rosto e ela abriu e estendeu os braços girando lentamente.

— O que acha da sua princesa? — Ela olhou para ele por cima do ombro, os lábios cheios levemente entreabertos e os olhos desafiadores por trás dos cabelos.

— Eu gosto muito dela — disse ele. As nádegas de Branca de Neve eram redondas e firmes. Seus testículos chegavam a doer e ele latejava com o desejo de senti-la por dentro, cavalgá-la como ela tinha feito com aquele garanhão. *Domá-la*. — Agora venha para a cama.

— Diga “por favor” — ronronou.

Aquilo não era mesmo o que ele havia esperado. Onde estava sua noiva nervosa? Por que de repente ele sentiu como se fosse ele quem estivesse sendo seduzido? Ele era o príncipe, o guerreiro; tinha enfrentado coisas que nenhum homem jamais deveria ver, mas de repente se sentiu fraco. A boca secou conforme era tomado pela luxúria.

— Por favor. — As palavras foram pouco mais que um sussurro.

Ela sorriu, como um gato que comeu o canário, e foi para a cama de quatro, engatinhando na direção dele. Ele estendeu os braços e a puxou para perto, com uma das mãos em seus cabelos e a boca buscando a dela. Sua língua dançava com a dele, e o ar se enchia com seus hálitos quentes. Buscou seus seios com a mão, sentiu seu peso quente e girou os mamilos com força na ponta dos dedos. Ela deu um gemido suave e mordeu o lábio dele. Ele levou um susto e naquele instante ela o empurrou e afastou, deixando apenas o ar acariciando a pele dele.

— O que você...? — A pergunta desapareceu quando a língua dela começou a descer por seu peito e chegou aos pelos ásperos abaixo do umbigo. Os cabelos densos e macios seguiram sua boca como penas sobre a pele dele. Ele não podia aguentar. Ia explodir.

A língua dela tocou a ponta de sua ereção, e ele levou outro susto. Estendeu a mão até seus cabelos para puxar a boca para perto dele, mas ela foi em frente e

sua boca explorou mais embaixo, passando por sua virilha. O que ela estava fazendo? Como? Seu corpo foi tomado por sensações que mandavam impulsos elétricos para cada uma de suas extremidades e então, quando ele achava que seu prazer não podia mais ser provocado, ela o tomou na boca.

Não conseguiu pensar em mais nada enquanto ela enfiava seu membro fundo na garganta, com a língua subindo e descendo por todo o comprimento enquanto a boca molhada o envolvia. Ele ficou ainda mais duro, com os testículos contraídos. Tinha passado muito tempo. Ele não ia mais aguentar.

Ela o soltou e montou nele de joelhos, uma visão de beleza terrena e animal. Ela não era uma princesa perfeita, ele agora sabia disso. Não sabia exatamente o que era aquela criatura à sua frente. Que tipo de família real era aquela em que o tesouro do rei, sua filha única, podia aprender tais truques que nunca surgiam antes do leito nupcial e ainda assim eram mais do agrado de meretrizes que de damas?

Ele a agarrou pelos quadris. Queria puxar com força seu corpo para baixo sobre ele.

— Não — disse ela. Sua voz era um murmúrio rouco, um lobo na floresta. Ela o empurrou de volta na cama. — Primeiro é a sua vez.

Sua língua mergulhou brevemente na boca dele e ela lhe lançou um sorriso rápido e provocante, então subiu mais sobre seu corpo e pôs as pernas em torno de sua cabeça. Gemia enquanto se empurrava contra a língua dele, que ficou enlouquecido com seu sabor inebriante e almiscarado. Olhou para cima enquanto ela ficava mais molhada e quente em sua boca. Uma das mãos segurou a cabeceira e a outra provocava um mamilo de seus seios perfeitos. A cabeça dela estava jogada para trás enquanto o cavalgava, perdida nos próprios pensamentos. Ela era uma estranha. Alguém que ele não conhecia. Ele enfiou a língua mais fundo e a sentiu se contrair, e os músculos firmes de suas coxas se apertarem ao seu redor. Ela arfava, alto e sem pudor, se aproximando do clímax.

Ela o estava montando. De repente ele pensou nisso, e sua paixão, raiva e confusão giraram em um mesmo movimento. Tirou-a de cima dele e rolou sobre ela, cujos olhos, ainda perdidos de luxúria, se arregalaram com a surpresa. Ele a segurou na cama com os braços prendendo os dela e penetrou-a com força, esperando o momento em que repentinamente cedesse. Nada aconteceu, além do calor apertado, da umidade e de um movimento para cima vindo de baixo dele. Ele enfiou a cabeça nos cabelos dela e a fodeu com força, até finalmente explodir dentro dela, gritando com o gozo.

Ficaram deitados lado a lado na escuridão que aumentava enquanto o suor esfriava sobre a pele. O príncipe não a puxou para perto, nem ela se mexeu. Só havia o ruído de suas respirações desacelerando e o bater de asas na janela lá

fora.

— Deve ser uma coruja — disse por fim Branca de Neve. Sua voz era delicada e suave. Culpada. Ele girou para seu lado, de costas para ela, e ficou olhando fixamente para o escuro. Cerrou os dentes. Por que mulheres sempre tinham de ser falsas? Por que nunca podiam ser o que pareciam?

— Olhe, eu... — A cama rangeu quando ela se virou para encarar suas costas.

— Não foi sua primeira vez. — Não era uma pergunta. Ele sabia muito bem. Era óbvio depois de tudo o que ela tinha feito. Ele tinha sido enganado.

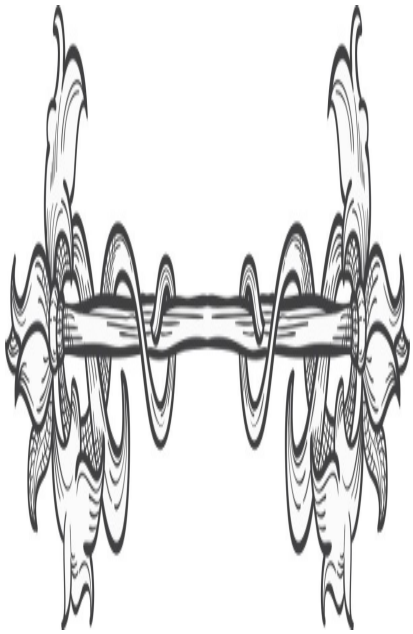
— Não é como... houve apenas... não foi como está pensando...

Ele não se moveu. Também não falou, e o silêncio tornou-se interminável. Ele fechou, apertou os olhos e desejou pegar no sono.

— Sinto muito — disse ela, por fim, e virou para o outro lado, se encolhendo com os joelhos junto ao queixo.

O ar entre eles estava frio; alguns centímetros que tinham a vastidão de um oceano. Como tudo tinha chegado àquele ponto tão rapidamente? E por que aquele anão idiota não tinha simplesmente contado a verdade sobre ela? Será que ele a amaria de qualquer modo se ela não tivesse sido um choque tão grande?

O que o pai dele ia dizer?



Pela manhã, ele tinha tomado uma decisão.

Depois de uma hora de sono intermitente, ele acordou e a viu deitada a seu

lado a observá-lo, com os cabelos escuros jogados sobre o travesseiro às suas costas. Como sempre, por um instante, ele se perdeu em sua beleza.

— Andei pensando — disse ela, que mordia de leve o lábio de rosa em botão, com os dentes brancos perfeitos. — Podíamos simplesmente fingir que nunca nos casamos. Eu ia entender e não diria nada. Posso voltar para os anões. Ou algum outro lugar. Você pode voltar para seu reino. Ninguém jamais vai precisar saber. Eu devia ter dito...

Ele estendeu a mão, acariciou o rosto dela, se inclinou para a frente e a beijou.

— Está tudo bem.

— Mas você...

— Eu disse que está tudo bem. — Ele se aproximou e puxou o corpo perfeito para junto do dele. — Você é tão linda — murmurou enquanto percebia sua reação ao senti-la. — Tão perfeita. Eu nunca poderia deixá-la ir.

Ele a puxou para baixo dele, assumindo o controle, e quando ela tentou falar, foi silenciada por sua boca na dela. Ela era sua princesa. Era *dele*. E ia continuar assim.



CAPÍTULO 11

O vinho nunca resolveu os problemas de ninguém

O corvo tinha voado a noite inteira e, apesar de ser manhã, o castelo ainda estava envolto em escuridão por causa das nuvens negras de chuva que pairavam sobre a terra. Velas tremeluziam aqui e ali no escuro, e quando o vento e a chuva penetravam pelas janelas abertas, suas chamas se apagavam uma por uma.

Lilith estava com frio, mas não se importava. Um fogo quente queimava por dentro enquanto estava sentada em seu trono solitário, com o queixo apoiado nos joelhos, e olhava para os espelhos pequenos que relatavam tudo o que o pássaro tinha visto. Ela viu tudo repetidas vezes. Branca de Neve e o belo príncipe na cama. Viva e respirando. Ainda estava apertando com força a taça de vinho nas mãos. Se sua bisavó ainda estivesse ali, ela a teria censurado e a tomado dela. Vinho de manhã não era bom para reis nem para pobres, diria ela. O vinho nunca resolveu os problemas de ninguém. Tome leite em vez disso. Ela bebeu mais um gole. Sua cabeça flutuava.

O vento uivava lá fora, e com ele a chuva vergastava o piso de mármore da torre enquanto trovões rugiam no céu, e no batente da janela o corvo tremia. Ela estalou os dedos e as imagens pararam. O corvo voou e foi embora, por enquanto livre de seu feitiço. Ela tinha visto o bastante. Tinha visto demais.

Ela se levantou, com as pernas rígidas e doendo, e seguiu para o quartinho nos fundos. Sua cabeça estava uma confusão de pensamentos bêbados, e enquanto pensava mais uma vez em Branca de Neve e o príncipe vivendo tamanha paixão carnal naquela estalagem barata do campo, um relâmpago brilhou forte. A torre estava no olho da tempestade. A rainha *era* o olho da tempestade.

Enquanto tocava e acariciava seus objetos mágicos, na esperança de encontrar alguma calma neles, ficou com raiva da própria estupidez. Ela tinha ido àquela cabana de anões. Ela reconheceu o homenzinho que o corvo lhe mostrara parado na igreja enquanto Branca de Neve se casava com seu príncipe fracote. O anão mentira na cara dela, e ela tinha acreditado. Ela achou que o medo que sentiam dela superaria o amor que sentiam por Branca de Neve, mas tinha se enganado novamente. Os sapatinhos de diamante cintilavam sobre uma almofada de veludo vermelho. Onde estaria o caçador agora, ela se perguntou. Morto na floresta? Devorado por uma coruja? Será que a beleza de Branca de Neve tinha valido o preço que ele pagara?

No canto, o armário se abriu um pouco e, ao ouvir isso, os ombros de Lilith se curvaram. Ela não precisava daquilo. Não naquela hora. Ela não se virou para ver o rosto que, ela sabia, a estaria encarando de volta, porém bebeu mais vinho. Estava ficando bêbada, ela sabia. Mas estar bêbada era bom.

— *Branca de Neve é realmente a mais bela da terra.*

Ela o ignorou, ouvindo em vez disso a fúria da tempestade e a batida pesada da chuva. Então Branca de Neve tinha despertado pelo beijo do verdadeiro amor. Ela quase riu. Boa sorte para eles. Se ela não podia ver o príncipe como realmente era, então era tão tola quanto bela. Ele era mimado e vaidoso. Isso ficou claro com o que o corvo tinha mostrado a ela. Talvez ele fosse exatamente o que Branca de Neve merecesse.

A garota finalmente tinha ido embora — isso era tudo o que importava.

Ela bebeu mais vinho.

Tudo o que ela queria era o coração dela.



CAPÍTULO 12

Se vai fazer você feliz...

Não estava tão quente quanto na véspera e havia leves indícios de chuva no ar desagradavelmente úmido, mas ainda fazia calor na aldeia; o príncipe deixara Branca de Neve tomando banho enquanto foi buscar algo para seu desjejum. Ele sorria, sem conseguir conter a felicidade. Hoje voltaria para casa. Parecia que estava longe havia uma eternidade e houvera momentos sinistros em que achou que talvez sua vida anterior tivesse sido simplesmente um sonho. Tudo deveria ter sido uma aventura. Algo para provar ao pai que era um homem de verdade, mas a aventura tinha se transformado em pesadelo e ele tinha tido sorte de escapar com vida.

Ele se perguntou o que havia acontecido com seu companheiro, seu guia, mas havia certo alívio que ele não estivesse voltando para casa com ele. Sozinho, o príncipe poderia reescrever as histórias que tinha de contar sem medo da vergonha de alguém descobrir a verdade. Não que seu companheiro fosse contar qualquer coisa, era homem de poucas palavras, mas havia certa *honra* nele que teria deixado o príncipe envergonhado de suas mentiras necessárias. A história teria de mudar. Ele era o príncipe, afinal de contas. E o príncipe sempre

era o herói.

Perambulou pelo mercado movimentado e comprou pão, frutas e alguns frios. Em seguida foi até a cozinha da estalagem e pagou à cozinheira, uma senhora verruguenta mas muito simpática chamada Maddy, para terminar o que fosse necessário e preparar uma bandeja. Ele a deixou com instruções para mandar entregá-la no quarto deles só quando tudo estivesse pronto. Não havia pressa. Ele queria que sua princesa desfrutasse a manhã.

Branca de Neve ainda estava no banho quando ele voltou. Podia ouvi-la cantar quando passou pela sala de banho. Ela parecia feliz, e ele ficou contente com isso. Queria que ela fosse feliz. Ela o fazia feliz. Ela *iria* fazê-lo — feliz.

Havia rosas no vaso no batente da janela. Ele arrancou as pétalas dos caules e as espalhou pelo chão e pela cama. Não havia tantas quanto haveria para uma noiva em sua casa, o chão do palácio se transformaria em um mar de pétalas, macias e perfumadas que encheriam o quarto de perfume, mas aquilo era melhor que nada. Pegou em um cabide no guarda-roupa o vestido branco e rosa que os anões haviam comprado para ela e o colocou sobre a cama. Ela, afinal de contas, estava com aquele vestido quando se conheceram e ele queria que ela o usasse quando chegassem à sua cidade.

Sentiu um aperto no coração de tanto amor por ela e deu um sorriso. Não conseguiu evitar. Ele a aguardava com impaciência.

Finalmente a porta abriu e ela surgiu envolta em um robe fino que grudava na pele quente e molhada. A água quente tinha deixado marcas avermelhadas em seu rosto que reluziam molhadas, e o cabelo estava enrolado desalinhadamente em um coque no alto da cabeça. Ela fez uma pausa ao perceber as pétalas sob os pés.

— Isso é muito carinhoso — disse ela. — Obrigada.

Ele podia perceber a cautela ainda em seus olhos após a reação fria dele na noite anterior, mas aquilo logo ia passar.

— Procurei mais flores no mercado, mas não havia nenhuma boa o bastante para você.

— Ah, tenho certeza de que não é verdade.

— Sim, é.

Ela corou de leve e então viu o vestido sobre a cama.

— Você quer que eu vista esse? Achei que ia querer algo mais elegante. Sabe, para conhecer seu pai. Ele é bonito, mas não é, imagino, o tipo de coisa usado pelas damas em seu castelo. — Ela o ergueu diante do corpo. — E eu nem quis dizer ao Sonhador, mas na verdade detesto rosa. Será que podemos voltar à costureira e ver se há alguma outra coisa? — Ela tornou a morder o lábio inferior. — Só quero causar boa impressão.

Ela estava nervosa por causa dele, ele bem sabia. Depois da estranheza da noite anterior, ele até esperava isso.

— Mas era isso que você estava usando quando nos conhecemos. Quando eu a beijei pela primeira vez. — Ele deu um sorriso. — E é isso que vou dizer a meu pai quando contar a ele o que aconteceu com você. — Ele se aproximou dela e a beijou na fronte pálida e lisa. — Por mim? Por favor?

— Está bem. — Ela sorriu e deu de ombros. — Se vai fazer você feliz...

— Vai. — O coração dele batia rápido. — Vai, sim.

Ele se virou de costas e deixou que ela se vestisse sem incomodar seu recato, apesar de ela parecer não ter problemas em tirar a roupa em frente a ele, chegando mesmo a rir um pouco das boas maneiras dele após tudo o que já haviam feito juntos. Ela não entendia, é claro. Ele não queria vê-la daquela maneira mundana e barata. Queria sua princesa de volta.

— Desjejum, senhor? — A voz veio do outro lado da porta, e ele a abriu. O ajudante de cozinha estava ali parado, um rapaz de uns 14 anos, mais ou menos. Ele encarou Branca de Neve com uma mistura de desejo e espanto, mas a noiva do príncipe não percebeu a impropriedade daquilo e simplesmente sorriu de volta para ele.

— Obrigada — disse ela. — Estou faminta.

— Apenas deixe sobre a cama.

— Sim, senhor. — A bandeja continha um copo de suco e um prato com pão quente, geleia e fatias de frios e queijo. Depois que o garoto saiu e fechou a porta, lançando um olhar anelante para a princesa, Branca de Neve franziu o cenho.

— Você não quer nada?

— Comi no mercado. Queria provar tudo e garantir que estivesse bom o bastante.

Ela riu de novo.

— Você vai aprender que não tenho paladares muito refinados. Gosto de coisas simples. Sempre gostei. Elas são mais reais, não são?

Ela apertou os laços do corpete e depois se sentou na beira da cama.

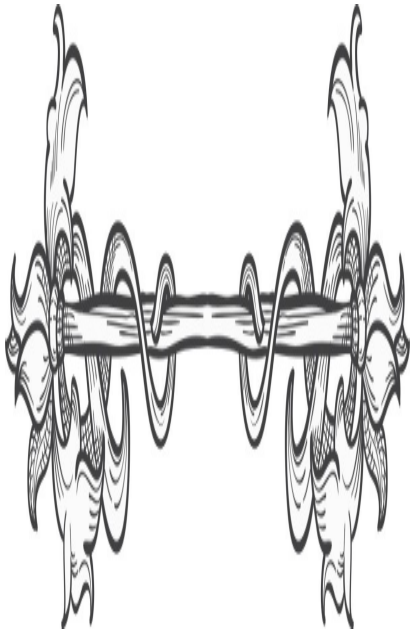
— Parece delicioso. — Ela tornou a sorrir para ele, finalmente com olhos carinhosos e reluzentes. — Obrigada por tudo. Por ser tão bom. E compreensivo. Você não precisava fazer isso. Vou ser uma boa esposa para você. Prometo.

— Vai ser perfeita — disse ele, e observou enquanto ela levava o copo aos lábios. Devia haver algo em sua expressão, uma urgência ou fome repentina, porque logo antes de o líquido cair em sua garganta, os olhos dela se arregalaram em pânico repentino e viraram para o lado. Ele sabia para onde ela estava olhando. Sua bolsa de dinheiro. Estava na cama, magra e vazia. A maçã havia

sumido. Espremida em seu copo. Ela olhou de volta para ele com o brilho violeta nos olhos substituído por uma tristeza terrível, então o copo caiu de sua mão e derramou seu conteúdo amaldiçoado nas tábuas do chão, que o sugaram com avidez. Ela caiu de costas na cama.

Ele chutou o copo para baixo da cama e depois aproximou o rosto do dela. Não saía respiração daqueles lábios perfeitos de rosa em botão. Os olhos dela estavam vidrados e imóveis, olhando para o nada e o tudo. Ele acariciou seu rosto que esfriava. A maçã tinha terminado. E dessa vez não havia um pedaço preso em sua garganta que pudesse se soltar. Ele se assegurou disso ao pedir à cozinheira que preparasse um suco com ela.

— Olá de novo, querida — murmurou ele, prendendo uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. — Senti sua falta.



As multidões deram vivas com a volta do príncipe. Muitos imaginavam que estivesse morto, e sua chegada repentina trouxe alegria ao reino, com as ruas se enchendo de música, risos e bandeiras altas tremulantes. O príncipe tinha esperado fora dos muros da cidade até que uma mensagem fosse enviada ao castelo para que os homens do rei tivessem tempo de organizar seu desfile. Ele não tinha intenção de voltar e mal ser notado. Não depois de tudo pelo que tinha passado. Ele era um herói que voltava para casa. Tinha uma cicatriz para provar isso.

Ele acenava para o povo enquanto passava pelas ruas, montado altivo e

orgulhoso em seu novo corcel. Atrás dele, alguns metros atrás e escondido em segurança de olhos curiosos, um criado seguia com a carroça e instruções bem claras para não olhar sob o cobertor. O príncipe saberia se ele fizesse aquilo. Ele veria em seus olhos. Se fosse o caso, cuidaria dele como fosse necessário. Suas viagens o haviam deixado menos melindroso. Pensou nos anões e na recompensa que tinha prometido a eles. Ele também tinha confiado neles com muita facilidade. Engoliu a raiva repentina que surgiu em seu interior e se abaixou para beijar uma camponesa que abrira caminho até a frente da multidão. Ela quase desmaiou quando ele apertou os lábios contra os seus e depois os retirou, e o rosto dela brilhou de excitação. Ele ergueu os olhos para as casas maiores que se alinhavam nas ruas mais perto do castelo. Nas sacadas, moças ricamente vestidas acenavam para ele com lenços combinando com os vestidos e lançavam olhares de flerte por cima dos leques que cobriam parcialmente seus rostos.

Era bom estar em casa. Ele *ia* mandar algo de volta para os anões. Eles tinham merecido. Mas não seria dinheiro ou joias. Seria a lâmina de um assassino. Eles o haviam enganado. Tinham lhe entregado um produto com defeito. Tudo podia ter acabado bem, mas não por nenhuma atitude da parte deles. E o príncipe não gostava de ser feito de bobo.

Um pouco adiante, a multidão gritava mais alto, e ele viu que a mãe e o pai tinham saído até a varanda do castelo para recebê-lo. Ele ergueu a mão para saudá-los, e o pai respondeu o aceno. As pessoas estavam quase em êxtase. O príncipe se virou e gesticulou com a cabeça para um soldado atrás dele trazer o garanhão negro. O animal não estava totalmente domado e sob controle como estava sua última dona, mas isso não importava mais.

O garanhão seria um presente excelente para o rei.



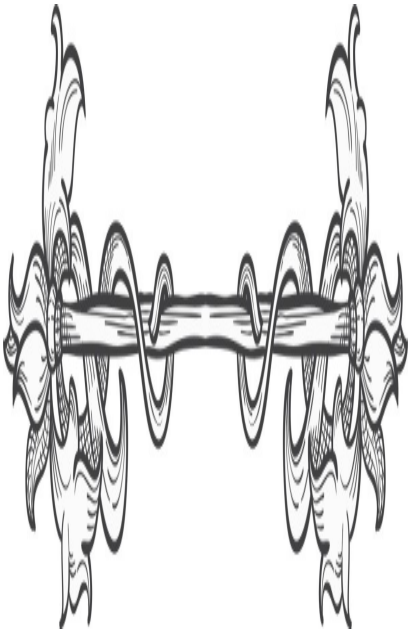
Epílogo

O ratinho tinha perdido o bando de viajantes na floresta. Não tinha conseguido acompanhá-los por mais rápido que suas perninhas o levassem. Ele se levantou nas patas de trás e cheirou o ar, com os bigodes se remexendo de um lado para outro. Muitos odores chegavam até ele, que ainda não conseguia diferenciá-los.

Ele corria de moita para moita, mantendo-se perto do chão na esperança de evitar a atenção de pássaros famintos que enchiam os céus noturnos, piando e chamando uns aos outros enquanto caçavam. Desde que garras haviam rasgado sua pele na primeira noite depois de ser enfeitiçado, ele tinha aprendido a ficar menor, quase invisível. Era o modo mais seguro. Agora, porém, ele estava quase em pânico. Sabia que os limites da floresta deviam estar perto, mas tinha certeza de que girava em círculos. Tinha havido muitas mudanças, mudanças demais para que conseguisse lidar com elas, e quando despertou sob uma pilha de folhas perto do acampamento e descobriu que Branca de Neve e os anões tinham partido, ele quase desistira de tudo. Ela era sua salvação, ele tinha certeza disso. Só ela podia ver além de seu exterior enfeitiçado. Só ela talvez pudesse convencer a rainha a reverter sua situação.

Ele estava cansado e queria dormir até o amanhecer, mas se esforçou e seguiu em frente. Parar seria admitir a derrota, e ele não podia fazer isso. De repente, uma coisa branca brilhou na trilha à sua frente. Ele tremeu e se

aproximou, com o pequeno focinho se movendo sem parar. Pão. Era pão. Ele roeu um cantinho e era denso e fresco. Seus olhinhos negros brilharam quando olhou para a frente. Viu outro pedaço cerca de três metros adiante. Correu até lá, com pés silenciosos sobre o chão da floresta. Mais adiante, outro. Seu coração se encheu de esperança. Uma trilha de migalhas de pão. Ele correu de volta para a segurança das folhas caídas, mas seguiu a trilha que alguém deixara para ele e que finalmente o levaria para o limite da floresta. Uma nova aventura estava apenas começando.



Finalmente de volta à sua casa, a velhinha encarquilhada enfiou os pés, uma massa de calos e joanetes, em um balde de água morna enquanto se sentava perto do fogo. Os últimos dias tinham sido longos, mas ela sorriu satisfeita. Tinha sido bom sair. Ela se divertiu interferindo um pouco nos negócios do mundo. Isso a fez se sentir viva outra vez. Fazia muitos anos desde a última vez que se aventurara fora da floresta, e isso tinha sido revigorante. E sempre era bom ver Lilith. Lilith com o mesmo leve ceceio que tinha tantos anos antes.

Deixou que seus ossos velhos se assentassem e estalassem ao se encostar na cadeira e ficou vendo as chamas dançarem. A casa estava fria quando ela voltou, mas logo ia esquentar. O fogão grande estava novamente aceso e logo sua cabana estaria quentinha como pão de novo. Sim, tinha sido bom sair, mas era sempre delicioso estar em casa.

Ela pensou nas migalhas de pão deixadas para o ratinho. Ele ia encontrá-las.

Tinha certeza disso. Também deixara migalhas por todo o caminho até sua casa. Ela nem sabia ao certo o motivo, achava que simplesmente não tinha mais nada a fazer com o pão. Ela nunca se dera bem com pão, só gostava do seu cheiro ao assar. Sempre que comia, ficava com gazes.

Ela cochilou um pouco e então, quando o fogo começou a diminuir, se levantou para fechar as cortinas.

E lá estavam elas.

Duas crianças.

— Veja, veja! As migalhas nos trouxeram para cá!

— Será que essa cerca é feita de chocolate?

Risadas. Sussurros.

Ela se encurvou bastante. Assumiu uma aparência frágil e se preparou para visitas. Estava feliz e espiou por uma abertura nas cortinas. Um menino e uma menina. Não muito novos nem muito velhos. E o garotinho com certeza era gordinho. Ela sorriu e ficou com água na boca. Tinha acabado de ganhar um lauto jantar.

FIM



Agradecimentos

Primeiro, um grande muito obrigada a Gillian Redfearn, meu editor, e também agradeço a Simon Spanton, Jon Weir e o resto da turma da Gollancz por seu trabalho duro e, sempre, pela companhia para beber.

Obrigada também, como sempre, a minha agente Veronique Baxter.



Leia aqui o primeiro
capítulo do livro

Feitiço

Em breve
nas livrarias



CAPÍTULO 1

Era uma vez...

O inverno tinha chegado cedo. Seu hálito causticante arrancou as folhas das árvores antes mesmo que tivessem ficado secas e douradas, e apesar de ainda faltar um mês para o Ano-Novo, a cidade já estava coberta de branco havia várias semanas. O gelo acumulado nas janelas cintilava, e o chão congelado, especialmente no início do amanhecer, ficava completamente escorregadio. Só nos dias em que o céu ficava limpo e azul, em um momento de trégua do cinza que pairava como uma mortalha sobre o reino, era possível ver o pico do Monte Ermo. Mas na verdade, ninguém procurava por ele até a primavera. O inverno tinha chegado, e sua força manteria as pessoas de cabeça baixa até que o gelo derretesse. Não era a estação para aventuras ou explorações.

Como acontecia em todos os reinos, a floresta ficava entre a cidade e a montanha. Era um mar de branco sob uma cobertura de neve. E depois de passar pelos primeiros esqueletos sôfregos das árvores emaciadas pelo frio em seus limites, virava uma mata fechada e escura. De vez em quando, em noites silenciosas, ouviam-se os uivos dos lobos de inverno chamando uns aos outros em suas caçadas.

O homem mantinha a cabeça baixa e o cachecol por cima do nariz enquanto ia de poste em poste pregando as folhas de papel à madeira fria. Tinha sido uma

noite especialmente gelada, e apesar de estar quase na hora do desjejum, o céu ainda estava azul como à meia-noite. Seu hálito saía tão cristalino dos pulmões que ele quase podia acreditar que era poeira de fadas. Ele ia apressado de um poste de iluminação ao seguinte, ansioso para terminar logo, voltar para casa e ficar diante de uma lareira quente.

Ele parou no fim daquela rua cheia de casas e tirou uma folha de papel da pilha, agora piedosamente pequena, que levava embaixo do braço e começou a pregá-la ao poste. Para saber o que diziam, os moradores mandariam suas criadas, pois, apesar de essas casas não serem suntuosas como as mais próximas ao castelo, ainda eram de uma classe média respeitável, onde vivia o coração da cidade: os mercadores e negociantes que mantinham o populacho empregado e vivo, para saber as últimas notícias sobre as pessoas comuns. Elas seriam discutidas depois que os pregoeiros do reino passassem anunciando as notícias da corte.

Apesar de usar luvas de lã, que tinham os dedos cortados para não atrapalhar a habilidade manual, depois de duas horas no frio, suas extremidades estavam vermelhas, esfoladas e com pouca sensibilidade. Com o prego entre os dedos, pegou o martelo pequeno no bolso, mas o deixou cair no chão. Ele praguejou, murmurando baixinho as palavras, e se debruçou para frente para pegá-lo, o que fez suas costas estalarem.

— Eu apanho para você.

Ele se virou, assustado, e viu um homem ali parado num casaco carmesim vermelho surrado. Ele carregava uma mochila pesada nas costas, e suas botas estavam enlameadas e gastas. Ele não usava cachecol, mas tampouco parecia muito incomodado pelo frio que consumia a cidade, apesar das feridas provocadas pelo inverno em seu rosto. Quando o estranho se agachou, a ponta de um fuso perfurou a bolsa pesada às suas costas, deixando sua extremidade exposta.

— Obrigado.

O estranho observou enquanto ele pregava o papel, e seus olhos examinaram a informação que havia ali.

Criança desaparecida
Lila, a filha do moleiro
Dez anos de idade. Cabelos louros. Vestido xadrez.
Vista pela última vez há dois dias quando saiu para buscar lenha na floresta.

— Isso acontece muito? — A voz do estranho era suave, bem mais do que se poderia esperar de seu exterior endurecido.

— Acho que mais do que devia. — Ele não queria falar muito. Segredos de uma cidade deviam permanecer guardados. Ele deu uma fungada. — É fácil para uma criança se perder na floresta.

— É fácil para uma floresta fazer uma criança se perder — retrucou com delicadeza o estranho. — A floresta se move quando quer, nunca percebeu? E pode fazê-lo girar numa direção diferente e mandar você para onde ela quiser.

O homem se virou para olhar de novo o estranho, desta vez com maior atenção. A sabedoria em seus ossos velhos lhe dizia que havia segredos e histórias guardados naquele tecelão, talvez alguma que nunca devesse ser contada, pois depois que uma história era contada, não podia ser "descontada".

— Se foi um homem quem fez isso, vai pegar a Estrada dos Trolls quando o apanharem, com certeza.

— Estrada dos Trolls? — Os olhos do estranho se estreitaram. — Isso não parece um bom lugar.

— Vamos torcer para que nenhum de nós nunca descubra.

A farpa de desconfiança na voz do homem deve ter ficado clara, porque o estranho sorriu. Tinha dentes muito brancos, que indicavam uma vida que já havia sido muito melhor do que a atual, e seus olhos se enterneceram.

— Não vi nenhuma criança na floresta — disse ele. — Se tivesse visto, eu as teria mandado para casa.

— Veio de muito longe? — perguntou o homem enquanto tornava a guardar o martelo no bolso.

— Estou só de passagem.

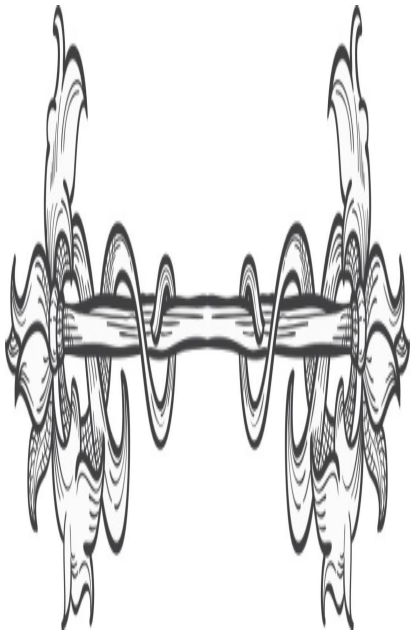
Não era a resposta à pergunta, mas pareceu suficiente, e os dois homens se despediram com acenos de cabeça. Cansado como estava, e com o nariz começando a escorrer de novo, ele observou o estranho caminhar pela rua com seu fuso nas costas. O estranho não olhou para trás, e continuou a caminhar com passos regulares e firmes como se estivesse em uma tarde quente de verão. O homem o observou até virar uma esquina e desaparecer, depois estremeceu. Enquanto ficou parado, o frio penetrou por baixo de suas roupas como um espírito e abriu caminho até seus ossos. De repente, sentiu-se exausto. Era hora de ir para casa.

Ao seu redor, as casas aos poucos ganhavam vida. As cortinas se abriam como pálpebras sonolentas, e aqui e ali alguns candeeiros tremeluziam, principalmente nos andares de baixo onde estavam preparando o fogo e os desjejuns de mingau de aveia quente. Como se tivesse recebido uma deixa, a tranca de uma porta foi destravada, e uma garota magra envolta em um casaco saiu correndo por ela e se agachou ao lado da caixa de carvão com um balde. Mesmo com pouca luz, ele podia ver que os cabelos compridos dela eram de um

ruivo lindo; os tons de folhas de outono e crepúsculos eram capturados em suas madeixas.

O metal fez um ruído alto quando ela pegou os últimos carvões do fundo, e com a pazinha tentava pegar os menores pedacinhos quebrados que podiam estar escondidos nos cantos do recipiente. O que havia no balde mal dava para acender um fogo, e não dos grandes, notou o homem. A menina logo teria de ir até a floresta buscar lenha, com crianças desaparecidas ou não.

Quando ficou de pé, os olhos dos dois se cruzaram rapidamente, e ela lhe deu um meio sorriso em resposta a sua saudação com uma puxadela na boina. Ele se virou e seguiu seu caminho. Ainda tinha cinco avisos para pregar, e o sorriso de uma garota bonita só ia aquecê-lo em parte dessa tarefa.



Cinderela estava de volta em casa e limpava as cinzas da lareira da sala de jantar quando Rose desceu em seu vestido comprido e grosso, com as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos. Cinderela estava vestida, mas ainda não tinha tirado o casaco. A casa não estava muito mais quente do que lá fora, e se eles não começassem logo a acender lareiras e fogões em mais de um aposento, ela ia passar o início da manhã tirando gelo da superfície do leite, e o resto dela lavando tigelas, além de fazer todas as outras tarefas que haviam caído sobre ela nos últimos meses, desde o romance e o casamento de Ivy.

— Está ficando mais frio — disse Rose. Cinderela não respondeu enquanto a irmã — na verdade, filha de sua madrasta — abria as persianas e acendia o

lampião na parede, deixando a chama tão baixa para poupar óleo que ela mal dispersava a escuridão.

— Então, quais são as novidades?

— O que quer dizer com isso? — Cinderela finalmente ergueu os olhos. Seus baldes de cinzas estavam cheios.

— Eu a vi lendo as notícias da manhã — disse Rose, gesticulando com a cabeça na direção do poste de madeira com a folha de papel pregada a ele e se agitando como um peixe fisgado no mar do vento crescente do inverno.

— Outra criança desaparecida. Uma garotinha. — Ela se levantou e tirou a poeira do casaco. O fogo novo na lareira ainda precisava ser montado e aceso, mas ela se esquecera de trazer gravetos da cozinha. Ia ficar cinco minutos sentada ao lado do fogão e se esquentar, antes.

— Alguma coisa precisa ser feita com o que quer que esteja na floresta — murmurou Rose. — Não podemos continuar a perder crianças. E a floresta é o sangue que dá vida à cidade. Quanto mais as pessoas temerem entrar nela, mais fraco fica o reino.

— Podem ser só lobos de inverno.

— Uma praga repentina deles? — O sarcasmo de Rose estava claro no tom de voz e no olhar rápido que deu na direção de Cinderela. —Não são lobos. Eles podem ser cruéis e violentos, mas não assim. E, sem querer ser indelicada, se fossem lobos, pelo menos alguns restos seriam encontrados. Essas crianças estão desaparecendo completamente.

— Talvez elas apareçam. — Cinderela já estava bem cansada sem ter de ouvir mais um dos discursos inflamados de Rose. Já tinha posto o mingau de aveia no fogo, o pão fermentado no forno e, depois do desjejum, ainda teria de descascar as batatas e os legumes antes mesmo de conseguir se lavar.

— Claro que não vão. Aí teremos uma geração inteira que vai crescer com medo de ir à floresta, e uma sociedade ainda mais marcada pela desconfiança. Se o rei não agir logo, vai perder o amor de seu povo. Ele precisa de uma presença visível de soldados ou guardas nos limites da floresta. No mínimo isso.

Linhas tensas se formaram em torno de sua boca e entre seus olhos, e Cinderela achou que elas faziam Rose parecer mais velha que seus 25 anos. Os cabelos de Rose eram finos e escorridos, o tipo de cabelo que não mantinha um cacho ou uma ondulação por muito tempo, não importava quanto fixador ela aplicasse ou por quanto tempo ficasse com bóbis na cabeça. Seus traços eram bem normais e neles não havia nada notadamente especial. Ela era, para dizer a verdade, uma garota sem graça. Rose e sua irmã, Ivy, nunca foram bonitas. Elas podiam ter dinheiro, mas Cinderela tinha beleza.

— O desjejum fica pronto em um minuto. — Ela enfiou uma madeixa

volumosa atrás de uma orelha e pegou o balde de cinzas. — Assim que eu limpar isto.

— Por mim, eu ajudava — disse Rose. — Mas mamãe diz que tenho de manter minhas mãos macias.

— Vai ser preciso mais do que mãos macias para você arranjar um casamento — murmurou baixinho Cinderela a caminho da porta.

— O que você falou?

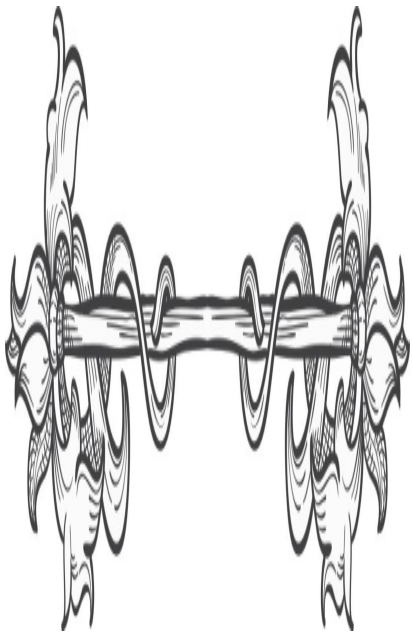
— Um rato! — O grito foi tão alto e inesperado que Cinderela, que estava com os braços doendo, deu um pulo e deixou cair o balde de cinzas, principalmente em cima do próprio casaco. — Tem um ratinho ali! — Sua madrasta gritou de novo, surgindo na porta com o rosto pálido e os cabelos ainda com rolinhos e presos com firmeza sob uma rede desde a noite anterior. — Ele desceu para a cozinha! Não pode ter rato nesta casa. Não aqui. Não agora. Não com Ivy chegando!

— O que está acontecendo aqui hoje? — Ela olhou aborrecida para a nuvem de cinza que estava assentando sobre o chão e as superfícies de seu orgulho e alegria: sua sala de jantar. — Ah, Cinderela, não temos tempo para isso. Limpe tudo logo. Quero este lugar impecável antes das nove. — Ela se virou para ir embora, mas se deteve. — Não, quero este lugar impecável antes das oito. E Rose, quando terminar o desjejum, é hora de seu tratamento facial e da manicure. Uma menina vem aqui às 9h30. Foi muito recomendada.

Cinderela baixou os olhos para suas mãos maltratadas.

— Uma manicure não ia cair mal.

— Não seja tão ridícula — repreendeu-a a madrasta. — Por que você precisa disso? Rose é filha de um conde. As pessoas estão começando a se lembrar disso. E, de qualquer modo, manicures são caras, só podemos pagar por um serviço. Agora vamos, quero tudo perfeito para Ivy e o visconde. — Ela saiu da sala, esquecendo completamente do rato e das cinzas, e Rose a seguiu, deixando Cinderela parada de pé no meio de uma pilha de poeira cinzenta. Pelo menos, estava vivendo de acordo com seu nome, pensou quando tornou a se ajoelhar e pegou uma escova e uma tina.



Ivy e seu visconde chegaram pouco depois do meio-dia, em uma carruagem maravilhosa conduzida por dois cavalos cinza perfeitamente iguais. Cinderela observou da janela a madrasta sair correndo para recebê-los, permanecendo talvez tempo demais no clima congelante só para garantir que todos os vizinhos vissem a elegante estola de inverno de pele de lobo e o azul lindo do vestido de sua filha. Cinderela achou que poderia matar por um vestido como aquele, ou mesmo por uma única volta naquela bela carruagem. Ela podia matar, mas não tinha certeza de conseguir beijar o visconde para conseguir nada disso.

Ela viu Ivy tomar o novo marido pelo braço e caminhar na direção da casa. Seu rosto pálido estava cheio de rouge, e os lábios, pintados de rosa. Até os cabelos, quase tão finos quanto os de Rose, tinham ganhado um pouco de corpo e volume. O dinheiro a estava deixando mais bela, isso era certo, mas nenhuma quantidade de luxúria podia transformá-la em uma mulher bonita. Cinderela sentiu um aperto de inveja no estômago. Tudo aquilo em Ivy era um desperdício.

O visconde era um homem jovem e nervoso de uns 30 anos, cuja face direita exibia um tique infeliz, e cujos ombros se curvavam um pouco, como se não quisesse ser notado. Ele conheceu Ivy uma vez em que ela passou em frente a sua carruagem correndo atrás de uma nota de dinheiro que estava sendo soprada pelo vento. Quando ele a alcançou, recuperou o dinheiro e a levou para casa, os dois de algum modo encontraram algo de que gostavam um no outro. E ali estavam eles, dois meses depois, já casados.

Cinderela o observava sentado em silêncio e sorrindo quando a mulher falava, não muito diferente do próprio pai, que durante quase todo o tempo agia

do mesmo modo. Mas o visconde deve amar Ivy, pensou ela, do contrário como conseguia ficar ali sentado e fingir que aquele jantar com uma peça pequena de carne assada era de algum modo satisfatório em comparação aos banquetes deliciosos que deviam ter em casa todo dia. Não havia nem uma criada para servi-los. Além de Cinderela, é claro. E apesar do fogo, a sala ainda estava um pouco fria. Ela cortou sua fatia fina de carne e a comeu lentamente, como seu pai e a madrasta estavam fazendo, para tentar evitar que o visconde percebesse como as porções deles eram bem menores que as dele e de Ivy. Até aquele momento, estava funcionando. Ele parecia absolutamente contente, mas era difícil saber, pois Ivy dominava a conversa.

— Há tantos bailes de inverno vindo por aí, mamãe — disse ela com os olhos cinza vivos de felicidade e excitação. — Você nunca viu nada igual.

— Ah, mas eu vi, querida — retrucou a mãe. — Eu me lembro de meu próprio baile de debutante. Fui a muitos bailes quando era moça. — Ela sorriu para o visconde. — Eu era muito bonita naquela época, sabia?

— E era mesmo, querida. — O pai de Cinderela finalmente entrou na conversa. — Quando a conheci, você era de tirar o fôlego.

O elogio lhe valeu um olhar penetrante da mulher, e Cinderela sabia o motivo. Ela não queria que o visconde se lembrasse de que caíra em desgraça, não quando estava tão perto de voltar a frequentar a corte após todos aqueles anos. O visconde sorriu de qualquer jeito, e Cinderela percebeu que o tique em seu rosto havia se acalmado na companhia deles. Ela não conseguia entender por quê, já que a pequena casa deles devia ser muito diferente do luxo a que estava acostumado.

— Enfim, amanhã à noite tem um baile no castelo. — Ivy olhou para o marido e sorriu. — E George e eu queríamos saber se você e Rose gostariam de ir conosco.

A mesa virou um turbilhão. A madrasta de Cinderela ficou de pé e pôs a mão sobre a boca, mas o grito agudo que emitiu por trás foi alto o bastante para ameaçar suas taças de vinho. Ivy sorria, e até o visconde corou um pouco. Rose ficou em seu lugar com a boca entreaberta, e em poucos segundos todos estavam tagarelando, um falatório de conversas e planos entusiasmados.

Cinderela retirou os pratos. Ninguém mais ia comer depois daquele anúncio, e Cinderela jamais iria a um baile.

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Sumário
Capítulo 1 - Ar e terra, luz e sombra
Capítulo 2 - Um gigante dos Montes Ermos
Capítulo 3 - Um desejo é apenas uma maldição disfarçada
Capítulo 4 - Traga-me o coração dela
Capítulo 5 - A melhor coisa é uma maldição, sabia?
Capítulo 6 - Nada de bom pode vir de uma velha bruxa
Capítulo 7 - Uma princesa desapareceu
Capítulo 8 - Um príncipe perdido e uma princesa amaldiçoada
Capítulo 9 - Vamos nos casar
Capítulo 10 - O que o pai dele ia dizer?
Capítulo 11 - O vinho nunca resolveu os problemas de ninguém
Capítulo 12 - Se vai fazer você feliz...
Epílogo